

REVISTA

DA SEMANA

R\$ 7,00 em todo o Brasil

NESTE NÚMERO

AS 10 MULHERES MAIS BONITAS DO BRASIL



JOSÉ
AMÉRICO

“DEIXEM O GENERAL LOTT EM PAZ”

As duas vidas de PUSKAS

◆ Puskas é um nome conhecidíssimo na Hungria. Um nome ligado a um personagem: o capitão do esquadrão nacional de futebol da Hungria. Durante o recente massacre russo, Puskas foi dado como morto. Uma onda de notícias (às vezes contraditórias) envolveu o famoso e idolatrado jogador. O primeiro despacho dizia «Puskas morreu em combate, vitimado por uma rajada de metralhadora». Horas depois, uma agência rival, informava: «desmentida a morte de Puskas, e tida pelos seus íntimos como muito improvável». Mas logo a seguir, uma estação de rádio, confirmava a primeira informação e dava o «atleta como liquidado pelos russos». Mas a resposta final foi dada pelo próprio Puskas (na foto ensinando futebol a crianças) quando conseguiu conversar com um jornalista. Estava bem vivo, e a notícia da sua morte havia sido espalhada tendenciosamente pelos próprios russos, interessados em provocar pânico e terror na Hungria.



DIRETOR

Helio Fernandes

COLABORADORES

Augusto Frederico Schmidt, Antônio Carlos Nogueira, Carlos Lemos, E. Tourinho, Eneida, Ely Azeredo, Fortuna, Fernando Lobo, Gilson Campos, Hermano Nobre Alves, Jorge Campos, José Roberto Teixeira Leite, Jeff Thomas, L. Junqueira, Mauro Braga, W. Guarnieri.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Hollywood Dominou o Ano Cinematográfico.....	4/7
James Dean Era Um Rapaz Muito Solitário.....	12/13
Vamos Deixar o Ministro da Guerra Em Paz.....	16/19
As Dez Mulheres Mais Bonitas do Brasil.....	26/39
Soviets Contra a Rússia.....	48/50
Juscelino — O Homem do Ano.....	58/61

HUMORISMO

Fortuna.....	52/53
--------------	-------

CAPA



Danuza, ex-modelo de Fath quando Danuza Leão. Agora Danuza Wainer, aparece pela primeira vez na capa de uma revista, e como uma das 10 Mulheres mais bonitas do Brasil. (Ektachrome de Yllen Kerr exclusivo para a REVISTA DA SEMANA).

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples — Um ano.....	Cr\$ 350,00
Seis meses.....	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano.....	Cr\$ 600,00
Seis meses.....	Cr\$ 300,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano.....	Cr\$ 700,00
Seis meses.....	Cr\$ 350,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 8,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da

Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente.....	Gratiliano Brito
Diretor-Comercial.....	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente.....	Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade.....	J. M. Costa Júnior
Diagramação.....	Victor Tapajós
Fotografia.....	A. Vieira e A. Ferreira
Desenho.....	Alberto Lima
Laboratório.....	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores.....	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-2547 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interpresa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69
Fone: 34-1569

Mandando lembranças

★ Adeus ano velho, adeus e muito obrigada por tudo que me deste de bom; muito obrigada pelos dias de sol e de alegria, muito obrigada pelas possibilidades de realizar que encontrei em teus dias. Obrigada pela luz que permitiste aos meus olhos, pelo contínuo bater de meu coração; obrigada pela minha luta e pelo meu trabalho, pela paciência com que pude suportar aborrecimentos e atravessar obstáculos sem encher de lama os meus sapatos. Adeus ano velho, adeus. Quando chegaste — lembras? — estávamos todos em alvorôco como agora estamos; nadávamos em esperanças. Vinhas como uma criança pequenina prometendo dias melhores. Vieste, ficaste, envelheceste conosco ajudando-nos a envelhecer e agora partes para que outro meninozinho possa ser recebido com as mesmas alegrias com que saudamos a tua vinda. Não é assim que são representados nas folhinhas: o ano velho caindo de velhice, o ano novo sorrindo de meninice?

★ Para mim, ano velho, não foste nem bom nem ruim; creio mesmo que te devo mais favores do que decepções. Talvez porque de ti não esperasse muito, deixaste que meu otimismo se mantivesse no seu ponto costumeiro; deixaste que eu realizasse muitos de meus desejos e se perdi alguns sonhos não te culpo a ti; culpo antes à sucessão de dias e anos a que chamamos envelhecer. Há muito tempo venho assistindo a partida de um velho ano e a chegada de um ano novo. Que posso desejar de melhor? Se estão mais descorados os meus olhos e marcadas de rugas minhas mãos e meu rosto é porque não se vive sem as marcas da vida, dias não passam sem deixar os sinais de sua passagem. Que maior problema tenho eu além do quotidiano viver? Se em cada ano, novos são os problemas de meu povo — povo do qual sou parte integrante — se os velhos problemas não são, em sua maioria resolvidos com o novo ano, tenho força e coragem para encará-los de frente e combatê-los. Sou uma voz sempre falante na multidão que protesta.

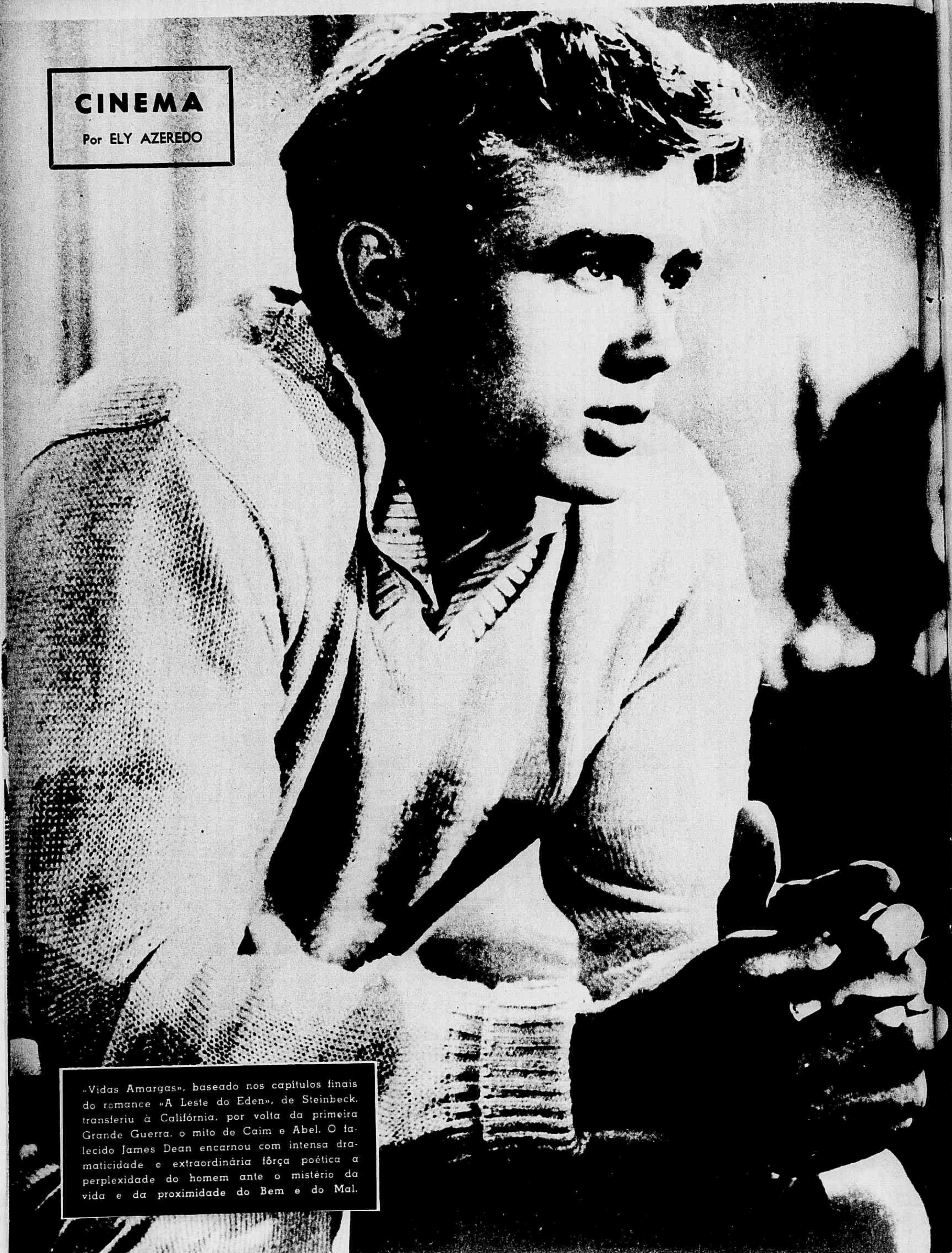
★ Adeus ano velho. Estou me despedindo de ti como uma amiga e mandando lembranças; lembranças às alegrias que me fizeste viver em muitos e muitos de teus dias. Lembranças para as melhores recordações que me deixaste; lembranças para o que foste de bom e — asseguro — nunca perdi em alegria, nenhum de teus dias. Lembranças para os desejos que realizei e dos quais nasceram novos desejos a serem realizados, lembranças para as meninas que contigo se tornaram moças, para as moças que contigo envelheceram, lembranças para teus momentos mais belos, lembranças para ti mesmo, 1956, ano velho que estás partindo hoje. Não deixas saudades porque é má a memória dos homens e o ano novo se encarrega de fazer com que te esqueçamos depressa. Nenhum ano que passa deixa saudades em ninguém, se bem que todos os velhos dias sejam marcos nas lembranças: foi em 1956 que te conheci e amei, dirão os enamorados; foi em 1956 que nasci, dirão os pequeninos depois de adultos. Foi em 1956... E ficarás assim gravado na memória de muitos.

Nada tenho contra ti. Vivi, pelo que te agradeço, ano velho, com ternura comovida esse direito que me concedeste. Adeus. Muitos adeuses e lembranças, muitas lembranças aos teus dias e noites que foram bons e belos. Adeus.

ENEIDA

CINEMA

Por ELY AZEREDO



«Vidas Amargas», baseado nos capítulos finais do romance «A Leste do Eden», de Steinbeck, transferiu à Califórnia, por volta da primeira Grande Guerra, o mito de Caim e Abel. O falecido James Dean encarnou com intensa dramaticidade e extraordinária força poética a perplexidade do homem ante o mistério da vida e da proximidade do Bem e do Mal.

♦ T
crític
maro
munc
maro
das
«O M
safr
timo
Persu
King
dirig
retan



Tennessee Williams escreveu «A Rosa Tatuada» pensando em Anna Magnani. A estrela italiana estreou em Hollywood ganhando o «Oscar» e a admiração da crítica americana. Também é a nossa «melhor do ano».

HOLLYWOOD DOMINOU O ANO CINEMATOGRAFICO

«VIDAS AMARGAS», ELIA KAZAN, ALEC GUINNESS E ANNA MAGNANI OS GRANDES DE 1956 — EM HOLLYWOOD OS FILMES CONTINUARAM CRESCENDO EM METRAGEM E ORÇAMENTO — ESTAGNADO O CINEMA ITALIANO, ASCENDENTE O FRANCÊS, PROMISSORES O ESPANHOL, O GREGO E O INDU — O JAPÃO SE ESTABILIZA COMO O MAIOR PRODUTOR DO MUNDO E CONTINUA SURPREENDENDO O OCIDENTE.

♦ Tanto as amostras vistas em nossos cinemas quanto a opinião da crítica estrangeira sobre a produção mais recente de Hollywood confirmaram em 1956 a posição de vanguarda dos Estados Unidos no **mapa mundi** da «sétima arte». Enquanto no Rio os filmes que mais se aproximaram da densidade poética e do universalismo do **Melhor do Ano**, «Vidas Amargas», eram também americanos — «Sindicato de Ladrões» e «O Mensageiro do Diabo» —, os súditos de Eisenhower conheciam uma safra de qualidade excepcional «Giant» (**Gigante**), de Stevens, o último trabalho de James Dean; «Moby Dick», de Huston; «The Friendly Persuasion» (**A Persuasão Amigável**), de Wyler; «Guerra e Paz», de King Vidor; «Sede de Viver» (**Lust for Life**), a biografia de Van Gogh dirigida por Minnelli; «Baby Doll», que Tennessee Williams escreveu diretamente para Kazan, o cineasta de «Vidas Amargas»; e muitos outros.

(Quando entre parêntesis, os títulos em português são tradução literal e podem surgir no Brasil com outros rótulos).

Nos estúdios franceses houve um sensível aumento de qualidade, a julgar pelo volume de opiniões otimistas. Lá, «Gervaise», de René Clément, o poeta de «Brinquedo Proibido», parece o «Gigante» de 1956. Renoir, com «Elena et les Hommes», ressuscitou Ingrid Bergman. Clouzot, o «Diabólico», analisou «Le Mystère Picasso». Bresson, maldito pelos comerciantes do cinema (inclusive no Brasil), conseguiu filmar «Un Condamné à Mort s'est Echappé» (**Um Condenado à Morte Escapou**). Autant Lara brilhou com «La Traversée de Paris» (**A Travessia de Paris**). E, além de «Cela s'Appelle l'Aurore» (**Isto se Chama a Aurora**), Buñuel surge com um título que vale um poema: «La Mort en ce Jardin».

Nos festivais europeus, confirmou-se o gênio do sueco Ingmar Bergman



Alec Guinness foi o maior ator da temporada carioca de 1956. Conhecido no Brasil por suas criações em algumas das melhores comédias inglesas, surpreendeu o público no papel do cardeal em «Prisioneiro do Remorso».

(Sorrisos de uma Noite de Verão) e a qualidade da vanguarda do cinema espanhol; descobriu-se um cineasta húngaro (Zoltan Fabi: «Korhinta»); surgiram boas amostras da Grécia, Japão, Índia e Alemanha Ocidental; e, entre várias decepções, os russos arrancaram elogios com um «Otelo». Os filmes japoneses, que no Brasil só os paulistas vêem com certa regularidade, continuaram produzindo impactos periódicos nos Estados Unidos e na Europa. Depois de co-produções esporádicas (Itália, Alemanha e Estados Unidos — uma com cada um), o Japão fechou um contrato para intercâmbio e co-produções regulares com a França, e construção de uma «maison du cinéma japonais» em Paris: cinema, exposições, restaurantes, etc. A produção deste ano estava prevista em 550 filmes. Não temos dúvida: além de ser quantitativamente o maior produtor do mundo, o Japão se insere entre os **Grandes** no terreno artístico. «Os Sete Samurais», que o Rio viu em janeiro, é amostra convincente, embora isolada, dessa produção.

Na Itália, como ainda não temos críticas do novo trabalho de Fellini, «Le Notti di Cabiria» (As Noites de Cabiria), só um filme nos entusiasma *a priori*: «Il Tetto», de Vittorio de Sica & Zavattini. O cinema italiano caiu verticalmente nos últimos três anos, quando, por pressão da censura, dos produtores e da própria necessidade de **superação** dos cineastas, o **néo-realismo** foi negligenciado cada vez mais. Com «Il Tetto», porém, De Sica & Zavattini permanecem fiéis ao movimento que permitiu o aparecimento de um «Ladrão de Bicicletas».

O decepcionante cinema brasileiro chegou a dezembro com boas perspectivas de segurança econômica. E será objeto de uma próxima reportagem da «Revista da Semana».

SITUAÇÃO EM HOLLYWOOD

Os novos processos panorâmicos, ao menos provisoriamente, tranquilizaram os magnatas de Hollywood. Enquanto vendem seu estoque anterior a 1948 e fazem filmes especialmente para a televisão, as grandes companhias se empenham em projetos cada vez mais ambiciosos, seguindo a diretriz de «oferecer ao espectador o que escapa às possibilidades da TV». Os filmes continuam crescendo. Depois de ampliarem a imagem com o «Cinemascope» e similares, os produtores começaram a fazer com frequência fitas de duas horas ou mais de projeção. Vimos este ano «Eles e Elas», com duas horas e 29 minutos. Em breve assistiremos a «A Volta do Mundo em 80 Dias», que tem 175 minutos, «Giant», com 198, «Guerra e Paz», com 208, e (do megalomaniaco Cecil B. de

Mille) «Os Dez Mandamentos», com 219 minutos, isto é, três horas e 39 minutos!

Com «A Volta ao Mundo em 80 Dias», o produtor Michael Todd, amplia em escala internacional a façanha de Sacha Guitry, que reuniu quase todos os «cartazes» do cinema francês em «Se Versalhes Falasse...». Veremos naquela história de Júlio Verne a maior constelação já reunida em um filme: David Niven, Cantinflas, Robert Newton, Shirley MacLaine, Charles Boyer, Joe E. Brown (o Bôca Larga), Martine Carol, Ronald Colman, Noel Coward, Marlene Dietrich, o toureiro Dominguito Fernandel, Sir John Gielgud, o dançarino José Greco, Sir Cedric Hardwicke, Trevor Howard, Glynis Johns, Buster Keaton, Evelyn Keyes, Victor McLaglen, John Mills, George Raft, Gilbert Roland, Cesar Romero, Frank Sinatra, Red Skelton; e ainda Peter Lorre, Edmund Lowe, John Carradine, Charles Coburn, Finlay Currie, Reginald Denny, Andy Devine, Hermione Gingold, Mike Mazurki, Alan Mowbray, Jack Oakie, Basil Sydney, Ronald Squire, Harcourt Williams, Beatrice Lillie... e outros. Custou de cinco a seis milhões e houve atores que receberam dez mil dólares para atravessar a rua ou dizer uma frase. E Todd já começou a reunir outro elenco-monstro para interpretar «A História da Humanidade», de Van Loon, enquanto a Fox se apresta a filmar «The Greatest Story Ever Told» (A Maior História já Contada), isto é, o Novo Testamento.

PROBLEMAS DE HOLLYWOOD

A televisão não é a única explicação para o decréscimo da frequência nos cinemas americanos, que antes da crise representavam dois terços das rendas de Hollywood e hoje cobrem apenas a metade — o resto cabendo ao mercado externo, dificultado pelas medidas de proteção aos cinemas nacionais. A TV continua em expansão — invadiu este ano as pequenas cidades e o campo no **Deep South** —, mas o americano, que nunca esteve tão próspero, não está escravizado à sala de estar. Muitas outras «indústrias» de **hobbies** e diversões concorrem com as salas escuras: esportes aquáticos, boliche, pesca, filatelia, e, entre outros **hobbies** caseiros, a carpintaria, a eletrônica — o «Do-It-Yourself» (Faça você mesmo), enfim. Segundo o **Do-It-Yourself Information Bureau**, esses «operários amadores» gastam sete milhões anualmente com ferramentas e material. Não pagaram as experiências com processos de «pay-as-you-see-TV» (TV paga) para exibição regular de filmes produzidos para os cinemas, mas nos anos imediatos, pelo menos até à generalização da TV em cores, a situação do mercado exibidor não sofrerá alterações importantes. A indústria está hoje de olhos fixos nas bilheterias dos cinemas que exibem vários filmes de custo superior a quatro milhões. O maior «suspense» é em torno de «Os Dez Mandamentos», a produção mais cara de todos os tempos: cerca de 12 milhões de dólares o custo declarado. O futuro de Hollywood na forma atual poderá ser lido nos **borderaux** desses filmes.

A renovação no quadro de atores e diretores, o afrouxamento do velho código de censura prévia, o aumento da produção em preto-branco e, principalmente, a multiplicação dos produtores independentes — eis os fatores responsáveis pelo atual nível de qualidade de Hollywood. A Meca do Cinema está eliminando aos poucos a tirania que exercia sobre seus cidadãos. E' dia a dia mais numeroso o número de produtores que filmam na Europa, em Nova York e outros pontos do país. Não são poucos os cineastas atentos à afirmação de Kazan: «O cinema americano ainda não descobriu a América».

OS MELHORES FILMES

Selecionando os melhores de 1956 seguimos a praxe de só levar em consideração filmes estreados em salas comerciais, em sessões normais (pelo menos durante alguns dias), entre primeiro de janeiro e 23 de dezembro — data da elaboração desta reportagem. Porém, com as informações de que dispomos sobre os cartazes programados para os últimos dias do ano, podemos assegurar que pelo menos a lista dos «melhores filmes» não seria diferente se redigida em primeiro de janeiro. Em nossa opinião só houve um grande filme. E' com ele que iniciamos a seleção.



O ano foi fértil em revelações de diretores, mas nenhum recém-chegado impressionou tanto quanto Robert Aldrich, que nos deu «O Último Guerreiro» em 1955. Apesar da história, «A Morte num Beijo» é o melhor atestado do talento de Aldrich como narrador. Dirigiu «A Grande Chantagem» e Vera Cruz». Na foto: Percy Helton, Ralph Meeker e Gaby Rodgers.

1. VIDAS AMARGAS (East of Eden), produzido e dirigido por Elia Kazan. **Script** de Paul Osborn, baseado em capítulos finais do romance de John Steinbeck. «Cinemascope» e «Warnercolor». Warner, Hollywood, 1955.
2. SINDICATO DE LADRÕES (On the Waterfront), produzido e dirigido por Elia Kazan. **Script** de Budd Schulberg, baseado em reportagens de Malcolm Johnson. Produção de S.P. Eagle, distribuída pela Columbia, Hollywood, 1954.
3. UM AMANTE SOB MEDIDA (Monsieur Ripois/Knave of Hearts), dirigido por René Clément. **Script** de Hugh Mills e Clément, baseado no romance «Monsieur Ripois et son Némésis», de Louis Hémon. Diálogos de Raymond Queneau e Mills. Produção de Paul Graetz (Paris) e Transcontinental (Londres), realizada na Inglaterra, 1954. Distribuída no Brasil pela Universal.
4. O OURO DE NÁPOLES (L'Oro di Napoli), dirigido por Vittorio de Sica. Argumento e **script** de Cesare Zavattini, De Sica e Giuseppe Marotta, baseado em contos do livro de Marotta. Produção Ponti-De Laurentiis, Itália, 1955. Distribuído no Brasil pela Paramount.
5. O MENSAGEIRO DO DIABO (The Night of the Hunter), dirigido por Charles Laughton. **Script** de James Agee, baseado em novela de Davis Grubb. Produção de Paul Gregory, distribuída pela United Artists, Hollywood, 1955.
6. MARTY, dirigido por Delbert Mann. Produtor associado e **scripter**: Paddy Chayefsky. Baseado em sua peça de TV. Produção Hecht-Lancaster, distribuída pela United Artists, Hollywood, 1955.
7. PRISIONEIRO DO REMORSO (The Prisoner), dirigido por Peter Glenville. **Script** de Bridget Boland, baseado em sua peça teatral. Produzido por Vivian A. Cox, Columbia, Inglaterra, 1955.
8. OS SETE SAMURAI (Sichinin No Samurai), dirigido por Akira Kurosawa. **Script** de Kurosawa, Shinobu Ashimoto e Hideo Oguni. Produção Toho, Japão, 1954. Distribuída no Brasil pela Art Films.
9. FÉRIAS DE AMOR (Picnic), dirigido por Joshua Logan. **Script** de Daniel Taradash, baseado na peça de William Inge. «Cinemascope» e «Technicolor». Produção de Fred Kohlmar, para a Columbia, Hollywood, 1955.
10. A GRANDE CHANTAGEM (The Big Knife), produzido e dirigido por Robert Aldrich. **Script** de James Poe, baseado na peça teatral de Clifford Odets. Distribuído pela United Artists, Hollywood, 1955.

OUTROS «MELHORES»

Diretores — (1) Elia Kazan, com «Vidas Amargas» e «Sindicato de Ladrões». (2) René Clément, «Um Amante sob Medida». (3) Robert Aldrich, «A Morte num Beijo» e «A Grande Chantagem»; também dirigiu «Vera Cruz». (4) Akira Kurosawa, «Os Sete Samurais». (5) Charles Laughton, «O Mensageiro do Diabo». (6) David Lean, inglês, «Quando o Coração Floresce». (7) Vittorio de Sica, «O Ouro de Nápoles». (8) Joshua Logan, americano, «Nunca fui Santa» e «Férias de Amor». (9) William Wyler, de Hollywood, «Horas de Desespêro». (10) Henri-Georges Clouzot, francês, «As Diabólicas».

Atores — (1) Alec Guinness, inglês, com «Prisioneiro do Remorso» e «O Cisne». (2) Marlon Brando, com «Sindicato de Ladrões»; também apareceu em «Eles e Elas». (3) James Dean: «Vidas Amargas» e «Juventude Transviada». (4) Gérard Philipe: «Um Amante sob Medida». (5) Ernest Borgnine: «Marty». (6) Henry Fonda: «Mister Robert». (7) William Holden: «Férias de Amor». (8) Humphrey Bogart: «A Nave da Revolta». (9) Jack Hawkins: «Prisioneiro do Remorso» e «A Bela e o Gato». (10) Friedrich March: «Horas de Desespêro».

Atrizes — (1) Anna Magnani: «A Rosa Tatuada». (2) Maria Schell: «A Ponte da Esperança». (3) Katherine Hepburn: «Quando o Coração Floresce». (4) Susan Hayward: «Eu Chorarei Amanhã». (5) Julie Harris: «Vidas Amargas». (6) Ida Lupino: «A Grande Chantagem». (7) Danielle Darrieux: «Amor Traído» e «Alexandre Magno». (8) Marilyn Monroe: «Nunca fui Santa» e «O Pecado Mora ao lado». (9) Alida Vali: «A Sedução da Carne». (10) Judy Holiday: «Demônio de Mulher».



Rod Steiger e Marlon Brando na famosa «conversa de irmão para irmão» de «Sindicato de Ladrões». O melhor coadjuvante, um dos grandes atores e um dos melhores filmes do ano. Ambos saíram do «Actors' Studio».



Jo Van Fleet como aparece em «Eu Chorarei Amanhã», no papel da mãe de Susan Hayward. Em «Vidas Amargas», envelhecida por uma caracterização impressionante, teve seu melhor trabalho. Foi também brilhante numa ponta que fez em «A Rosa Tatuada», estrelado por Anna Magnani.

Atores Coadjuvantes — (1) Rod Steiger: «A Grande Chantagem», «Sindicato de Ladrões», «Seu Último Comando» e «Ao Despertar da Paixão». (2) Paolo Stoppa: «O Ouro de Nápoles». (3) Raymond Massey: «Vidas Amargas». (4) Arthur Kennedy: «A Fúria dos Justos»; apareceu como protagonista em «Madrugada de Traição». (5) Frederic March: «Alexandre Magno»; apareceu como protagonista em «Horas de Desespêro». (6) Arthur O'Connell: «Férias de Amor» e «Nunca fui Santa». (7) Everett Sloane: «A Grande Chantagem». (8) Edmond O'Brien: «A Condessa Descalça». (9) John Williams: «Ladrão de Casaca» e «O Dia D». (10) Juano Hernandez: «A Fúria dos Justos» e «Decisão Amarga».

Atrizes Coadjuvantes — (1) Jo Van Fleet: «Vidas Amargas», «A Rosa Tatuada» e «Eu Chorarei Amanhã». (2) Betty Field: «Férias de Amor» e «Nunca fui Santa». (3) Shelley Winters: «A Grande Chantagem» e «O Mensageiro do Diabo». (4) Lillian Gish: «O Mensageiro do Diabo» e «Paixões sem Freios». (5) Martha Scott: «Horas de Desespêro». (6) Germaine Montero: «Um Amante sob Medida». (7) Jean Hagen: «A Grande Chantagem». (8) Susan Strasberg: «Paixões sem Freios» e «Férias de Amor». (9) Eileen Heckart: «O Amor Nunca Morre» e «Nunca fui Santa». (10) Jessie Royce Landis: «Ladrão de Casaca» e «O Cisne».

Fotografia Preto-e-Branco — (1) «Sindicato de Ladrões»: Boris Kaufman. (2) «O Mensageiro do Diabo»: Stanley Cortez. (3) «A Rosa Tatuada»: James Wong Howe. (4) «A Morte num Beijo»: Ernest Laszlo. (5) «Horas de Desespêro»: Lee Garmes.

Fotografia em Cores — (1) «A Sedução da Carne»: G.R. Aldo e Robert Krasker. (2) «Vidas Amargas»: Ted McCord. (3) «Quando o Coração Floresce»: Jack Hildyard. (4) «French Cancan»: Michel Kelber. (5) «Férias de Amor»: James Wong Howe.

Música — (1) Leonard Rosenman: «Vidas Amargas», «Juventude Transviada» e «Paixões sem Freios». (2) Alessandro Cicognini: «Quando o Coração Floresce» e «O Ouro de Nápoles». (3) Roman Vlad: «Um Amante sob Medida». (4) Alex North: «Eu Chorarei Amanhã» e «A Rosa Tatuada». (5) Dimitri Tiomkin: «Terra dos Faraós».

Melhor Comédia Musical: «Eles e Elas». Melhor **ballet**: «Louise», de Agnes de Mille, em «Carrossel». Melhores figuras em musicais: Cyd Charisse («Dançando nas Nuvens» e «Viva Las Vegas!»), Gene Kelly («Dançando nas Nuvens»), Jean Simmons, Frank Sinatra e Vivian Blaine («Eles e Elas»), Doris Day («Ama-me ou Esquece-me») e Dolores Gray («Dançando nas Nuvens»).

A SEMANA EM REVISTA

(Fotos DIÁRIO CARIOCA)

QUEM FALOU EM LILIAN ROTH?

◆ Instituído para sagrar a melhor reportagem do ano, «O Prêmio Esso de Reportagem», vem se destacando de ano para ano. Contribui para isso a honestidade com que é distribuído o prêmio e a isenção com que a comissão julgadora (sempre muito bem escolhida) concede as honrarias. Este ano o prêmio maior (50 mil cruzeiros) coube a José Leal, pela sua reportagem auto-biográfica abordando o problema do alcoolismo. O repórter, dominado durante certo tempo pela bebida, contou corajosamente sua história, depois de completamente recuperado. Sua esposa (foto) agradece o prêmio (em nome do marido) viajando em missão jornalística.



VERA (12 anos) E HELENA (16 anos) MORRERAM ATROPELADAS

◆ Com a morte de Helena, completou-se a tragédia que se iniciara com o atropelamento em Botafogo. Horas depois do desastre, morria a primeira vítima, Vera, de 12 anos. E 2 dias depois, morria sua irmã Helena, de 16. Não há dúvida que o motorista dirigia em excessiva velocidade (ai pela casa dos 100 quilômetros). Mas também não há dúvida que se revelou um homem de sensibilidade, quando, sabendo da extensão do drama que (involuntariamente) provocara, atravessou a garganta com um punhal. No momento em que escrevemos esta nota, também o motorista Geraldo de Carvalho está entre a vida e a morte, emprestando cores ainda mais trágicas a um episódio doloroso. O enterro das meninas (que eram bandeirantes) foi emocionante, marcado pelo desespero dos pais e de suas amigas.



UM BARCO E 6 DESTINOS

◆ Uma balsa, apenas presa a uma bóia e abandonada na Guanabara com 6 marujos dentro, esteve por vários dias simulando o naufrágio e vagando ao sabor das ondas. Objetivo: constatar a excelência das provisões da Marinha num caso de naufrágio verdadeiro. Os fuzileiros-cobaias portaram-se com heroísmo, e apesar de terem perdido (cada um) mais de

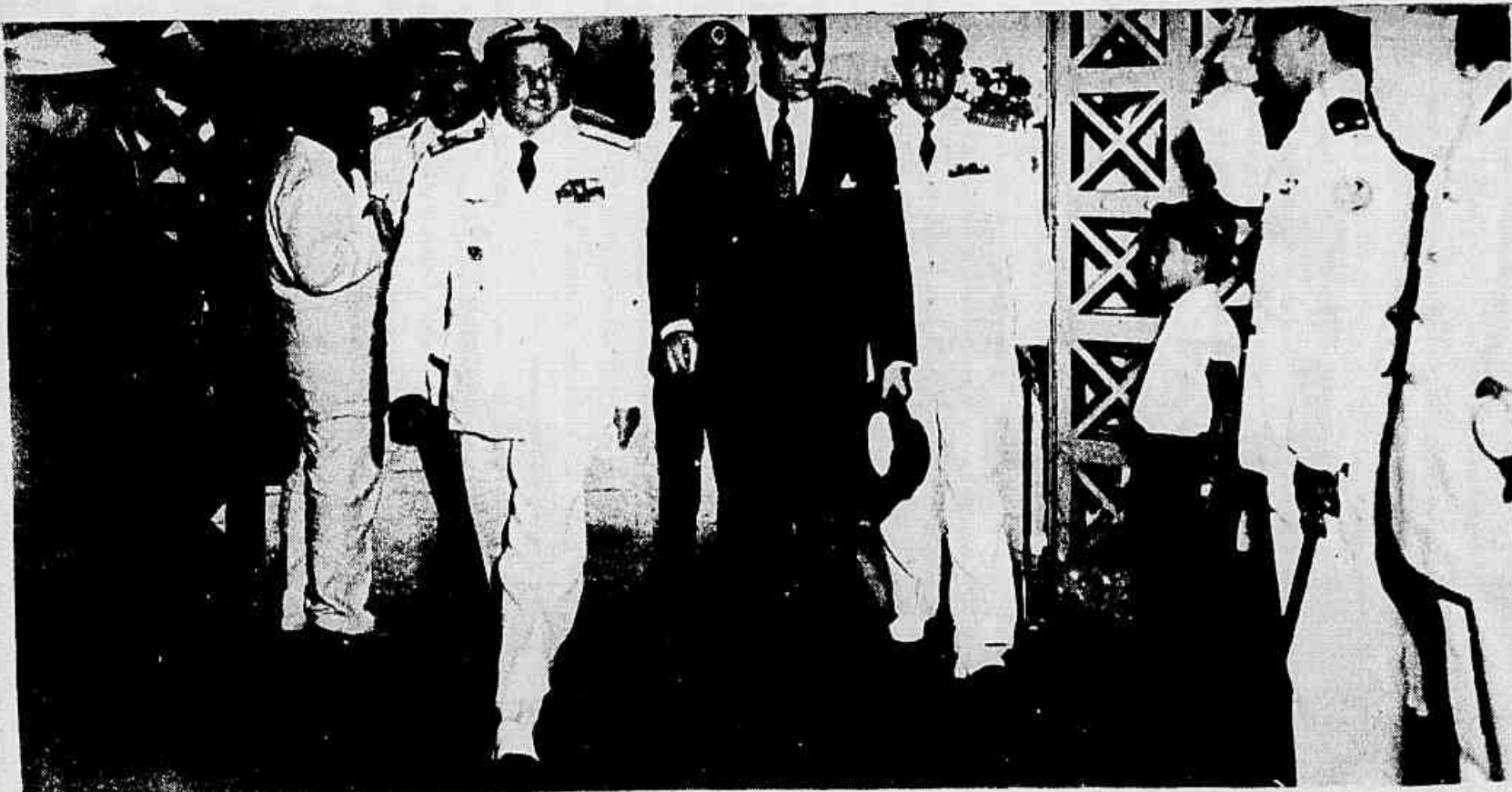
2 quilos de peso, fizeram questão de levar a experiência até o fim. O boletim médico constatou que apesar da perda de peso e da dieta severíssima, (apenas água) os marujos estavam em bom estado físico e moral, prontos, quando terminasse a experiência a enfrentar um «rancho» melhorado e reforçado de dia de festa.



O CRUZEIRO FICOU MENOR

◆ Num esforço para liquidar a chamada crise do trôco, a Casa da Moeda colocou em circulação quase 1 milhão de cruzeiros em moedas de 10, 20 e 50 centavos e 1 cruzeiro. Como curiosidade, registre-se que o cruzeiro agora ficou menor e tem o tamanho do antigo tostão. Como se vê, se a inflação diminui o poder aquisitivo da moeda, os fabricantes não ficam atrás, e lhe reduzem também o tamanho. Eis aí um caso que não parece pura coincidência. Quem teve a idéia de diminuir o tamanho da moeda não estaria querendo se vingar da sua desvalorização real?





64 NOVOS OFICIAIS DA AERONÁUTICA

◆ Na Escola de Aeronáutica, mais uma turma completou o curso. Discursando, o Comandante da Escola, brigadeiro Reinaldo de Carvalho (um dos mais moços generais da FAZ), disse aos novos oficiais: «A vossa vida profissional será de contínuos estudos e aperfeiçoamentos, ascendendo na carreira que escolheis. Ao vos dizer adeus, permiti-me aconselhar que vos deveis

manter sempre, como oficiais respeitosos à lei e à ordem, crendo no futuro glorioso do nosso querido Brasil.» O Presidente Juscelino Kubitschek compareceu, e (na foto) aparece precisamente quando transpunha a entrada da Escola. Vê-se também o Ministro Henrique Fleiuss, o brigadeiro Reinaldo de Carvalho e (mais atrás) o gen. Nelson de Melo.



RETRATO DE PORTINARI

◆ Antônio Calado cansado de ser escritor, resolveu tentar a pintura. E começou precisamente fazendo o retrato de um pintor: Cândido Portinari. E, publicado o livro, autor e personagem se reuniram no Museu de Arte Moderna e autografaram a obra para os seus milhares de admiradores. E coisa inédita: fêz-se fila para obter o livro de Calado. E na foto, Portinari sorridente, autografa um volume para um fã mais ansioso. O maior pintor brasileiro pôde ver nesse dia quanto é querido e admirado.



POLÍCIA RODOVIÁRIA

◆ Acaba de ser criada e já está em plena atividade a Polícia Rodoviária, corporação diretamente subordinada ao Departamento de Estradas de Rodagem da Prefeitura do Distrito Federal. O engenheiro Adolfo Aguiar (foto) Diretor deste importante departamento do Serviço Público municipal, vem prestando ao Prefeito Embaixador Negrão de Lima e, conseqüentemente, ao povo carioca, inestimáveis serviços na esfera de suas múltiplas atribuições.



EDUARDO GOMES, TESTEMUNHA OCULAR DA HISTÓRIA

◆ O Brigadeiro Eduardo Gomes, e mais os srs. Guedes Muniz e Silvio Heck (foto) depuseram (como testemunhas de defesa) no processo movido contra o jornalista João Duarte Filho. Os 3 afirmaram que os artigos do sr. João Duarte não tiveram repercussão nas forças armadas, nem contribuíram para desagregá-las. O Brigadeiro, que já foi da libertação, fêz carga cerrada contra o gen. Lott, a quem chamou de traidor. E tentando desagregar (êle também) a chama-

da frente militar que possibilitou o movimento de 11 de novembro de 1955, declarou que a maior figura do exército no momento e o seu grande pacificador, é o gen. Zenóbio da Costa. Que dirá a isso o general Henrique Teixeira Lott? Foi bastante notada a atitude pouco militar do sr. Guedes Muniz, que falava em altas vozes, dava gargalhadas e se mantinha sempre em atitude não condizente com o alto posto que ocupa na F.A.B.

LINS DO RÉGO X ATAULFO DE PAIVA

★ O assunto ultrapassou o âmbito puramente literário e se derramou pelos jornais, provocando inclusive a ausência do escritor, do vespertino tradicional em que escrevia há longos anos.

Depois do discurso pronunciado na Academia a questão virou enquete e todos se perguntam: o sr. José Lins do Régio tinha o direito de atacar o sr. Aaulfo de Paiva?

Inicialmente, é preciso situar o discurso do sr. José Lins do Régio na área da interpretação da obra do sr. Aaulfo de Paiva e não como "ataque" puro e simples. Interpretando a obra do seu antecessor, o sr. José Lins do Régio tinha todo o direito (e até diríamos obrigação) de colocá-la nos seus devidos termos. E a verdade, mesmo que essa verdade atinja um morto, é que o sr. Aaulfo de Paiva, não merecia ter pertencido ao Supremo Tribunal Federal e muito menos a Academia de Letras.

Quando o sr. Lins do Régio afirma que o sr. Aaulfo de Paiva chegou a Academia sem uma obra literária e ao Supremo sem um parecer substancial, não está se afastando um milímetro da realidade. E essa realidade, os defensores do sr. Aaulfo de Paiva não conseguiram destruir, nem sequer abalar. O que lhes pareceu desproposado (e até herético) foi o fato do sr. José Lins do Régio ter feito essas afirmações num momento que a praxe e o protocolo reservaram exclusivamente para elogios. Mas ainda aí cabem louvores ao sr. Lins do Régio por ter reformado um hábito insincero e anacrônico que não se ajusta mais ao caráter polêmico do nosso tempo.

Os defensores do sr. Aaulfo de Paiva, conseguiram apenas provar uma coisa que todo mundo já sabia: que êle era um homem bom, dedicado e preocupado com os problemas da infância enferma e desvalida. Sofria realmente com o sofrimento dos outros, e sua aparente frivolidade e devoção aos hábitos mundanos, esconderia e disfarçaria apenas o benfeitor de toda uma coletividade.

Prova e incontestada portanto a afirmação do sr. Lins do Régio. E certa também a tese de que o sr. Aaulfo de Paiva era um homem bom e preocupado com os semelhantes (e que só por isso teria chegado ao Supremo e a Academia), resta apenas um caminho: reformar urgentemente os Estatutos da Academia e o preceito constitucional que regula a escolha dos membros do Supremo Tribunal Federal. No primeiro caso deve ser eliminada a exigência de bagagem literária; no segundo, os candidatos não precisarão mais possuir "notável saber jurídico".

Assim, a Academia e o Supremo se colocarão ao alcance dos milhares (quase diríamos milhões) de cidadãos com os mesmos defeitos e as mesmas virtudes do sr. Aaulfo de Paiva. E que de outra maneira não poderiam galgar o olimpo literário e jurídico, por não possuírem o seu notável senso de se acomodar às realidades e comodidades do poder. Quaisquer que fossem seus ocupantes.

Filhos sadios

As crianças sadias acham prazer nas menores cousas. Elas próprias inventam e confeccionam, com alegria, muitos dos seus brinquedos, porque a sua boa disposição física lhes permite ser activas, esportivas e bem-humoradas.



É, de facto, uma verdade incontestável que a inteligência, o espírito inventivo se desenvolvem mais livre e harmoniosamente num sadio organismo infantil.

Os médicos estão sempre ensinando e lembrando que a fraqueza, uma alimentação mal orientada, o funcionamento deficiente dos órgãos, as doenças, enfim, são causas frequentes de atraso no desenvolvimento físico e mental das crianças. Todas as pessoas esclarecidas sabem o quanto pode a infância influir — favorável ou desfavoravelmente — na vida adulta de cada ser humano. Uma meninice com saúde é património precioso, é indiscutível factor de êxito: Os pais devem, portanto, empregar os maiores esforços para que seus filhos possam contar, no futuro, com essa apreciável reserva de energia.

Sentir-se-á, decerto, muito mais feliz a criança inteligentemente cuidada, o petiz robusto que imagina jogos divertidos e constrói, com poucos meios, pequenos mecanismos engenhosos, do que o garoto doentio, vítima da inesperienza dos pais, o qual, mesmo rodeado de bonitos brinquedos, será, na maioria dos casos, desanimado e irritável.

Grande inimiga da saúde é a prisão de ventre, essa intoxicante atonia muscular dos intestinos, tão comum nas crianças e nos adultos, e da qual resultam perturbações gástricas, abatimento, falta de apetite, mau hálito, nervosismo, erupções na pele e outros distúrbios mais sérios.

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e os desarranjos gastro-intestinais. De acção suave e sabor agradável, Ventre-Livre é largamente usado pelas mães experientes e preferido pelas crianças, tanto no Brasil como nos demais países onde penetrou.

Não esquecer nunca:
Ventre-Livre não é purgante

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias. Acaba de aparecer a 16ª edição deste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Todas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, é o substituirá. Quem possuir um exemplar deste livro tem sempre ao seu dispor médico e farmácia.

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e solidamente encadernado Cr\$ 160,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SAO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembolso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875 — CAPITAL e RESERVAS Cr\$ 179.107.824,70

SEDE: RUA DO OUVIDOR, 93/95 — Telefone 43-8986

End. Electr.: «BANCOCIO» — Caixa Postal 633

AGÊNCIAS METROPOLITANAS

AGÊNCIA MEIER: Rua 24 de Maio, 135 — AGÊNCIA TIJUCA: Praça Saenz Peña, 9 — AGÊNCIA SÃO CRISTÓVÃO: Rua São Luiz Gonzaga, 173 — AGÊNCIA RIACHUELO: Rua Riachuelo, 367 — AGÊNCIA URUGUAIANA: Rua Uruguaiana, 7 — AGÊNCIA COPACABANA: Avenida N. S. Copacabana, 1155 — AGÊNCIA MADUREIRA: Estrada da Portela, 44.

AGÊNCIA NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO: Rua Álvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213.

FALANDO AO LEITOR

Chamamos a atenção dos leitores para a colaboração de Hermano Nobre Alves. É o mais bem informado e mais seguro de todos os comentaristas brasileiros que escrevem sobre assuntos internacionais.

★

A sra. Ruth Vasconcelos, quer saber o que é o «estroncio 90». Rubem Braga fez uma excelente reportagem sobre isso. É a chamada poeira da morte. No mundo todo, ela tem provocado as mais estranhas reacções: icterícias, enxaquecas, nevroses e outras manifestações. 2 milhões de crianças já mostram sinais de deformação causada pelas radiações atômicas. E são cientistas da maior importância que fazem essa afirmação. E ainda recentemente nos EE.UU. foram capturados insetos, que com as emanções radioativas assumiram formas estranhas e gigantescas.

★

Os srs. Aldo Roberto e Raimundo Viana enviam saudações ao Presidente Juscelino por ter vetado o projeto dos automóveis e perguntam se o Congresso manterá o veto. Enviamos as duas cartas ao Palácio do Catete. O veto será mantido, com toda a certeza. Mas só depois de 1 de fevereiro, é que o Congresso se manifestará.

★

O sr. Arnaldo Lemos viu nos jornais que vão aos EE.UU. os ministros da Guerra, Aeronáutica e Fazenda, e quer saber para que. O ministro Fleiuss, desmentiu categoricamente que vá se ausentar do país; o sr. Teixeira Lott não foi categórico, mas parece que no momento não sairá realmente do Brasil. Quanto ao sr. Alkmim parece que a notícia é verdadeira. Iria ele tratar novamente da questão de tarifas, e de um empréstimo no EXIMBANK. Mas ainda não tem data marcada.

★

O sr. Mário Menezes de Albuquerque, quer saber a razão desse barulho que a Censura anda fazendo com os biquínis teatrais. Vedetismo do diretor da Censura, sr. Mário. Assumiu há pouco o cargo e está querendo rapidamente fazer cartaz. Mas dizem que ele é um homem puro e até coerente. Pois vai à praia de terno completo e só quando o calor aperta muito (e por insistência dos amigos) consente em tirar os sapatos e desapertar a gravata. E faz questão de não olhar de maneira alguma para as moças de biquíni. É um homem evoluído, como se vê.

★

Fortuna continua firme nas páginas da nossa revista. É um dos melhores humoristas brasileiros. Sério, procurando sempre se renovar e descobrir novos efeitos humorísticos.

★

Também vimos a notícia, sr. Rodolfo. Não sabemos qual é o repórter que está coligindo dados para uma reportagem «bomba» sobre o ambiente de suborno e corrupção que domina o esporte carioca. Mas que gostaríamos de publicar esta reportagem não duvide. O esporte carioca é um caso de polícia. Veja o que fizeram agora com o nobilíssimo Carlito Rocha. Os homens decentes e responsáveis já vão se afastando. Dentro em pouco, o esporte será dominado inteiramente pela escória.

★

Ely Azeredo retifica um ponto de sua última reportagem «Jennifer Jones à Procura do Segundo Oscar». Por um lapso, «Duelo ao Sol» foi citado como insucesso comercial, quando, segundo os dados fornecidos por «Variety», sua receita foi de 11.300.000 dólares até 31-12-1955 (excluída a parte dos exibidores). Naquela data, ocupava o sétimo lugar entre as maiores «bilheterias» de todos os tempos.

PELAS CARTAS SE CONHECE O GIGANTE!

Esta é uma verdade documentada :



- **MAIS DE 1.000 MUNICÍPIOS** - representando 10 **MILHÕES** de ouvintes, deram esta resposta :

**“Ouvimos a RÁDIO RECORD perfeitamente.
É a Emissora mais ouvida nesta localidade.”**

- 10 **MILHÕES** de pessoas, em todo o Brasil, aguardam a mensagem de propaganda de seu produto, que pode conquistar novos mercados, novos fregueses, clientes novos, ligados que estão à

RÁDIO RECORD - Emissora de cobertura nacional

50.000 Watts - Ondas curtas de 19, 25, 31 e 49 mts.



* AS cartas recebidas estão à disposição dos interessados nos escritórios da RÁDIO RECORD — Quintino Bocaiuva, 22 — SÃO PAULO.



James Dean consentiu em vestir um «smoking» para conduzir Pier Angeli a uma recepção. Não resta dúvida que, considerando a intemperividade do ator americano, tal fato se reveste de grande significação.

JAMES DEAN

ERA UM RAPAZ

MUITO SOLITÁRIO

Reportagem de MAURO BRAGA

ANA MARIA PIERANGELI (QUE FOI O ÚNICO AMOR DE JAMES DEAN) E QUE ESTAVA EM ROMA NO DIA DE SUA MORTE, FALA, NESTA ENTREVISTA, SOBRE O SAUDOSO ASTRO (E HOJE IDOLO) DO CINEMA.

◆ Ao chegar a Roma com seu marido Vic Damone, Ana Maria Pierangeli deparou-se consigo mesma ao encarar o problema James Dean. Acontece que a capa de um semanário trazia uma de suas fotografias tirada havia dois anos.

— Fizeram isto de propósito? — Indagou Pierangeli. — Publicaram essa fotografia por saberem que eu ia chegar?

A resposta foi negativa. Era um caso de rotina jornalística sem segundas intenções. Todavia, nas páginas internas do semanário havia um breve registro sobre o romance de amor que aconteceu entre Pierangeli e James Dean.

— De que falam vocês, nessa reportagem? — Perguntou Vic Damone, interessado.

Filho dos italianos Rocco Farinola e de Domenica Damone, Vic só compreende a língua italiana quando falada pausadamente e mesmo assim só entendia algumas palavras.

— De que falam? — Repetiu.

Parecia desconfiar de alguma coisa.

— De nada — respondeu Pierangeli, em inglês.

Passavam agora pelas ruas da velha Roma: Praça Navona, Chancelaria, Praça Farnese, Largo Argentina. Enquanto isso, Vic fotografava tudo o que via: homens, mulheres, crianças, animais. A fotografia era o seu «hobby», e sempre andava com uma máquina toda apetrechada com filtros os mais variados, lentes as mais perfeitas. Realmente, o homem tinha ares de profissional. Se lhe dissessem que as suas fotografias eram melhores que as de Cartier Bresson ficava mais orgulhoso do que se comparassem sua voz à de Frank Sinatra; e cem dólares ganhos com sua arte fotográfica lhe proporcionavam mais satisfação do que dez mil ganhos cantando.

Mas acima de tudo, gostava de fotografar Pierangeli, sua esposa, a quem votava verdadeira adoração. Tratava de apanhar-lhe todas as expressões faciais, todos os ângulos. Quando as imposições do trabalho os separavam, Vic mandava para a esposa, uma mensagem amorosa em fotografia, com o seu último pensamento romântico nela inscrito.

Estão casados há mais de dois anos, e a sua vida conjugal parece ser calma, tranqüila, burguesa. Se estão casados para viver juntos e se Vic vai recusar o filme que lhe propuseram, fazer na Itália no início do próximo ano, será pelo fato de Ana Maria não poder ficar ao seu lado ligada como está ainda por um ano e meio à M.G.M.

— Hei de fazer esta experiência — disse Vic, ansioso para trabalhar num filme italiano. — Isto para mim é uma grande experiência, compreende?

— Mas porque razão estamos casados? Se estamos casados é para viver juntos, não é? — Responde Pierangeli. — Se depois, como é muito provável, iremos fazer «Ben Hur» na Itália, tudo se ajustará da melhor maneira possível. Agora, deverei permanecer na Itália por cinco meses. Traremos Perry conosco.

SUSCITAVA NA JOVEM ATRIZ UM SENTIMENTO MATERNAL

Eis a história: Pierangeli e Vic falam sobre sua vida comum, sobre a criança, sobre as pequenas coisas domésticas, porém, não falam nunca do saudoso James Dean. Jimmy está morto há mais de ano, e não é mais que uma sombra, uma sombra do passado, não obstante a lenda que existe em torno de sua pessoa e do lugar que Ana Maria ocupa nesta legendária história — o lugar da única mulher que foi amada pelo infeliz ator.

Mas agora é quase impossível distinguir e separar a verdade da lenda na vida de Jimmy. Apenas um ano depois da dolorosa tragédia, a voz do povo do mundo inteiro, bem orquestrada por uma poderosíssima onda publicitária, envolveu num clima inteiramente parecido ao que se seguiu à morte de Rodolfo Valentino.

Para o caso James Dean e Pierangeli, os psiquiatras encontraram logo uma explicação: «James Dean despertava na jovem atriz um pro-

fundo sentimento maternal». E acrescentavam, com seriedade: «A sua atitude de adolescente angustiado, constantemente ameaçado, fazia com que a juventude moderna se identificasse com ele».

— «Era um rapaz muito solitário» — disse Pierangeli. — «Não tinha mais que três ou quatro amigos...»

Vic se aproximou; havia acabado de tirar uma fotografia de um motorista adormecido dentro do seu táxi.

— «De que estão falando vocês?» — Perguntou.

— «De nada importante» — respondeu a esposa.

De modo que os psiquiatras tinham razão: tratava-se, evidentemente de um sentimento maternal aguçado. Jimmy e Ana Maria se encontraram pela primeira vez quando ele filmava «Vidas Amargas».

Hollywood não estava disposta a compreender e a suportar as suas extravagâncias, nem ele tinha complacências para com Hollywood. O aspecto infantil e a espontânea ternura italiana de Pierangeli o encantaram desde o início. Havia encontrado um verdadeiro «anjo». E Paul Newman, um ator seu amigo que naquela época trabalhava com Pierangeli no filme «O Cálice de Prata», contou posteriormente que nunca em sua vida vira James Dean tão alegre e feliz como quando começara a sair com Pierangeli.

Certa noite, Jimmy bateu na porta da casa de Pierangeli. Entrou sobraçando vários discos de música clássica, que colocou na eletrola um após outro. Depois retirou-se precipitadamente sem dizer mais que dez palavras. Mas antes, ao ver a sra. Enrica, mãe de Pierangeli, perguntou:

— «Quem é esta mulher?»

— «É minha mãe» — disse Ana Maria.

— «Ah!» — disse ele, sem se levantar e sem dizer «muito prazer em conhecê-la». Continuou a escutar música, como se não houvesse acontecido coisa alguma. A sra. Enrica sentiu-se mal.

O rapaz, como eventual pretendente à mão de Pierangeli, já estava julgado. Mais por este fato do que pelas notícias de Hollywood. E depois, não era católico.

UM «FLIRT» SEM SOLUÇÃO

No sentido conformista, Pierangeli exerceu sobre James Dean uma benéfica influência: a sua estranheza diminuiu, tornou-se mais calmo e mais sociável e chegou mesmo a vestir um «smoking» para acompanhá-la a uma recepção. Mas, teria, realmente, pensado em casar-se com ela? E Ana Maria pensou verdadeiramente em desposá-lo? Entretanto, depois de quatro meses que se conheciam, a lenda que criaram em torno da figura do infeliz rapaz que podia ter sido salvo pelo amor, provocou a ruptura. Foi aliás culpa exclusiva da sra. Enrica.

Mas Ana Maria possui um caráter menos fácil do que na realidade parece. A proibição de uma coisa desejada havia causado o efeito oposto. E começaram a falar do «flirt», que terminou porque, naturalmente não tinha solução. (De fato, só se começou a falar da grande paixão, algum tempo depois da morte de James Dean, quando muitas moças principiavam a escrever para Pierangeli falando românticamente de um amor impossível entre os dois). Dois meses após a ruptura, Ana Maria desposou Vic Damone e James Dean impeliu a sua máquina para fora da pista, a fim de vê-la numa última curva, a qual jamais completaria. Foi isto o que aconteceu em Fairmont. Valeria a pena precisar isto, corrigir o caráter de um episódio, restituir o justo sentido a uma frase? O terreno é muito apropriado para a lenda, e Pierangeli, nesta lenda, é a figura do anjo cuja força retráida impediu a salvação de um homem. Que outra mulher desempenhou na vida atormentada de James Dean papel mais importante que Ana Maria Pierangeli? Nenhuma. Nem Terry Moore, nem Natalie Wood, nem Ursula Andress, e nem sequer Lori Nelson. Somente a terna e bela atriz italiana teve o grande privilégio de suscitar amor no coração do mais infeliz dos atores modernos.

— Éramos apenas dois bons amigos — disse Pierangeli. — E ele precisava muito de amigos.

Vic Damone estava na janela tirando fotografias na companhia do seu gatinho. Logo aproximou-se:

— De que estão falando? — Perguntou.

Sua curiosidade era incrível; queria intrometer-se em tudo.

— De nada importante — respondeu novamente Pierangeli.

Apertaram-se as mãos e se beijaram. Para esta mulher feliz, esposa de um homem simples e bom, para esta mãe cheia de orgulho do seu pequeno Perry, James Dean não passava de uma recordação, de uma imagem de um querido amigo que não conseguiu encontrar o equilíbrio existencial e que, como toda a juventude moderna, não logrou resolver o problema da angústia e da inquietação.

De uma banca de jornaleiro, uma outra revista trazia na capa, uma fotografia em que se salientava o olhar tímido e doce de James Dean. Ana Maria Pierangeli guardou um exemplar.

— Estão falando muito sobre ele — disse ela. — Coisa que, aliás, não deviam fazer. Pois ele odiava a publicidade com todo o seu coração.

Pierangeli, a única mulher que James Dean amou na vida, encontra-se aqui ao seu lado, numa foto raríssima. Diz-se que a bela e terna atriz italiana exerceu uma benéfica influência sobre o mais infeliz dos artistas modernos.





ESSES MOÇOS LÁ DOS PAMPAS

FERNANDO LÔBO

◆ Em terras do sul nasceram estas vozes, vozes belas e harmoniosas que se juntaram sob o nome de «Conjunto Farroupilha». Desde que deixaram os pampas e em terras cariocas pisaram, estes jovens imediatamente foram notados como um grupo de artistas autênticos. Seus programas no rádio, na televisão, suas apresentações em «boites» e festivais, num instante fizeram com que o «Conjunto Farroupilha» fosse recebido como um cartaz dos maiores. O seu repertório é um verdadeiro passeio por tôdas as terras do Brasil. Ouvi-los é caminhar com âles de norte a sul da nossa terra, aprendendo com exatidão as mais lindas, as mais ternas e as mais brasileiras de tôdas as canções. Com âles dançamos e cantamos o ritmo gaúcho da «Chimarrita» que nos aponta festas coloridas. Este grupo de jovens artistas soube bem traçar um plano artístico e seguir caminhando por âle com segurança e precisão. Geralmente os conjuntos comprometidos com Estados de doses fortes de música própria — como o Rio Grande do Sul, a Bahia, Pernambuco e outros mais, se sentem na obrigação de nos entregar APENAS o que é de sua terra. Esse tempo já está fora de moda. Um conjunto nos dias presentes, ou mesmo uma intérprete — como Inesita Barroso — seguem mais para longe a sua jornada artística e apanha para dizer a seu modo tudo que há de nosso nos mais variados pontos.

Para conferir esta minha opinião sobre estes gaúchos basta ouvir o seu último L.P. (Odeon — MODB-3058) onde âles se exibem como autênticos intérpretes não só das canções e cantigas de sua terra gaúcha, como ainda são os mesmos, inteirinhos repetindo uma toada paulista, um samba carioca, uma cantiga de Caymmi, e até mesmo um maracatu de Pernambuco. Há em tudo o que âles apresentam, um absoluto equilíbrio de bom gosto e uma ousadia que nasce da certeza do tamanho de arte que carregam dentro do peito. Assim âles se mostram quando cantam o «E' de Tororó», de Capiba, ritmo de difícil dizer e de mais difícil entender aos que cresceram e viveram em terras do sul. Mas o Conjunto Farroupilha sabe caminhar bem e realizar em cada harmonização um trabalho magnífico e sobretudo honesto. Irão longe esses jovens por conta da juventude que têm como tesouro, pela força de arte que herdaram, pelo bom gosto que sabem querer. A não ser que amanhã, um dia de sol forte, de sedução, os atraia para os boleros, ou as versões e sejam âles mais um conjunto, apenas lembrado como «aquele do tempo que cantava bonitos».

FOTOGRAFIA CURIOSA — Este é o «Conjunto Farroupilha» que num golpe de vento miniano subiu ao cartaz dos mais altos. Ele é da lista dos «melhores de 1956». Da esquerda para a direita: Danilo, Estrela D'Alva, Iná, Alfeu e Tasso. Danilo é irmão de Iná e marido de Estrela D'Alva. Iná é esposa de Tasso. E Alfeu primo de todos. Um ensaio fácil de ser realizado, pois não?

MARLENE, A ESTRELA IRREQUIETA

◆ Foi por volta de 1940 que surgia na Tupi uma moça, mais para menina, com direito a cantar naquele microfone pois vinha do de mesmo nome, lá em S. Paulo. Já trazia — e talvez muito mais — esse tom berrante de presença, esse impacto de luz muito forte aos olhos dos que a viram. Naquele tempo o rádio era ainda coisa pequena e pequeno demais para o sonho que já traçara aquela mocinha paulista que no rádio começara como locutora de anúncios em programas femininos. Ela, bem sabia que o segredo era entrar, ficar sentada e esperar somente que os homens de mando notassem a sua presença e a presença de sua arte. Soube esperar bem. Agitada como sempre, Marlene é uma espécie de encarnado, branco e preto, que chama atenção logo que os olhos a descobrem. O seu verdadeiro nome, Vitória Boinaiute — o sangue italiano está dentro dele — não era bom para sacudir ou fazer estrelas. Nasceu então Marlene sem sobrenome; Marlene só e sua caminhada tem sido apenas acompanhada pela sua arte, pelo que ela sozinho traça e realiza sem ouvir ninguém. E tem vencido. E tem sabido escolher os caminhos. O seu sonho maior, no entanto — depois de ter chegado ao microfone da maior estação do Brasil, de ter feito cinema e brilhado no teatro, de ter sido muitas vezes rainha — era o de cantar o samba brasileiro lá fora, na mesma base e ritmo de sucesso alcançados pela nossa Carmem Miranda. Fêz uma tentativa na Europa, num tempo em que não era oportuno e viu nulo o seu resultado. Agorinha mesmo ganhou a oportunidade de ver a América, numa permanência relâmpago, num jato de presença, num baile de público variado, mesclado, chato mesmo, sem julgamento de arte. Mesmo assim brilhou. Não fosse terem entregue a batuta da festa ao que não é maestro Carlão Machado

e, tudo teria sido melhor para a estrela. Ele misturou tudo, confundindo o «Waldorf-Astória» com as suas casas noturnas e tratou de levar mulher bonita como «argumento» para o espetáculo que iria mostrar. Acabou não mostrando nada. Mostrou samba vestido de rumba e fêz a moça Sílvia Fernanda cantar «Aquarela do Brasil» — coisa que jamais ela teria coragem de fazer aqui! E Marlene — que havia sido convidada para se apresentar sozinho, com Ari Barroso — de repente se viu envolvida nesta onda machadiana que tem agora um santo forte, protetor de seus dias e padrinho honorário de suas moças bonitas. Por conta dessa eterna irresponsabilidade brasileira a nossa música perdeu mais uma «chance» de ser vista e ouvida honestamente. Carlos Machado levou seus «cupinchas»: Pires do Rio, Amílcar e outros de sua roda de picadinhos baratos, para que continuassem lá o bate-papo da esquina do «Sacha's». Marlene e o samba foram esquecidos na lista do organizador. Ele estava preocupado com outras coisas, mas se acordou cedo deve ter visto que Nova York não é uma cidade tão pequena, nem cabe dentro dela certos «vigarismos» que até Paris aceita. Marlene terá outra oportunidade!



QUATRO ABRAÇOS SÃO NOTÍCIAS



ISAURINHA E ALBERTO RUSCHEL — Numa festa da «Record», quando a estrela comovida era eleita a rainha do Rádio Paulista esta foto foi batida. Um abraço apertado pelo astro do cinema brasileiro que lá fora tão bem tem escrito o nome da nossa terra. Isaurinha, agora já sem coroa, continua sendo ainda a maior cantora da paulicéia e sem nunca ter se seduzido pelas grandes propostas cariocas. E' de São Paulo e seu quartel general é a «Record», assim diz ela.



CÉSAR DE ALENCAR E DIRCINHA COSTA — A estrela quando lê o «coquetel» para o seu nome artístico não agradou muito a outra Dircinha Batista. O Costa não deu muito trabalho pois com este sobrenome muitos têm vivido em paz pelo rádio. Pegou pela Dircinha. Mas a moça que agora é São Paulo-Rio lançou um samba velho estilo de «Betty Boop» que tem agradado a alguns. Ela aqui está abraçada por César de Alencar que também tem programas na paulicéia.



WILLIAM DUBA E EMILINHA — Quando vai chegando esta hora de lançar as músicas de Carnaval as estrelas ficam mais dóceis e aceitam sem faltar os variados convites que lhe são feitos pelas outras emissoras. Na fotografia vemos Emilinha Borba comparecendo a um programa de William Duba (Metropolitana). Nos meios radiofônicos fala-se no noivado deste animador com a estrela Violeta Cavalcanti, da Rádio Nacional. Mas não há nada ainda confirmado.



ANGELA MARIA E CARMEM MIRANDA — Quando Carmem nos viu pela última vez, depois daquela ausência tão grande, achou tudo mudado em matéria de samba. Declarou depois que achava Elisete Cardoso e Angela Maria duas magníficas cantoras. Naquele tempo Angela era mesmo muito mais simpática e mais calma (não se fotografava de «maillot» nem com a boca sempre aberta. Carmem foi para a distância e Angela conta cédulas de mil que é o seu «hobby».

Em matéria de discos

◆ **SÍLVIO CALDAS** com o seu último L.P. está ganhando — sem saber — uma infinidade de prêmios. Sílvio não é de fazer cabala, nem de ter retrato para fã, nem de usar coroa, nem faixa. Nunca foi «melhor», nunca foi rei, mas todo mundo sabe e os outros cantores também, que o caboclinho é quem mais canta. Disco de «Ouro» nas mãos.

A «Polydor» nos dá com o Regional de Santana um L.P. «Dançando na Gafieira» e nele as seguintes músicas: «Feitiço da Vila», «Trincado», «Nêgo na Gafieira», «Odeon», «Se Acaso Você Chegasse», «Bico Doce», «Chorinho na Avenida», «Delicado». A fábrica «Odeon» no seu suplemento de março lançará dois L.Ps., um com Carolina Cardoso de Menezes e outros, sob o título «Sua Excelência — o Samba Canção», com sambas como «Molambo», «Brasa», «Prece», «Siga» e muitos outros.

A «Vitor» nos entrega o primeiro L.P. de Stelinha Egg: «Músicas do Nosso Brasil». Aparecem neste disco as seguintes músicas: «Luar do Sertão», «Prenda Mia», «Recado de Yemanjá», «O Vento», «Baião de Diamantina», «Lamento Negro», «Lenda do Abaeté» e «O Mar». Também naquela marca (RCA) o Trio de Ouro nos dá o seu primeiro L.P.: «Trio de Ouro e seus sucessos», «Ave Maria no Morro», «Índia», «Negro Telefone», «Noites do Paraguai», «Outra Vez», «Rancho da Serra», «Cidadão Bolero», e finalmente «Eu não sou baiano, não!».

◆ MÚSICA DE FILMES EM L.P.

«Música irregistrável de Benny Goodman»: com aquele clarinetista norte-americano e seu famoso quarteto. Também um L.P. de Agostin Lara e outro de Consuelo Velasquez.

◆ PARA OS QUE GOSTAM DE «BALLET»

Aconselhamos o L.P. N° BRL-138 (RCA Victor) sob o título «Ballet Egípcio», de Luigini, com Arthur Fiedler e a Orquestra de Boston «Pops».

Do colega «Ouvinte Desconhecido» esta magnífica nota: «Os rios caudalosos que correm tumultuosos contra barrancas de pedra têm sempre nos remansos contrarcorrentes de intensidade proporcional à violência das águas das corredeiras. Assim também, certos sucessos artísticos rápidos demais baseados mais na febre histórica de um grupo do que na filtragem serena da seleção natural coletiva, trazem na sua enxurrada rebojos violentos de reação, tão insensatos às vezes quanto a própria febre que os originou. Aqui, no cenário radiofônico brasileiro, temos vários exemplos característicos desse fenômeno, mas hoje vamos apenas contar uma história relacionada com o cantor norte-americano Elvis Presley (The Pelvis) o mais frisante exemplo do gênero de sucesso que poderemos cha-

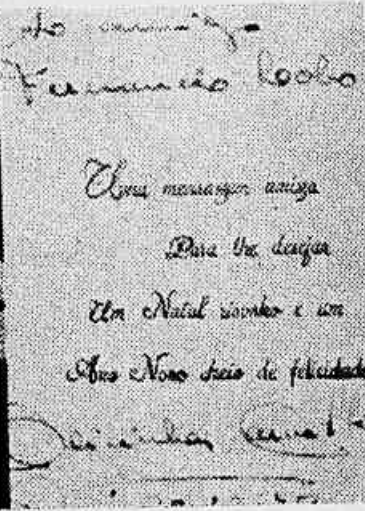
mar de «negativo», pois empolgando a milhões de adolescentes pelo mundo agora, exaspera a outros incontáveis milhões de menos adolescentes.

O episódio ocorreu na cidade de Cincinnati, nos Estados Unidos.

Um vendedor de automóveis usados, Don Melch, publicou recentemente nos jornais dali o seguinte anúncio:

«Garantimos quebrar 50 discos de Elvis Presley na sua presença se você comprar hoje um dos automóveis que temos à venda».

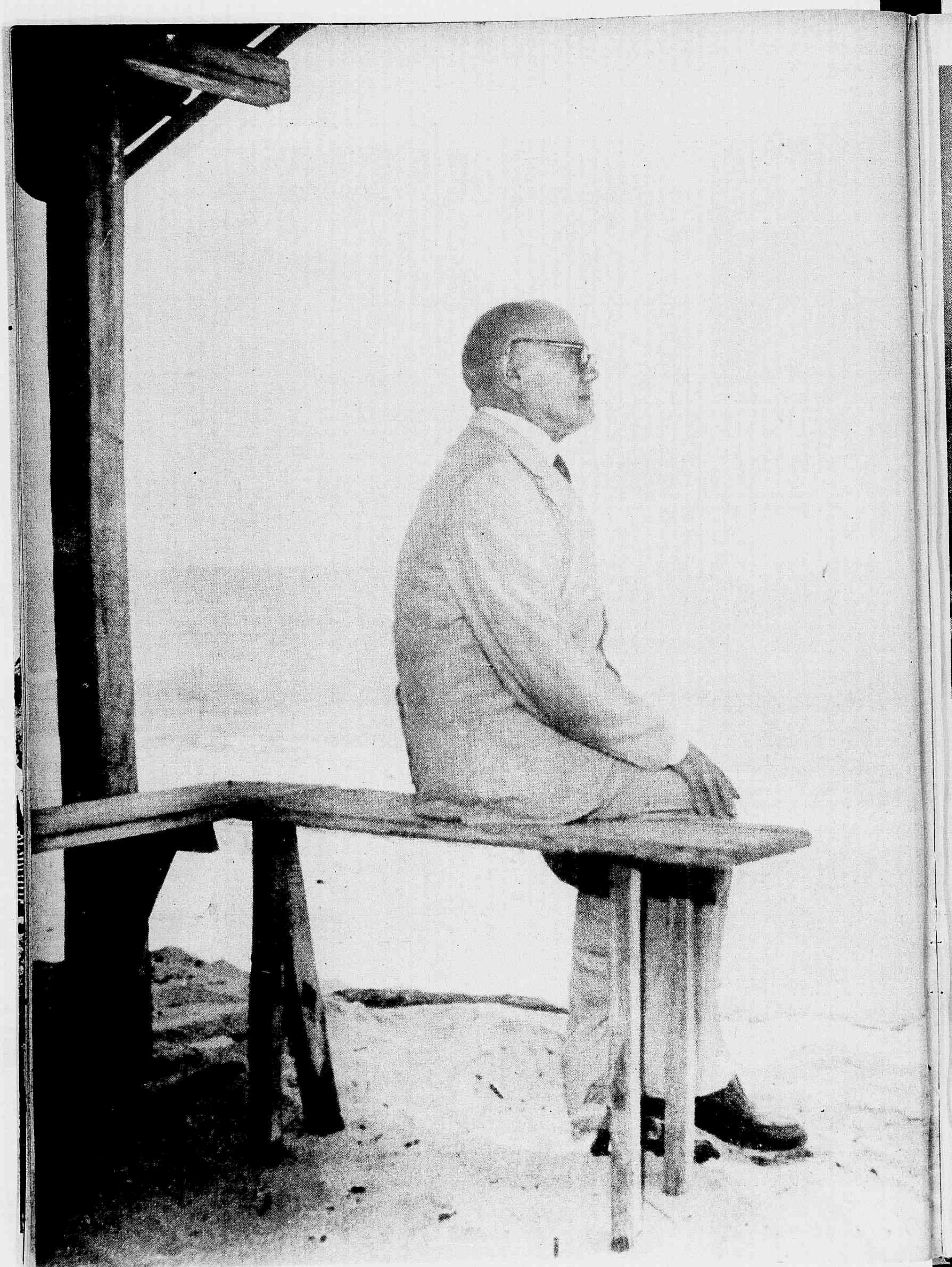
Cinco dos carros foram vendidos no mesmo dia, e dezessete outros negociados. A clientela avolumada pelos exaltados antifãs do cantor reboante não resistiu ao prazer de ver o auto-de-lé dos discos do rapaz. (O GLOBO, 18-12-1956).

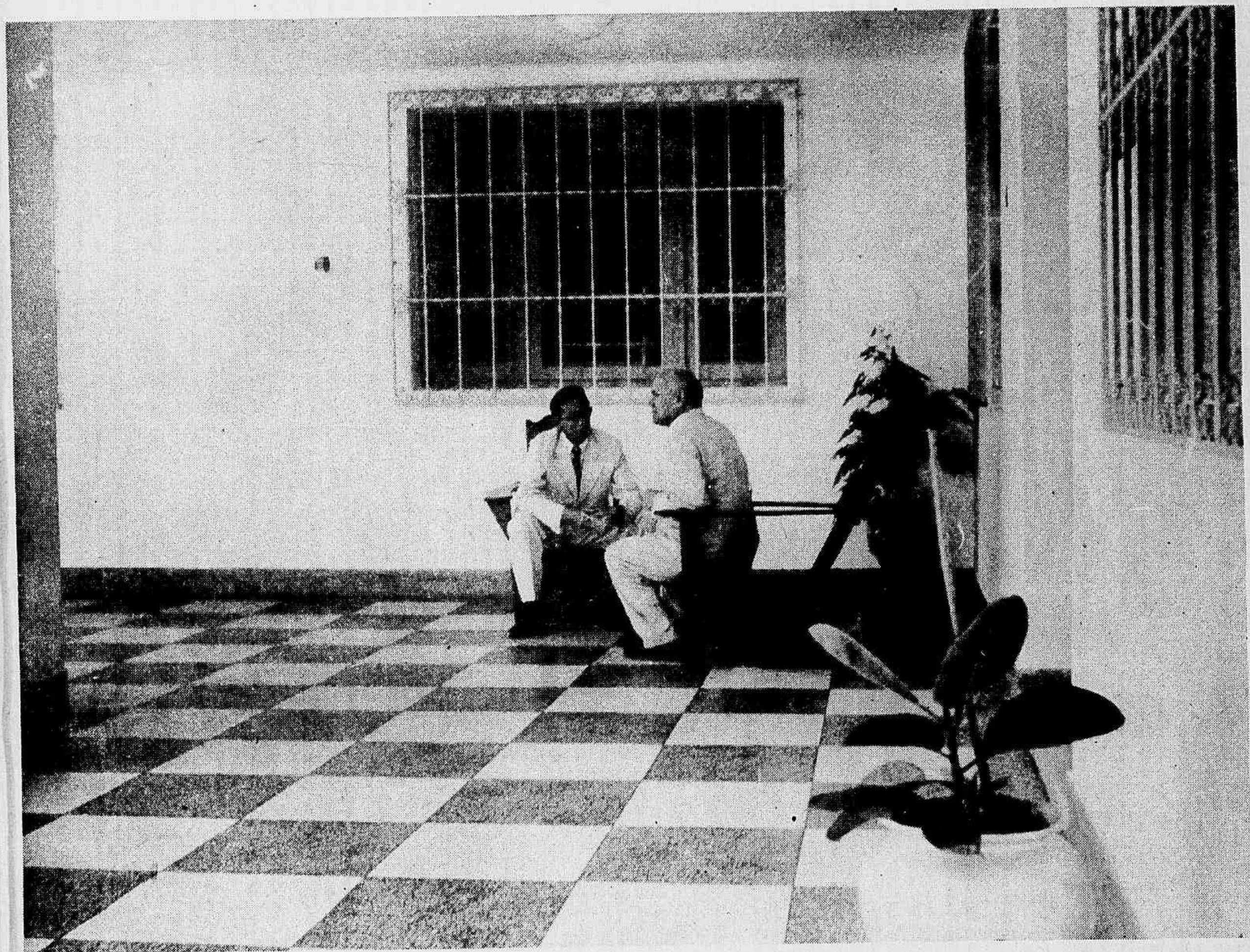


CAIXA POSTAL

RECEBEMOS — Cartões de boas festas dos Irmãos Vitalli, de Othon Russo, da Colúmbia do Brasil S.A., Ema D'Ávila, Herivelto Martins, Mara Abrantes, Olivinha Carvalho, César e Renata Fronzi e filhos, Aloísio de Oliveira. De Buenos Aires chega um bonito cartão de Linda Batista. Também João Araújo (Fábrica Odeon), «Irmãs Marinho» e Neusa Maria. Os mais originais ilustram esta página: César Ladeira e Olivinha Carvalho.

TODA CORRESPONDÊNCIA deverá ser endereçada à redação desta revista, para esta página: **ASTROS E ESTRELAS DO RÁDIO** — Fernando Lôbo. Os leitores que quiserem fotografias, notícias ou informações de seus preferidos no rádio, bastam escrever e tudo receberão pela volta do correio. A «Revista da Semana» fica na Rua Visconde de Maranguape, 15, Lapa, Rio de Janeiro.





José Américo deu uma folga ao revolucionário, mas não está de maneira alguma, ausente dos grandes problemas e das grandes preocupações nacionais. Na foto, conversando com o repórter ele vai desfilando suas esperanças.

JOSÉ AMÉRICO, DE SEU RETIRO FECHADO:

VAMOS DEIXAR O MINISTRO DA GUERRA EM PAZ

FOI ESCREVER, NA PARAÍBA, SUAS MEMÓRIAS E TERMINOU MAGNÍFICO REITOR DA UNIVERSIDADE — O REVOLUCIONÁRIO E LUTADOR DEU UMA TRÉGUA A SI MESMO — ESTÁ LONGE DOS ACONTECIMENTOS POLÍTICOS NACIONAIS — BOAS RELAÇÕES PESSOAIS COM O PRESIDENTE JK — NAS HORAS VAGAS, PLANTA COQUEIROS E VERDURAS

Texto : GUERRA DE HOLANDA

Fotos : HÉLIO POLITO LOPES

Ha quasi
UM SÉCULO

MILHARES DE HOMENS
EM TODO O BRASIL
PREFEREM ESTE
CALÇADO



Calçado SOUTO

UMA TRADIÇÃO DE ELEGÂNCIA E QUALIDADE

SENSACIONAL

ROUGE em PÓ

Mme Campos



CR\$ 39,90

NAS BOAS CASAS E NOS SALÕES DE BELEZA E PLÁSTICA DE

Mme. CAMPOS

A melhor limpeza de pele do Rio.

Assembléia, 115 - 1º - Tel. 22-1184

RIO

QUER TER BOA LETRA?

matricule-se no curso por correspondência da
ESCOLA DE CALIGRAFIA "DE FRANCO"
Rua General Osório 724 — São Paulo

A BELEZA DOS SEIOS

Quando a busto for insuficiente ou sem firmeza, use **BEL-HORMON** nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use **BEL-HORMON** nº 2. **BEL-HORMON**, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BEL-HORMON

Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 708
Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BEL-HORMON» Nº
NOME Nº
RUA
CIDADE
ESTADO

Preço no varejo Cr\$ 88,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 125,50
Por Vale Postal Cr\$ 113,00

REVISTA DA SEMANA

7 CRUZEIROS
EM
TODO O BRASIL

ÚLCERAS VARICOSAS

FERIDAS CRÔNICAS E ECZEMAS DOS MEMBROS

São eliminados, com facilidade, em 90% dos casos, com a aplicação, em média, de quatro Ataduras Compressivas

UNAPASTE

A venda nas boas farmácias

COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 70,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.



NA praia de Cabo Branco, no Estado da Paraíba, reside, aposentado, o ministro José Américo. Aposentado — esclarecemos — é força de expressão, pois José Américo é daqueles que carregam pedra enquanto descansam. E é o que ele tem feito, ultimamente. Logo que se aposentou do Tribunal de Contas escolheu seu Estado natal, como um campo de repouso. Refugiou-se em uma das mais belas praias do Nordeste em companhia de sua esposa — dona Alice Almeida — para escrever suas memórias. Queria paz de espírito e silêncio, dando uma trégua ao revolucionário que sempre foi, ao idealista que ainda não deixou de ser. E foi precisamente por isso, que aceitou, contrariando seus propósitos, o pedido dos universitários de João Pessoa, a Reitoria da Universidade da Paraíba. Político de personalidade marcante, com adversários terríveis em sua terra, sua nomeação não podia ser ponto pacífico. Seus inimigos «mexeram os pauzinhos», procuraram negar-lhe mais essa posição de evidência, alegando que José Américo não fazia parte do corpo docente da Universidade. Era, apenas, professor «honoris causa». Mas se os estudantes o queriam, para que contrariar os estudantes? Se seus adversários, por portas e travessas, pretendiam levar a melhor, insinuando objeções aparentemente legais, iria para a luta. E disputou mais uma batalha. Foram feitas consultas aos órgãos técnicos da República e o parecer do Ministério da Educação lhe foi favorável. Hoje, José Américo é, para todos os efeitos, o Magnífico Reitor da Universidade da Paraíba e sua casa é um viveiro de estudantes.

AS MEMÓRIAS

E as memórias, dr. José Américo? — «Estão interrompidas — respondeu, enquanto nos servia uma dose de whisky. A Universidade absorve todo meu tempo. Era minha intenção escrever apenas a história da política brasileira, da revolução de 30 até o golpe de 37. Depois que fiz esse trabalho, minucioso e documentado, tive a idéia de ampliá-lo, escrevendo outro volume, de 37 a 45 e da redemocratização dos costumes políticos do país aos nossos dias. E juntarei, em mais de um volume, um capítulo inicial, partindo dos dias longínquos da infância até minha formatura em Direito, quando iniciei minha vida pública.»

Não foram precisamente essas as palavras ditas pelo ministro José Américo. Ao repórter não quis ele conceder uma entrevista, com esse caráter, mais sério, de entrevista. Apenas conversaria cordialmente, tratando de assuntos gerais. O momento era, com efeito inoportuno, pois a Universidade estava em festa, na manhã em que o visitamos, com a solenidade da formatura da primeira turma de concluintes da Faculdade de Filosofia. E eu estava comprometido com um amigo, o sr. Renato Diniz, a ir assistir a u'a missa celebrada em Esperanto, parte do programa das solenidades com que alguns paraibanos comemoravam a fundação de seu «Lar Esperantista». Na residência do sr. Renato Diniz continuamos a nossa conversa.

«ESTOU LONGE DE TUDO.»

«Você me dispense, por hoje, de falar sobre os acontecimentos políticos brasileiros. Estou longe de tudo, nem, sequer, leio os jornais do Rio. Não posso, portanto, opinar sobre esses acontecimentos. Dou-me, pessoalmente, com o presidente Juscelino Kubitschek e me lembro de que ele esteve com minha candidatura à Presidência da República em 1937. Minha preocupação, agora, no entanto, é a de trabalhar pela Universidade, tirando partido de minhas amizades em benefício dela.» Como insistíssemos no assunto, José Américo esclareceu: «Não pense que deixo de me pronunciar a respeito da política nacional, por conveniência ou comodidade. Não! Gosto muito, aliás, de falar ao pessoal da imprensa. Acho, até mesmo, que é uma obrigação de nossa parte esclarecer a opinião pública a respeito do que se passa nas altas

JOSÉ AMÉRICO



Sou um homem que deseja paz para si e para os outros, diz o líder José Américo. E a sua pose descansada e confiante, revela que suas palavras não são ocas e vazias. Representam realmente um anseio e um estado d'alma.

esferas do País. Mas aqui de longe, perdido nesta praia, onde cultivo meus coqueiros e minha horta, seria uma levandade de minha parte, qualquer pronunciamento de ordem política.

Um dos presentes perguntou ao Ministro e Reitor que achava da espada de ouro que fôra presenteada ao general Teixeira Lott. José Américo fêz um ar de riso e respondeu: «Acho que lhe fica melhor a espada de aço. Mas vamos deixar o ministro da Guerra em paz...»

NAO TEM MUITA ESPERANÇA

Lutador e idealista, o escritor José Américo não tem muita esperança em dias melhores para o Brasil. Percebe-se de suas palavras, um desencantamento que, entretanto, não chega a ser pessimismo. Em 1930, ele e seus companheiros de Revolução se batiam pela conquista do voto secreto. A corrupção dos políticos inutilizou quase essa conquista. O voto secreto perdeu seu valor. «É preciso, agora, que todos os brasileiros de boa vontade se empenhem numa campanha salvadora. A do voto honesto, isto é, do voto sem fraude, do voto que não foi adquirido a peso de ouro. Só o bom voto pode escolher o bom administrador. E o Brasil poderá ainda vir a ser uma grande Nação, desde que bons exemplos venham de cima. Querer exigir-se conduta correta, apenas, dos humildes, é um erro. Todos devemos ser honestos. Essa honestidade não poderá ser conseguida, como muita gente supõe, através de uma revolução. Tenho experiência própria de uma revolução. O idealismo de um grupo é sufocado pela ganância dos adesistas de última hora.»

FIM DE JORNADA

O repórter devia regressar ao Recife, de onde escreveu estas notas. O resto do tempo de que dispúnhamos foi gasto em um rápido passeio pelo pomar que o ministro José Américo organizou nos terrenos de sua casa. A terra — como diz Pero Vaz de Caminha — é boa e em se plantando nela tudo dá. José Américo é, também, dessa opinião. O que a terra quer é tratamento do agricultor. E nos mostra seus coqueiros que dão frutos róseos e da côr do marfim. São variedades pouco conhecidas, difíceis de serem encontradas, mesmo. «Divido meu tempo entre a Universidade e este pomar. Logo depois de Ano-Bom irei ao Rio, inteirar-me dos acontecimentos. Aí então estarei em condições de falar sobre os grandes acontecimentos brasileiros.»



RIO DE JANEIRO

38

VIAGENS POR DIA cada meia hora

HORÁRIOS (ida e volta)

0,40 - 1,10 - 5,40
6,40 - 7,40 - 8,40
9,40 - 10,40 - 11,40
12,40 - 13,40 - 14,40
15,10 - 16,10 - 18,40
21,40 - 22,40 - 23,10
23,40

2 paradas para lanches
e refeições.

AGÊNCIAS DE EMBARQUE:

SÃO PAULO

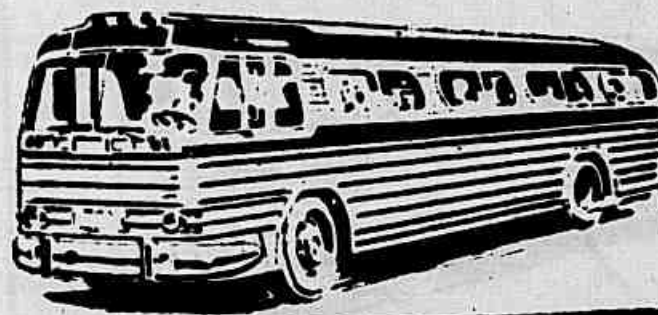
Av. Ipiranga, 885 - Fone 36-9456 (guichê da Rio)

RIO DE JANEIRO

Estação Rodoviária (Praça Mauá) - Fone 23-3912



VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO BRASILEIRO

VIAÇÃO Lida

AZ450 - EB-1

PÁGINAS DO GALO BRANCO

Palavras ao Mar

Não partirei sem dizer-te Mar,
Como te sinto próximo de minha alma.
És um ser, um amor, uma presença,
Uma atração, um abismo, um estímulo para mim;
Mas és também um pouso, um regaço,
Um jardim, um seio, um leito,
Um refúgio, onde às vészes desejo
Esconder-me, conter-me, encontrar-me
Aplacar-me!

Agora vejo-te, mar de longe
e sinto desejos de correr ao teu encontro
De vir brincar com os teus cabelos
E colhêr flores nos teus campos.
Vejo-te tão doce nesta noite de verão
Ouço ao longe tua voz chamar-me
Tua voz cantando, mas não percebo o que dizes
As tuas palavras não as distingo eu.
Sinto que me chamas, que tuas mãos se agitam na
[minha direção.

Sou um inseto de asas molhadas
Na orla das tuas águas e nada mais,
Sou um inocente diante de ti

Que conheces todos os segredos,
Sou um recém-vindo a este mundo
E tu és antigo, remoto, sábio.
Assististe tudo neste planêta
Os teus olhos verdes se espantaram
Quando a vida surgiu, manifestou-se
E veio crescendo e caminhando sobre o teu dorso.

Espero de ti — Mar a minha eternidade.
A volta à infância,
A surpresa de que cheguem
Dos teus invios caminhos as raparigas de tranças
Que virão dançar para os meus olhos exaustos.
Espero de ti, as flores mais belas
És terrível e bruto mas às vészes
Amo-te como se fosses o meu berço perdido,
E sonho que poderei adormecer um dia, em ti, quieto,
Olhando as estrêlas
Purificado pelo teu sopro,
O' Mar que o vento quente estremece neste momento,
Mar do mundo, filho do mundo,
Mar materno que cabes todo
No meu peito
Como um grande amor.

Poema de Natal

A idéia de escrever um poema de Natal
Traz-me à lembrança o poeta Ungaretti
Na sua casa em Roma,
Piazza Renuria, 3.

Vejo-o impassível, o rosto difícil
de florir num sorriso,
Com os seus olhos que parecem cansados
De contemplar o fundo do mar.

Ungaretti é um pássaro revoando,
Volteando, girando e de súbito
molhando
As largas asas duras nas águas
Onde pousa e às vészes se move
A imagem de seu filho perdido.

Ungaretti tem, e é seu consolo,
A certeza de que o filho
não tocou no mal,
Que não chegou a perceber
que os séres são sempre órfãos,
E caminham sòzinhos.

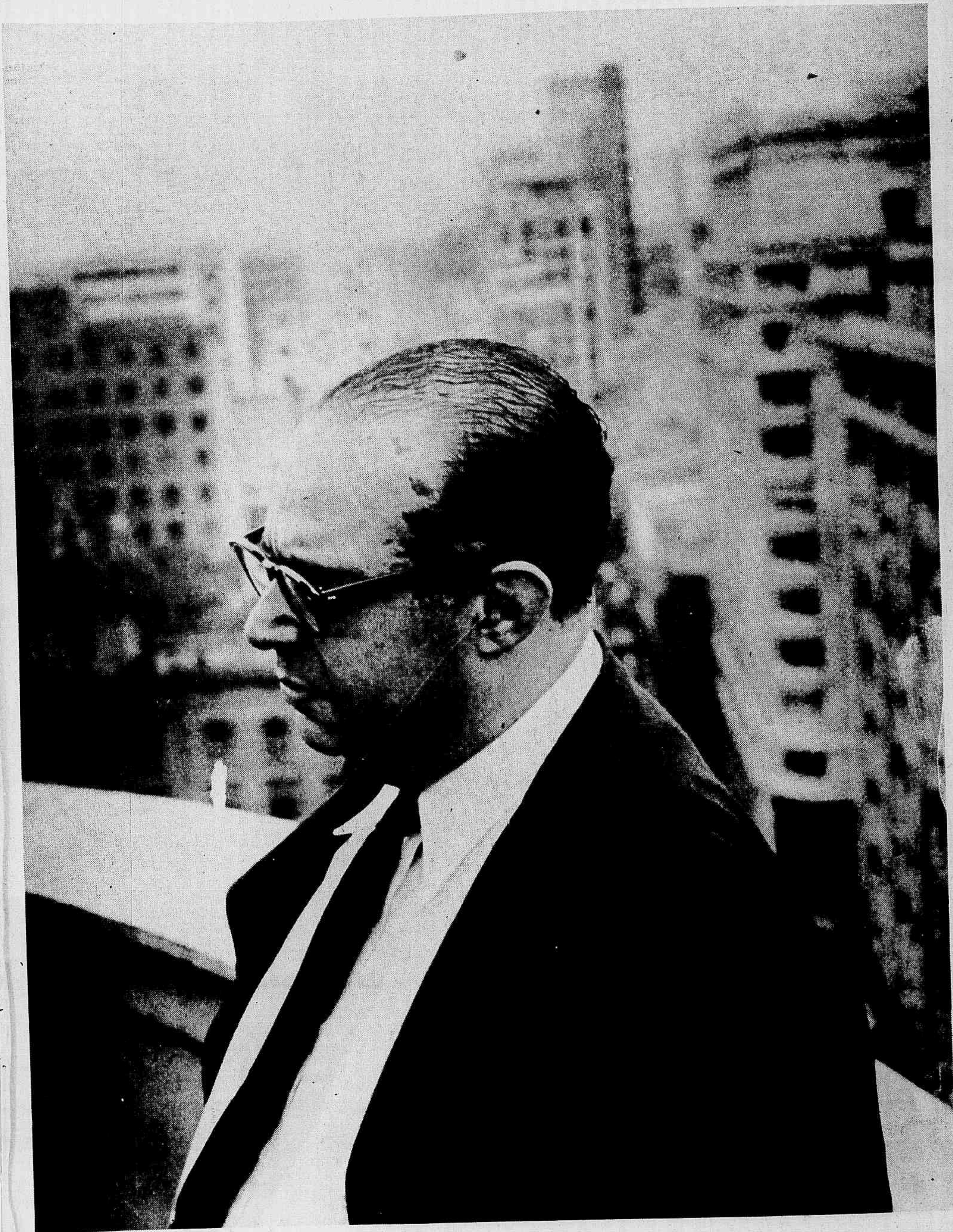
Ungaretti possui um tesouro
E este dia de Natal reabre-lhe de novo
Não só a ferida mas também a vontade
[de viver
Para que viva nêle e com êle o seu fruto.

Penso com inveja em Ungaretti.
Invejo a tristeza do poeta.
Quem tem uma tristeza assim

Não está de todo abandonado.
Não perdeu os últimos sinais
Que reconduzem à cidade da infância.
Neste dia de Natal na sua casa em Roma,
Piazza Renuria, 3
O poeta Ungaretti está menos só do que eu.

Possui a sua própria dor a queimar-lhe
[o peito e a acompanhá-lo.
E enquanto sua lembrança esvoaça
Em tórno do filho pequeno que partiu,
Poupa-lhe Deus miséria igual à minha
E que consiste em contemplar nesta hora
[festiva
A face morta da criança que eu fui.

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT



A poesia de Schmidt se ajusta maravilhosamente à beleza e a grandiosidade das festas de natal. Publicando no número especial de «O Globo» um poema belíssimo, vemos nestas páginas outras duas criações de Augusto Frederico Schmidt, para o natal.

CELSO LISBOA

Foi o melhor 1º secretário que já passou pela Câmara Municipal em 10 anos. A idéia de vender os automóveis e devolver os funcionários, foi sua, aplaudida imediatamente (com entusiasmo) pelo sr. Paes Leme. Outras medidas moralizadoras postas em prática pelo sr. Celso Lisboa no exercício da 1ª secretaria: extinção de vagas na Câmara; proibição de nomeação por 5 anos; devolução de 300 funcionários nomeados abusivamente e o recolhimento aos cofres públicos de cerca de 18 milhões de cruzeiros provenientes de economia. Com essas medidas e a atuação anterior no legislativo carioca já garantiu a reeleição, além de ter provocado na opinião pública, uma onda de simpatia em torno de tão atacada e tão discutida Câmara Municipal.



Inédito e surpreendente

A CÂMARA MUNICIPAL DÁ LIÇÕES DE DIGNIDADE A CÂMARA DOS DEPUTADOS

**CELSE LISBOA FOI O MELHOR SECRETÁRIO QUE A CÂMARA MUNICIPAL JÁ
CONHECEU EM QUALQUER TEMPO ★ 18 MILHÕES DE CRUZEIROS ECONO-
MIZADOS E QUE SERÃO DEVOLVIDOS AOS COFRES MUNICIPAIS ★ 14 AUTO-
MÓVEIS VENDIDOS, E 300 FUNCIONÁRIOS DEVOLVIDOS ★ UM ANO EXCEP-
CIONAL PARA A CÂMARA, FRUTO DO ESFORÇO DE SUA MESA DIRETORA**

● A Câmara Municipal parece que teve um "estalo" quando elegeu os srs. Paes Leme e Celso Lisboa para a Mesa Diretora da Casa. Pois esses dois vereadores, agindo harmônica e sincronizadamente, promoveram e conseguiram a recuperação moral da Câmara dos Vereadores. Por sugestão do sr. Celso Lisboa, trataram logo de conseguir a extinção das vagas na Secretaria. Depois, seguindo na linha que traçaram (ainda por sugestão do sr. Celso Lisboa) aprovaram um projeto proibindo a nomeação de funcionários durante 5 anos. Aí, toda a cidade compreendeu finalmente que a Câmara dos Vereadores estava desejosa finalmente de voltar ao caminho construtivo e moralizador que havia abandonado na gestão de outros vereadores. E no encerramento do ano letivo (ainda por inspiração de Paes Leme e Celso Lisboa), aprovaram duas "bombas" que repercutiram em todo o país: a venda de todos os carros pertencentes à casa (só sobrou 1) e a devolução à Prefeitura de todos os funcionários (em número de 300) nomeados abusivamente

por Mesas Diretoras anteriores. E tudo isso, o sr. Celso Lisboa relembrou à Casa e à opinião pública, no encerramento dos trabalhos de 1956.

O FUTURO DA CÂMARA MUNICIPAL

Ainda na sua fala final aos vereadores, o sr. Celso Lisboa declarou: "Não nos despediremos nem diremos adeus, porque aqui continuamos juntos, ombro a ombro, na mesma jornada. Mas formulamos preces fervorosas a Deus, para que continue iluminando a todos e que a Câmara do Distrito Federal possa prestar à capital do país os serviços meritórios e indispensáveis que ela está a exigir de seus legítimos representantes. Quero agradecer também ao ilustre prefeito, embaixador Negrão de Lima, que aqui comparece com todo seu Secretariado, para mais uma vez prestigiar a Câmara Municipal".



Estes são alguns dos carros que a Câmara dos Vereadores resolveu vender, numa decisão excepcional e surpreendente. A medida foi tomada por iniciativa do 1º secretário Celso Lisboa e aplaudida com entusiasmo pelo presidente Paes Leme.

Literatura e arte

JOSE ROBERTO TEIXEIRA LEITE

POESIA

Resgate

*Que pode dar-vos, principes guapos,
quem não tem nada do que pensais?
Falam meus olhos de uma alma em trapos.
Minha alegria, que pode mais?
Vêde se canto: choram raízes
adormecidas em cicatrizes...*

*Que hei de dizer-vos, ó suseranos,
que não estrague vossas noitadas?
Tudo o que falo volta em pedradas.
Tudo se estorce num mar de enganos.*

*Se tenho amôres? — Que ouçais meu peito.
(Um baque surdo diz sim, diz não).
Meu reino é outro, não vos aceito,
e a vós me acheço. Rogo perdão!
Tenho uma dama; tendes os tronos
e cães de guarda nos vossos sonos.
Tenho uma dama que é filha vossa;
tendes as chaves de alta morada.
De meu só trago braças de nada
e um querer louco... Querê-la eu possa.*

AFONSO FELIX DE SOUSA

LIVROS EM DESFILE

COTAÇÃO: — * ruim; ** medíocre;
*** regular; **** bom; ***** muito bom

JOSUÉ MONTELLO vem de editar «Estampas Literárias», livro em que enfeixou alguns de seus mais interessantes ensaios. Particularmente proveitosa a leitura de trabalhos como «Grandeza e Miséria da Glória Literária», «Uma Influência de Balzac: José de Alencar», e «Entre Anatole France e Marcel Proust» (Simões Editôra, Rio, 1956, 199 páginas. Cotação: ***).

A SÉTIMA EDIÇÃO de «Mano», de Coelho Neto — o livro em que o grande escritor maranhense celebra a memória de seu filho mais velho, Emanuel, atleta do Fluminense Futebol Clube — acaba de ser publicada, sob os cuidados de Paulo Coelho Neto. (Simões Editôra, Rio, 1956, 138 páginas).

DOMINGOS PAOLIELLO, poeta paulista, cuja estréia, com «Penumbra Murmurante», foi saudada efusivamente, acaba de editar, sob o título geral de «Poemas do Limbo», aquele primeiro livro. Publicou depois «Caminho de Homem», e mais os livros inéditos «Dioramas» e «Contrabando». Particularmente estranho e belo o grande poema, em vários momentos, «Contrabando» (Edição do autor, São Paulo, 1956, 127 páginas. Cotação: ***).

«MEMORIAL DO ERRANTE», é o título do novo livro de poesias de Afonso Felix de Souza, que há alguns anos publicara, com sucesso, «O Amoroso e a Terra». O volume, de rara elegância, encerra as últimas produções poéticas de Afonso, muitas delas inspiradas por sua recente viagem à Europa. Há bons momentos de poesia, nêle; alguns poemas são escritos diretamente em francês — o que, pessoalmente, condenamos. Mas o livro merece ser lido (Livros de Portugal, Rio de Janeiro, 1956, 104 páginas. Cotação: ****).

EM TRADUÇÃO de Dora Ferreira da Silva, apareceram há pouco tempo, em São Paulo, as «Elégias de Duino», de Rainer Maria Rilke. É supérfluo realçar a importância de tal acontecimento, que vem colocar ao alcance do leitor brasileiro (que só raramente conhece o alemão) um dos maiores livros de poesia do grande autor de «Sonetos a Orfeu». Completam o volume interessantes comentários a cada uma das dez elegias, comentários que permitem um mais íntimo contacto entre o leitor e o mundo de idéias de Rilke (Edição Particular (?), São Paulo, 1956, 100 páginas. Cotação: ****).

NOTINHAS

A JOVEM poetisa Maria Tereza Wuillaume, que não faz muito nos deu seu livro de estréia, «Colina», trabalha em um novo volume de versos, que se denominará, provavelmente, «Cicatriz».

EM TRADUÇÃO de Leopoldo Aires, a Livraria José Olympio editará, em 1957, os célebres «Pensamentos», de Pascal. O livro fará parte da conhecida Coleção Rubaiyat.

GILBERTO FREYRE está terminando seu mais recente livro — «Ordem e Progresso». Esse livro, que formará com «Casa Grande & Senzala» e «Sobrados e Mocambos» uma trilogia de incomensurável valor para a compreensão de alguns de nossos maiores problemas sociológicos, estuda agudamente a República de 1889.

«LASTRO TERNURA», o novo livro de poesia de Yone Sá Motta («Da Posse Prematura»), será

editado em abril vindouro pela Livraria José Olympio.

TELMO PADILHA mereceu, da Câmara Municipal de Itabuna, na Bahia — sua terra natal — um prêmio de vinte mil cruzeiros, pelo êxito de seu livro de poesia «Girassol do Espanto». Idêntico prêmio recebeu o livro «Zona de Cacau — Introdução ao Estudo Geográfico», de Milton Santos.

NAS LETRAS



José Lins do Rêgo



Minou Drouet



Hemingway

◆ TAL COMO avisáramos na semana passada, apresentamos, no número de hoje, uma síntese dos livros mais importantes, e dos fatos de maior significação, do ano literário no Brasil, e no estrangeiro. Para começar com a gente de casa, e para nos referirmos aos livros, digamos que 1956 viu surgir uma infinidade deles, noventa por cento apenas testemunhando a vaidade de seus autores, desejosos de se mirarem em letra de lórmã; entre os dez por cento restantes, contudo, há muito o que admirar. Nos domínios da Poesia, por exemplo, 1956 presenciou, felizmente, a publicação de vários livros marcantes: as «Poesias Completas» de Schmidt, e também as de João Cabral de Melo Neto («Duas Águas»); o notável «Azul Profundo», de Henriqueta Lisboa — livro passado misteriosamente sem comentários, quase, mas que reputamos o melhor de 1956, no campo poético; a obra de estréia de Ruth Maria Chaves, «Roda, Pião»; «A Tempestade e Outros Poemas», de José Paulo Moreira da Fonseca — graves e belos poemas; o pungente «Nagasaki», de Antônio Olinto; «Um Brasileiro em Paris», de Léo Ivo.

No romance brilhou intensamente o estranho mineiro João Guimarães Rosa, com seu «Grande Sertão: Veredas», livro tão discutido quanto digno de admiração; outro mineiro, Cyro dos Anjos, analisou, na ficção «Montanha», a vida política de seu Estado natal, suas mazelas e cacoetes; terceiro mineiro, esse Mário Palmerio em quem a vocação literária só agora desabrochou, com «Vila dos Confins», analisou igualmente a vidinha política numa cidadezinha de interior; Armindo Pereira editou «Açoite»; Paulo Dantas, o rude «Purgatório»; Saldanha Coelho estreou, como romancista, com «Memória de Inverno»; o jovem escritor Rui Mourão vê publicado seu livro «As Raízes», brilhante estréia como ficcionista de pulso; Joel Silveira edita interessante novela, «O Desaparecimento da Aurora», enquanto a escritora Lúcia Benedetti acrescenta, ao rol de seus livros, mais um: «Chão Estrangeiro».

Nenhum livro de memórias superior ao de Gilberto Amado: «Mocidade no Rio e Primeira Viagem à Europa». Digno de menção é porém o «Meus Verdes Anos», de José Lins do Rêgo — em que muitos críticos e colunistas viram apenas uma reedição de «Menino de Engenho»...

Bons ensaios, como «Esfinge Clara», de Othon Moacir Garcia, sobre o método da «palavra-puxa-palavra» na poesia de Drummond; como a «Geografia do Brasil Holandês», de Câmara Cascudo; como a «Vida Literária no Brasil: 1900», de Brito Broca, ou o «Pedro Salinas», de Hécio Martins; como «Da Liberdade de Criação Artística», de Antônio Rangel Bandeira, e «Religião e Relações Sociais», de René Ribeiro; notável a introdução de mestre Afrânio Coutinho a «A Literatura no Brasil», editado pela Fundação Larragoiti.

Livros de contos como o de Samuel Rawet, «Contos do Emigrante»; as «Nove Histórias Reunidas», de nove ficcionistas diferentes abordando a vida militar; as novelas de «Corpo de Baile», de Guimarães Rosa.

Entre os fatos mais importantes, lembremos o reaparecimento do quinquenário «Para todos», a tumultuosa posse de Álvaro Lins na Academia; a posse de José Lins do Rêgo e a de Magalhães Júnior; o Congresso de Contistas de São Paulo; o Congresso dos Livreiros, com a criação do Prêmio Monteiro Lobato; a triste nova da morte de Santa Rosa (artista plástico, mas intimamente ligado à Literatura, graças às suas famosas ilustrações para a José Olympio e outras editoras); as tardes de autógrafos na Livraria São José, a última das quais reuniu várias dúzias de celebridades de nossos meios intelectuais; a moléstia do poeta Antônio Botto; os discos de poesia gravados pelos próprios poetas; a visita de Pablo Neruda, etc., etc.

No estrangeiro, salientamos a outorga, a Juan Ramón Jiménez, poeta espanhol residente em Porto Rico, do Prêmio Nobel de Literatura; a morte do grande escritor Pio Baroja, também espanhol, as do alemão Hans Carossa e do inglês De La Mare; o êxito popular sempre crescente de Hemingway, Françoise Sagan e Minou Drouet, a poetisa mirim da França, autora de «Arbre, mon ami»; a morte de Antônio Ferro, em Portugal; a revelação do enorme espólio deixado pelo grande Paul Valéry; o desaparecimento do romancista americano Louis Bromfield; e muita, muita coisa mais — que num ano tanta coisa se passa, às vezes em brancas nuvens.

NAS ARTES



Goeldi



Utrillo



Santa Rosa

◆ NO DOMÍNIO das Artes Visuais, pode-se dizer que 1956 foi um ano movimentado, no Brasil. Boas exposições foram organizadas, livros de arte apareceram em maior número, debates e conferências foram pronunciados, com assistência relativamente boa, etc., etc.

Ótimas exposições foram a da paisagem brasileira, desde 1900 ao presente, levada a efeito em São Paulo; a de Burle Marx, no Museu de Arte Moderna do Rio; a Retrospectiva Oswald Goeldi, a nosso ver a mais importante de 1956; a de Volfi, em São Paulo, e Cesebiatti, no Rio; a grande mostra de esculturas de Maria Martins; as «Tapeçarias Abstratas», o «Salão Ferroviário», vitoriosa iniciativa do poeta Antônio Olinto; as gravuras de Poty, para «Canudos»; o Salão de Arte Moderna (com seus escândalosinhos, o mais importante dos quais a célebre gravura de Iberê Camargo) e a premiação de Anísio Medeiros e Firmino Saldanha (viagem ao estrangeiro em artes gráficas e pintura, respectivamente); a grande mostra dos «Artistas Alemães Contemporâneos», etc., etc.

Nenhum artista plástico brasileiro mais se destacou, em 1956, que Aldemir Martins, que recebeu na Bienal de Veneza o Grande Prêmio Internacional de Desenho; porém também brilharam Di Cavalcanti, que teve um quadro seu adquirido para o Museu de Arte Sacra do Vaticano e Cândido Portinari, aquinhoados com o Prêmio Guggenheim, no valor de mil dólares, e cuja exposição dos imensos painéis «Guerra e Paz», no Municipal, foi um acontecimento; aliás, o grande pintor também mereceu a homenagem de dois livros: o do italiano Portinari; Deoclécio Redig de Campos, o brasileiro que é desde há muitos anos o conservador-chefe da Pinacoteca do Vaticano, esteve no Brasil matando as saudades, a fim de participar do Primeiro Congresso de Museu — conclave de grande importância, realizado em Ouro Preto; Stamo Papadaki editou novo livro em Londres, sobre a obra de Niemeyer, enquanto o arquiteto Henrique Mindlin via editado seu «Modern Architecture in Brazil».

Outros livros marcantes: o de Bardi sobre as artes no Brasil; o de Bazin, sobre a arte sacra barroca no Brasil; etc. etc.

Nenhuma notícia mais triste, neste ano de 1956, que a morte de Santa Rosa, o grande pintor, ilustrador, cenógrafo e animador intelectual de nosso meio, vitimado na Índia por traiçoeira enfermidade; também houve a morte de Sansão Castelo Branco, aos 31 anos, sem ter tido oportunidade de fruir o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro, que recebera pouco antes.

No exterior, foi atribuído a Ben Nicholson o Prêmio Guggenheim de 1956 (setor internacional); grandes exposições comemoraram, em vários países, o 350º aniversário de nascimento de Rembrandt; Leonardo da Vinci mereceu em Paris uma Exposição monumental; os Primitivos Italianos das coleções francesas também foram mostrados ao público parisiense, em fabulosa exposição; a maior compra de quadros (cerca de sessenta, ao todo, mais algumas esculturas) efetuada em todas as épocas: a da National Gallery, de Washington, em meados do ano; morre em Paris Maurice Utrillo, casado com Lúcia Valore; efetuado, em Dubrovnik, Iugoslávia, novo Congresso de Críticos de Arte, com a presença de um delegado do Brasil — o crítico Antônio Bento, autor de «Manet no Brasil»; o crítico Georges Isarlo, em livro de medíocre valor, tenta provar que a «Gioconda» de Da Vinci, era, na realidade um homem... Waldemar George, critica asperamente o velho historiador de arte Bernard Berenson («Refutation a Bernard Berenson»); continua a peregrinação, pelo exterior, dos quadros do Museu de Arte de São Paulo, enquanto boatos alarmantes circulam, afirmando que os mesmos não voltarão ao Brasil, por motivos financeiros...

AS 10 MULHERES MAIS BONITAS DO BRASIL

UMA SELEÇÃO CUIDADOSA DEU ESTE RESULTADO — TÔDAS ELAS LINDÍSSIMAS E DE GRANDE CATEGORIA — A TERNA E REPOUSANTE MARILENA UCHOA — LINHA ESPORTIVA E CLÁSSICA DE LOURDES PROENÇA DE FARIA — A FELINA CARMEM MAIRINQUE VEIGA — A PERSONALÍSSIMA DANUZA LEÃO REAPARECE COMO DANUZA WAINER — MAITÉ D'OREY É A INTELLECTUAL DA LISTA — A INEVITÁVEL, INSUPERÁVEL, INDISCUTIVEL E INDESDOBRÁVEL TERESA SOUSA CAMPOS — NELITA PIGNATARI TEM PAIXÃO PELO TRABALHO — PATRÍCIA SOARES SAMPAIO E AS DUAS MANIAS: MAR E LUVAS — DAISY VASCONCELOS, CHARME E ESPORTE, ESPORTE E CHARME — TÔNIA CARRERO DESCOBRIU O TEATRO DE REPENTE E SE TRANSFORMOU NA SARAH BERNHARDT DO BRASIL.

Prêto e branco (e ektacromes)
de YLLEN KERR

● Estas são as 10 mulheres mais bonitas do Brasil. Fazemos sua apresentação com respeito e humildade. Respeito que consagramos a mulheres tão bonitas e de tanta categoria; humildade diante de assunto tão importante e de tarefa tão magnificente, como é seleccioná-las. Existirão neste país outras mulheres igualmente bonitas. Isto será dito com certeza, e antecipadamente concordamos. Mas duvidamos que alguém ouse afirmar que uma só das mulheres seleccionadas não possua requisitos estéticos suficientes para justificar a própria seleção.

Esta seleção foi feita com espírito superior, e como tudo que fazemos, sem intenção de agradar ninguém. Observamos apenas uma condição eliminatória: a lista deveria se referir exclusivamente a mulheres casadas. O que explica (e justifica) a ausência de Eloiza Dolabela, Zaida Saldanha, Eliana Moura, Maria de Lourdes Monteiro, Sonia Carneiro, Irene Von Dellings-

hausen, Baby Vignole, Lea Penna e outras assíduas frequentadoras das colunas do José Alvaro do "Correio da Manhã".

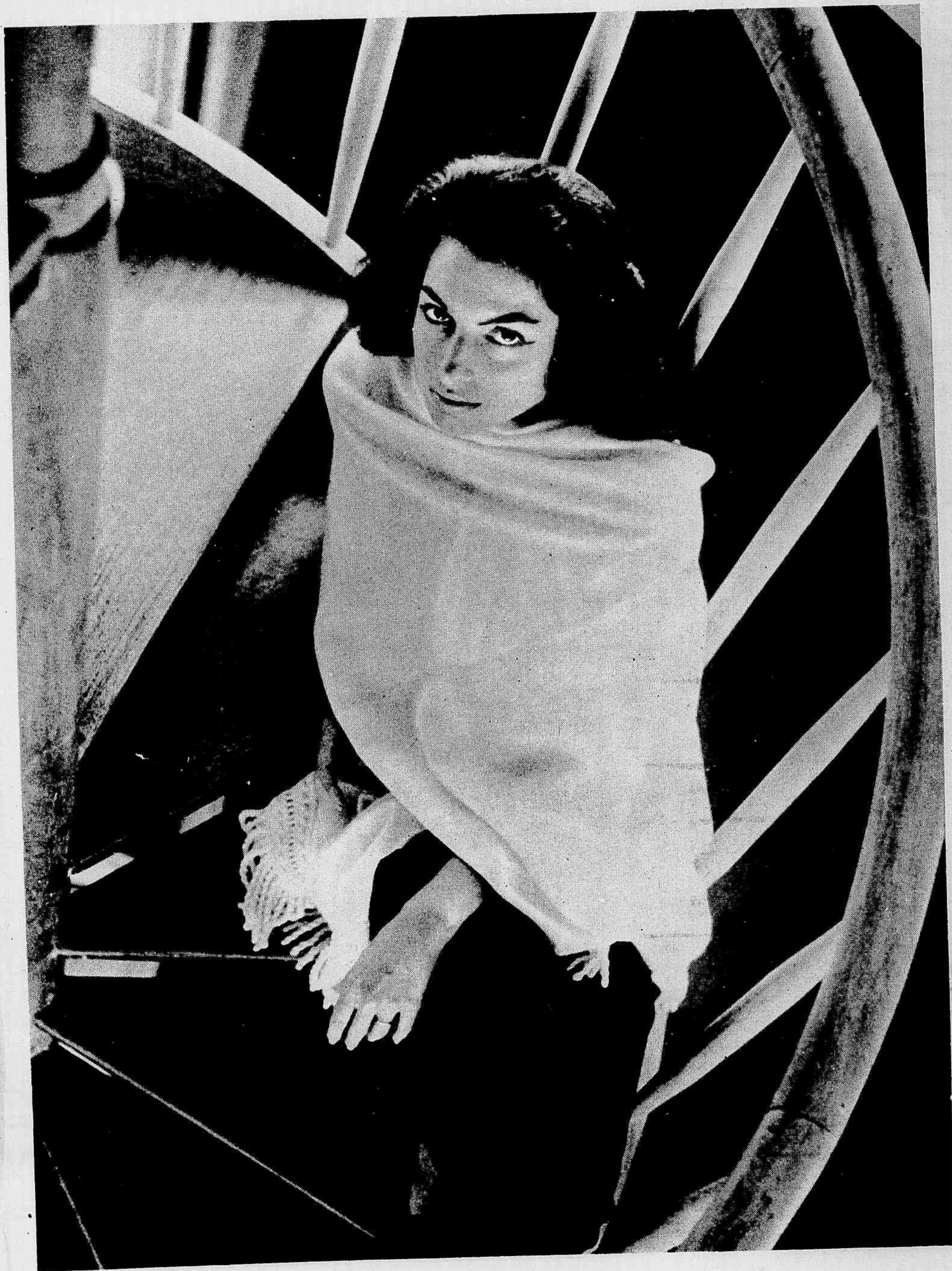
Esta lista foi organizada por uma só pessoa. Apesar de terem sido consultadas dezenas de personagens que se movem no âmbito do society (cabeleireiros e costureiros "bem", homens e mulheres de bom gosto, etc.) a responsabilidade da escolha e da seleção final, cabe única e exclusivamente a uma só pessoa, como dissemos. Fazemos esta afirmação para evitar mal entendidos ou explorações futuras. Na organização e apresentação desta reportagem, seduziu-nos apenas o caráter complexo do trabalho e o seu evidente conteúdo polêmico. Se fôsse coisa fácil passaríamos adiante, e deixaríamos a tarefa para outros. Foi a grandeza e a imortalidade do tema (a beleza) que nos provocou. O mesmo espírito em suma que nos levou a seleccionar os 10 HOMENS MAIS INTELIGENTES DO BRASIL, que em breve apresentaremos.



PATRÍCIA SOARES SAMPAIO



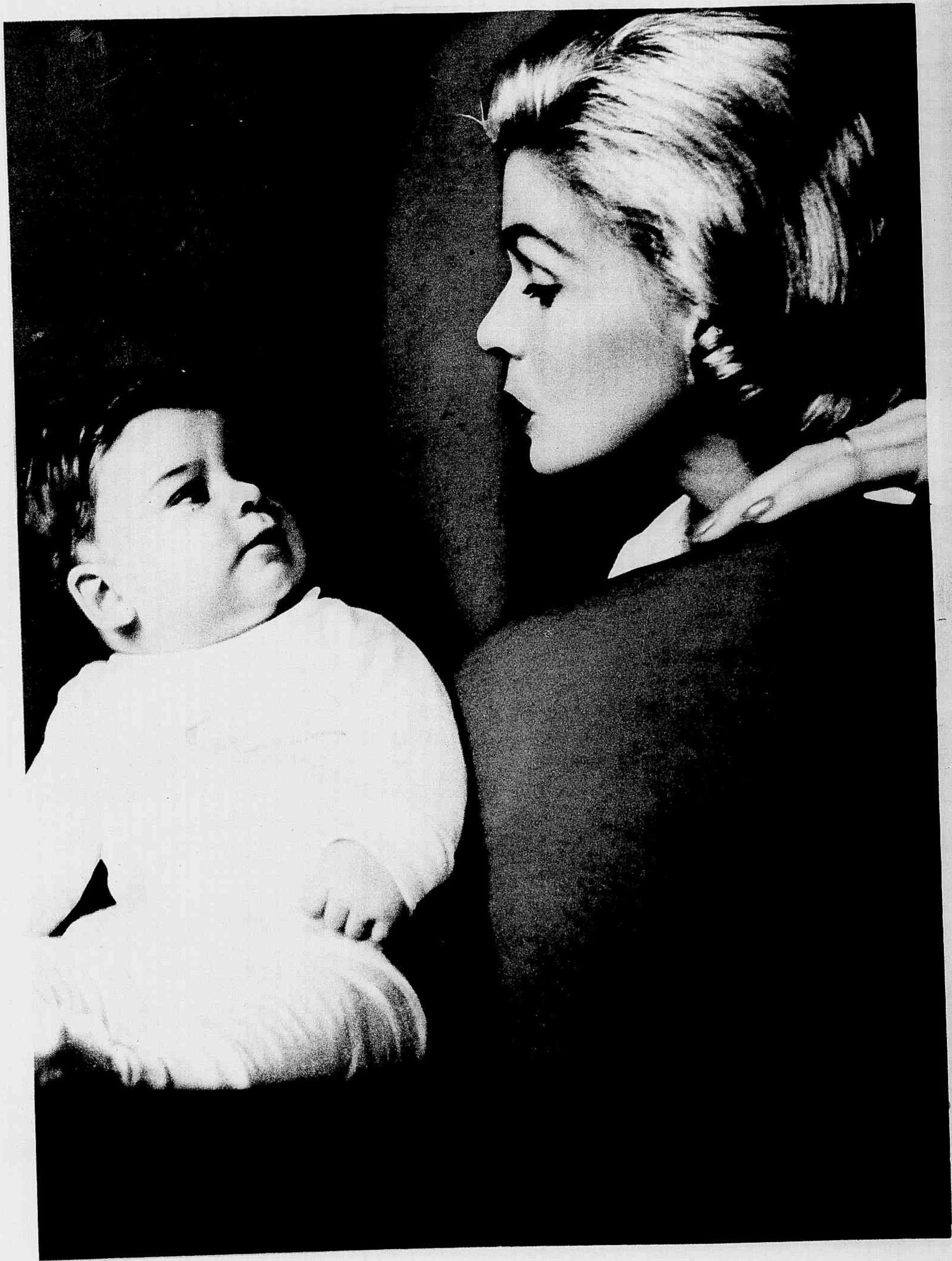
NELITA PIGNATARI



CARMEM MAIRINQUE VEIGA



DANUZA WAINER



DAISY VASCONCELOS



TEREZA SOUZA CAMPOS

MINIATURAS DAS MAIS BONITAS



PATRÍCIA SOARES SAMPAIO



NELITA PIGNATARI



CARMEM MAIRINQUE VEIGA



DANUZA WAINER



DAYSI VASCONCELOS



TERESA SOUSA CAMPOS



TONIA CARRERO



LOURDES P. DE FARIA



MARILENA UCHOA



MAITÉ D'OREY



TONIA CARRERO

(Ektachrome gentileza da Revista do Automóvel)



LOURDES PROENÇA DE FARIA



MARILENA UCHOA



MAITÉ D'OREY

AS 10 MULHERES MAIS

DANUZA WAYNER

★ Nasceu bonita, cresceu bonita e vai morrer bonita, mesmo que chegue a 200 anos. Em solteira teve uma fase de excepcional projeção, quando chegou a ser modelo de Jacques Fath. Fazia sensação em qualquer lugar onde aparecesse. Foi capa de várias revistas, correu mundo, dominou platéias e auditórios e dominaria multidões se o quisesse. Muito antes dos 30 anos é uma mulher completamente realizada. Viveu como quis, viajou quando quis, e casou com o homem que quis na hora que escolheu, uma hora em que mesmo muitos de seus amigos o abandonaram. Tem um ar meio displicente, dá a idéia de que está sempre flutuando (em vez de andando) mas é uma mulher de vontade indiscutível. Tem duas filhas, é bonita no «Sacha's», no Maracanã ou na feira da esquina, gosta de dirigir automóvel e de ir à praia, e tem um riso de garôta mimada, que é o seu verdadeiro «public relations».

CARMEM MAIRINQUE VEIGA

★ A famosíssima Carmem (ela não gosta de ser chamada de Terezinha) nasceu em Pirajuí, noroeste de S. Paulo, onde possui uma formosa casa de campo. Estudou em muitos colégios, e seus biógrafos dizem que já era bastante bonita desde menininha. Possui excelente gênio, gosta de tudo, não tem predileção por coisa alguma, mas atualmente sua mania se chama Tony Mairinque Veiga. Gosta de assistir a pólo quando o «seu tony» está em campo. Já participou de várias temporadas internacionais, fêz furor em Cannes quando apareceu de biquini, e trabalhou mais (nessa oportunidade) pelo turismo brasileiro que todos os nossos departamentos especializados. Casou precisamente há 6 meses; em solteira era notícia diária de jornais e revistas, mas agora não tem preocupado tanto a imprensa. Faz parte da tríade que mais elegante fica de calça comprida: ela, Leila Limpo de Abreu e Danuza Wayner. Gosta de gatos e cachorros, é extraordinariamente fotogênica, e não se lembra de ninguém com o nome de Ricardinho Fasanelo.

NELITA PIGNATARI

★ Casada com o ex-«play-boy» e hoje poderoso senhor de indústrias Baby Pignatari. Paulista de 400 anos (autêntica) e filha única. Personalidade extraordinária, dominadora, de vontade férrea. Considerada pela sociedade paulista como uma verdadeira líder. Atualmente vem pouco ao Rio. Chefia a parte social das indústrias do marido, e passa dias inteiros sem sair das fábricas. Tem uma filha adotiva, adora o marido, já estudou e praticou «ballet» e tem um «hobby» a que se entrega inteiramente: o trabalho. Veste-se muito bem mas sem preocupação, e detesta ser fotografada, sentimento que o marido aplaude com entusiasmo. Gosta de praia, e é considerada uma pessoa de enorme franqueza. Suas opiniões a propósito de tudo são sempre expandidas com bastante clareza, agrada ou não aos outros. É excelsa e majestosa, e em qualquer lugar em que apareça, domina inapelavelmente.

DAISY VASCONCELOS

★ Nascida Daisy Mary Lamberg Carneiro Leão, ganhou mais o Vasconcelos quando casou com o famoso Carlinhos, campeão sul-americano de natação e campeão de tênis pelo Fluminense. Paulista, descendente de austríacos e franceses, para aumentar a confusão estudou em Minas e vive no Distrito Federal. Formou-se pela Escola de Educação Física, estudou 11 anos em Belo Horizonte, foi Miss Bangu representando o Flamengo. Praticou muito esporte (foi a maior em vários deles) e em certa época teve mania de aprendeu línguas. Mas fala bem mesmo, apenas inglês e francês. Seu avô foi um famoso barão e escritor austríaco e provavelmente foi dele que herdou o gosto pela leitura. Tem um filho que lhe toma todas as horas disponíveis, adora sua casa, e estuda decoração para torná-la sempre mais agradável e acolhedora. Tem um ar que se situa entre Ingrid Bergman, Grace Kelly e Anita Ekberg. Tem recordações excelentes do tempo em que praticou esporte, mas acha que nada se compara com a vida de casada.

TERESA SOUSA CAMPOS

★ Existem duas Teresas de Sousa Campos: uma para uso interno (sua casa) e outra para uso externo (o chamado society). Em casa, Teresa é simples, afável, carinhosa, dedicada ao marido e ao filho, despreocupada, vivendo e existindo como todas as outras mulheres. Na rua (ou nas reuniões elegantes) então aparece a outra Teresa: fria, dominadora, egoísta, cruel (no sentido de esmagar impiedosamente as rivais) fazendo do brilho pessoal sua religião e sua razão de existir. Como consegue conciliar duas existências tão antagônicas e realizar-se maravilhosamente em ambas, é um segredo que não fornece a ninguém e que também poucas mulheres assimilariam com facilidade. Em matéria de elegância e de sedu-

ção pessoal, poderia disputar torneios aqui, em Paris, em Nova York, em Roma ou em Marte. Na foto publicada pela revista «O Cruzeiro» no nº de 24 de novembro de 1956, exibe uma elegância de antologia. Tem fama internacional, viaja todo ano à Europa, e ainda vai provocar muito desastre de automóvel: quando passa dirigindo seu conversível, todos olham para o lado: o tráfego que se dane. Das listas anualmente publicadas de mulheres elegantes, foi a única que conseguiu entrar também na relação das mais bonitas. Mas isso não é uma coincidência: é um direito de conquista. Como todo o Brasil sabe é casada com o famoso Didu, árbitro internacional de elegância.

BONITAS DO BRASIL

LOURDES PROENÇA DE FARIA

★ A mais esportiva da lista, vive quase o ano todo em Cabo Frio (onde tem uma casa lindíssima), acompanhando o marido nas suas intermináveis pescarias. Adora a vida caseira, é conservadora no vestir, sem grandes rasgos ou audácia. Pessoalmente de grande categoria, continua a extraordinária tradição de sua sogra, d. Adalgisa Proença de Faria, da mais refinada e compenetrada aristocracia brasileira. Tem dois filhos, gosta de música, quase não sai, e é de natural suave, meiga e acolhedora. Alguns acham que se parece com Martine Carol, outros descobrem semelhança com Gina Lollobrigida. Mas suas amigas mais íntimas dizem que ela é acima de tudo e sobretudo Lourdes Proença de Faria, o que é mais que qualquer coisa. Tem olhos grandes (muito bonitos), é do tipo contemplativa embora se transforme quando sai para o mar.

MARILENA UCHOA

★ Da lista é a mais jovem e a que possui a beleza mais repousante. Já foi Barata Ribeiro, mas hoje, ostenta o nome do seu dono e senhor, o super-simpático Plínio Uchoa. Se tivesse nascido no tempo de Miguel Ângelo seria hoje uma tela rara, passeando pelos mais famosos museus do mundo. Mas como nasceu muitos anos depois, é uma das mulheres mais bonitas do Brasil. Tem um rosto de madona e uma alma de angorá. Calma (por fora), quase displacente, com uma qualidade que só as grandes mulheres possuem: é bem plantada, sabendo pisar e andar com categoria. Pelo rosto, pelo vestir e pelo falar pertence à linhagem de Elizabeth da Inglaterra. Ambas, aliás, têm o mesmo jeito de dizer e a mesma voz acariciante. Despreocupada em matéria de elegância, apaixonada pelo marido, e com um filho espertíssimo e já com pinta de «play-boy». Sua sogra (May Pezzi) dominou (com Sofia Bernardes) toda uma época da sociedade brasileira. Sua mãe (Telma Costa Neves) é das mulheres mais simpáticas. E ela vai pelo caminho das duas.

PATRÍCIA SOARES SAMPAIO

★ Casada com um industrial (Bento Luís Soares Sampaio) que está invadindo todos os setores. Nasceu em Petrópolis, mas desde o colégio (Andrews e Bennet) gosta de dizer que nasceu em Trieste, na Itália. Esportiva, adora o mar, tem os cabelos alourados, olhos claros, e durante muito tempo (em brôto, é claro) usou tranças enormes e que lhe davam uma trabalhadeira. Tem uma voz belíssima (um pouco sôbre o rouco), muito parecida com Ingrid Bergman, cujo tipo aliás cultivava com carinho e devoção. Mania estranha e curiosa: luvas. Possui milhões de pares, e mesmo quando está velejando está de luvas. Tem uma casa belíssima em Itacoatiara, duas filhas, e quando vai ao «Sacha's» de vermelho consegue abafar até a voz do Murilinho. Tem um jeito especial de andar, sabe que é muito bonita, e gosta de exhibir essa certeza.

MAITÉ D'OREY

★ A intelectual da lista e provavelmente a única que tem uma verdadeira posição filosófica diante da vida. Sempre de excelente humor, não se acha bonita, já viajou o mundo todo. Passou de uma vez dois anos na Europa estudando, já foi casada, adora viver no interior (numa fazenda), mas também se sente muito bem na praia. Capaz de inspirar paixões furiosas e também de senti-las. Tem mania de cinema e teatro e já fez até teste na outrora famosa Vera Cruz. Lê muito, tem loucura por música, não entende (não consegue) nada de política, e tem pavor de televisão: jamais apareceria diante de uma câmara mesmo que lhe pagassem rios de dinheiro. Pinta e desenha sem mostrar a ninguém, mas o cronista Flávio Porto diz que seus trabalhos são de categoria. É mulher de contrastes, e sendo ela mesmo uma dominadora é preciso ser entendida para ser dominada. É ao mesmo tempo tímida e comunicativa, irônica e mordaz. A palavra encantadora se ajusta maravilhosamente a ela. Vive em São Paulo e quase não vem ao Rio.

TÔNIA CARRERO

★ Pertence a uma família de militares e professores. Seu pai (general do exército) já foi diretor da Rádio Nacional. Sempre muito bonita, viveu no entanto mansamente, desligada de preocupações artísticas, embora tivesse casado com Carlos Thiré. Só em 47, quando se preparava para ir à Europa, é que influenciada por Aníbal Machado começou seriamente a pensar em teatro. Na Europa, desenvolveu o nascente gosto, e fez inclusive um curso de teatro abrangendo história, mímica e interpretação. Quando voltou, tomou coragem e ingressou no cinema. Seu primeiro filme: «Casta Suzana», uma droga como todo filme brasileiro que se preza. Depois passou para o teatro e vem acumulando sucessos. É ex-

tremamente simpática, dona de uma beleza grega, o que ajudou-a na peça «Os gregos eram assim» (a peça é muito ruim, mas é salva pelo seu trabalho). Tem olhos azuis, é linda 25 horas por dia, e se esta legenda fosse feita pelo sr. Ibrahim Sued, ele na certa escreveria numa crise de violenta explosão poética: «é loura como os trigais m época de colheita». Tem um filho, casou há pouco com o famoso diretor de teatro Adolfo Celli, e no momento vive mais em S. Paulo. O que recomenda extremamente o bom gosto dos paulistas. Mas os cariocas fazem questão de frisar que ela nasceu no Rio (mesma rua do Di Cavalcanti) e criada no Maracanã. Não no estádio (é evidente) mas no bairro que lhe empresta o nome.



POR ÊSSE MUNDO DE DEUS

O IDOLATRADO (E FOGOSO) ELVIS PRESLEY

◆ O ídolo do «Rock and Roll», Elvis Presley, teve que comparecer perante o tribunal de Memphis, para se defender da acusação de agressão. O incidente começou quando Elvis parou seu carro numa garagem para verificar um defeito no motor. Reconhecido, logo se formou uma multidão que queria beijá-lo e abraçá-lo. O garagista não gostou da agitação e ordenou (enêrgicamente) que Elvis se retirasse. 30 segundos depois da ordem os dois rolavam pelo chão. Na foto, Elvis aparece abraçando June Janice que parece ser a dona do seu coração, e a única a quem ele ama realmente.



A FAMÍLIA MAIS FORTE DO MUNDO

◆ Estes rapazes vigorosos e bem dispostos, são os 10 filhos de um vendedor de verdura, italiano, que está há 30 anos nos EE.UU. Os rapazes cresceram todos com impressionante musculatura (foto), e uma paixão invencível pelos esportes pesados. Como curiosidade acrescente-se que todos eles são vegetarianos.



MAIS UM OTELO: VITORIO GASSMAN

◆ Com grande sucesso foi representada mais uma vez em Roma, o Oteló de Shakespeare, agora numa tradução novíssima de Salvador Quasimodo. Vitorio Gassman (foto) foi Oteló, e Ana Maria Ferrero (também na foto) foi Desdêmona.



A PEQUENA PRISIONEIRA

◆ Aconteceu em Kansas City, nos EE.UU. Os pais desta bela menina, precisaram ir a uma cidade vizinha, e não tendo com quem deixá-la (e não podendo levá-la), não tiveram muita dúvida: amarraram-na, numa cadeira como se vê na foto. A menina ficou dois dias assim, até que os vizinhos deram o alarme. Para retirá-la foi preciso serrar as costas da cadeira.

BETTY (AS PERNAS) E DINAH (A VOZ)

◆ Betty Grable (à esquerda) e Dinah Shore (à direita) preparam o número que vão interpretar num caríssimo programa de televisão em Nova York. Elas vão cantar e dançar com as roupas (foto) das inquietas raparigas do tempo da proibição. Betty e Dinah já foram das mais famosas e requisitadas artistas de Hollywood. Agora que já passou o entusiasmo do grande público por elas, conservam uma discreta popularidade e ainda se exibem na televisão e são das atrizes mais bem pagas.



80 VELAS PARA AGA KHAN

◆ O famoso Aga Khan completou 80 anos em Paris, e festejou-os com uma grande recepção no «Chez Maxim». Na foto, à esquerda, a Begum (mulher de Aga Khan) chega ao restaurante, protegida pelo guarda-chuva do porteiro. Chovia torrencialmente. Na foto, à direita Bettina, a famosa manequim que tem saído continuamente com Ali Khan, chega também ao restaurante para cumprimentar o seu futuro (talvez) sogro.



MATA HARI (A ESPIÃ) VOLTA AO CARTAZ

◆ Depois de 40 anos, se reforma a fascinante lenda criada em torno da espiã Mata Hari. Um livro escrito por Bernard Newman, documentadamente, afirma, que «Mata Hari não foi grande espiã e tampouco foi uma mulher irresistível». Newman prova que «a espiã Mata Hari» foi apenas uma invenção (muito hábil) literária, jornalística e cinematográfica. Segundo os inventores de Mata Hari, ela foi mulher de sucesso colossal, e o maior cartaz do seu tempo em Paris. Newman destrói tudo isto e diz que Mata Hari foi uma mulher vulgar, sem beleza e sem inteligência. Na foto, a mulher que passou tanto tempo como Mata Hari e que seria uma bailarina de Paris, que fêz sucesso por volta de 1903.

CASANOVA POR VOCAÇÃO, ESPÓSO POR PAIXÃO

◆ Rubirosa, logo depois de se divorciar de sua quarta mulher (a milionária desajustada Barbara Hutton) casou com Odile Rodin, de 20 anos. O casamento se realizou em Sonchamps, uma pequena cidade da costa. Logo depois, Odile e Rubirosa, partiram para Paris onde Odile mora e trabalha no teatro.



TONY CURTIS JÁ TEM UM HERDEIRO

◆ Este cavalheiro todo embevecido (foto), é o muito glamoroso sr. Tony Curtis, que com um topete e muita mediocridade, conseguiu ser conhecido no mundo todo. A loura (também encantada) é sua mulher Janet Leigh. O menino nasceu com 4 quilos, e sem topete.



POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



A ETERNA (E INDOMÁVEL)
GILDA

◆ Esta é a última foto de Rita Hayworth, tirada na Alemanha, onde está filmando. Dizem os jornais locais, que Rita continua a mesma temperamental de sempre. Briga no estúdio, se revolta, explode. Mas no fim faz tudo que exigem dela os produtores.



EISENHOWER, O EX-
PRESSIVO

◆ Reeleito presidente do maior país do mundo, Eisenhower não parece muito tranqüilo. Estas 3 expressões são bastante significativas. Foram tiradas no mesmo dia da invasão da Hungria pelos russos. E' preciso dizer mais alguma coisa?



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. -PRINCIPEHOTEL-



"Mil" lhe oferece:



BUZINAS Sonoras
TIMPANOS Bim-Bam
ELETRICAS - AVACUM - A AR
Colocação imediata

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE
R. MEXICO - 98 A
52-1066 - 22-6194 RIO DE JANEIRO



Loira ou morena...



Não importa a cor...
Tôdas podem ser belas e atraentes
submetendo-se ao método de
beleza do crême ANTISARDINA.
Existem três fórmulas distintas,
cada qual oferecendo os
melhores resultados. Procure
saber qual delas se adapta
melhor à sua pele.

Antisardina



SEM COMPROMISSO

GUY MOLLET falando sobre a agressão franco-inglesa no Egito: «Sou sempre contra o emprêgo da força, para resolver qualquer pendência. Mas neste caso não podíamos recuar».

★

O PAPA ficou comovidíssimo com o ataque russo a Hungria. Os médicos imediatamente recomendaram que ficasse em rigoroso repouso. Mas apesar de ter estado quase imóvel por uma se-

mana, S. Santidade quis ser informado dos acontecimentos, minuto a minuto.

★

CECIL B. DE MILLE completou 75 anos e se prepara para lançar «Os 10 Mandamentos», considerado desde já, o mais caro e o mais colossal empreendimento do cinema americano. Fazer esse filme foi a obsessão de toda sua vida.

FERNANDO PAULO

500 MIL AMERICANOS visitaram a França este ano. 160 mil eram estudantes; 120 mil eram homens de negócios e 220 mil simples turistas.

★

JACK DEMPSEY foi internado num hospital de Chicago. Motivo: violenta crise nervosa provocada por esgotamento.

★

JEAN NEGULESCO, o famoso diretor do cinema, está agora,

interinamente voltado para a pintura. Nos primeiros dias de 57, pretende fazer uma exposição de seus trabalhos, em Roma, onde se encontra.

★

O GAL. MAC ARTHUR, será o novo embaixador dos EE.UU. na Itália. Substituirá a sra. Clara Booth Luce, mulher do todo poderoso dono do «Life», «Time» e «Fortune».

★

NO SENADO italiano foi apresentado um pedido de informação ao governo para saber por que o ministro da Guerra proibiu os militares de aparecerem na televisão, no programa «Lascia ou raddoppia», similar do nosso «O Céu é o Limite». O requerimento ainda não foi respondido.

★

TOGLIATI, líder comunista italiano, está em situação difícil. Sua atuação não vem agradando aos soviéticos. Fala-se até em destituição.

★

ANN SHERIDAN está sendo processada por adultério no México. Autora do processo: a mulher do ator mexicano Rodolfo Perez.

★

O MARECHAL BADOGLIO morreu no dia em que completava 85 anos. Suas últimas palavras: «nesta viagem eu faço questão de ir sozinho».

★

ROCKY MARCIANO, que abandonou recentemente o título de campeão mundial de box, comprou um restaurante em Nova York.

★

NO SEU PRÓXIMO filme, Marlon Brando será um aviador americano apaixonado por uma bailarina japonesa.

A IX SEMANA DE PREVENÇÃO DE ACIDENTES DO TRABALHO

SOB o patrocínio da Divisão de Higiene e Segurança do Trabalho, do Departamento Nacional do Trabalho, realizou-se recentemente nesta capital o certame educacional de prevenção de acidentes do trabalho que vem sendo organizado e executado anualmente com absoluto êxito e eficiência, com a colaboração de órgãos governamentais e privados. Dentre as solenidades que se fizeram realizar para a comemoração da IX Semana de Prevenção de Acidentes do Trabalho tiveram lugar de relêvo



Exposição de Acidentes do Trabalho no «hall» térreo do MTIC vendo-se alguns dos «stands» das firmas expositoras e autoridades presentes.



Ato simbólico da abertura da Exposição de Acidentes do Trabalho, por ocasião da instalação da IX Semana de Prevenção de Acidentes do Trabalho. S. exa. o sr. ministro do Trabalho corta a fita na presença do dr. Evio Santos de Bustamante, diretor do DHST.



Instalação da IX Semana de Prevenção de Acidentes do Trabalho na A.B.I. A mesa diretora constituiu-se do exmo. sr. ministro do Trabalho, senador Parsifal Barroso, sr. presidente da Federação de Seguradores, dr. Vicente Paulo Galliez e diretor de Divisão de Higiene e Segurança do Trabalho, dr. Evio Santos de Bustamante.



Inauguração da Exposição de Acidentes do Trabalho no «hall» térreo do MTIC com a presença de s. exa. o senador Parsifal Barroso, ministro do Trabalho. Falou sobre o acontecimento de grande importância o dr. Hildebrando Bisaglia, então diretor do DNT.

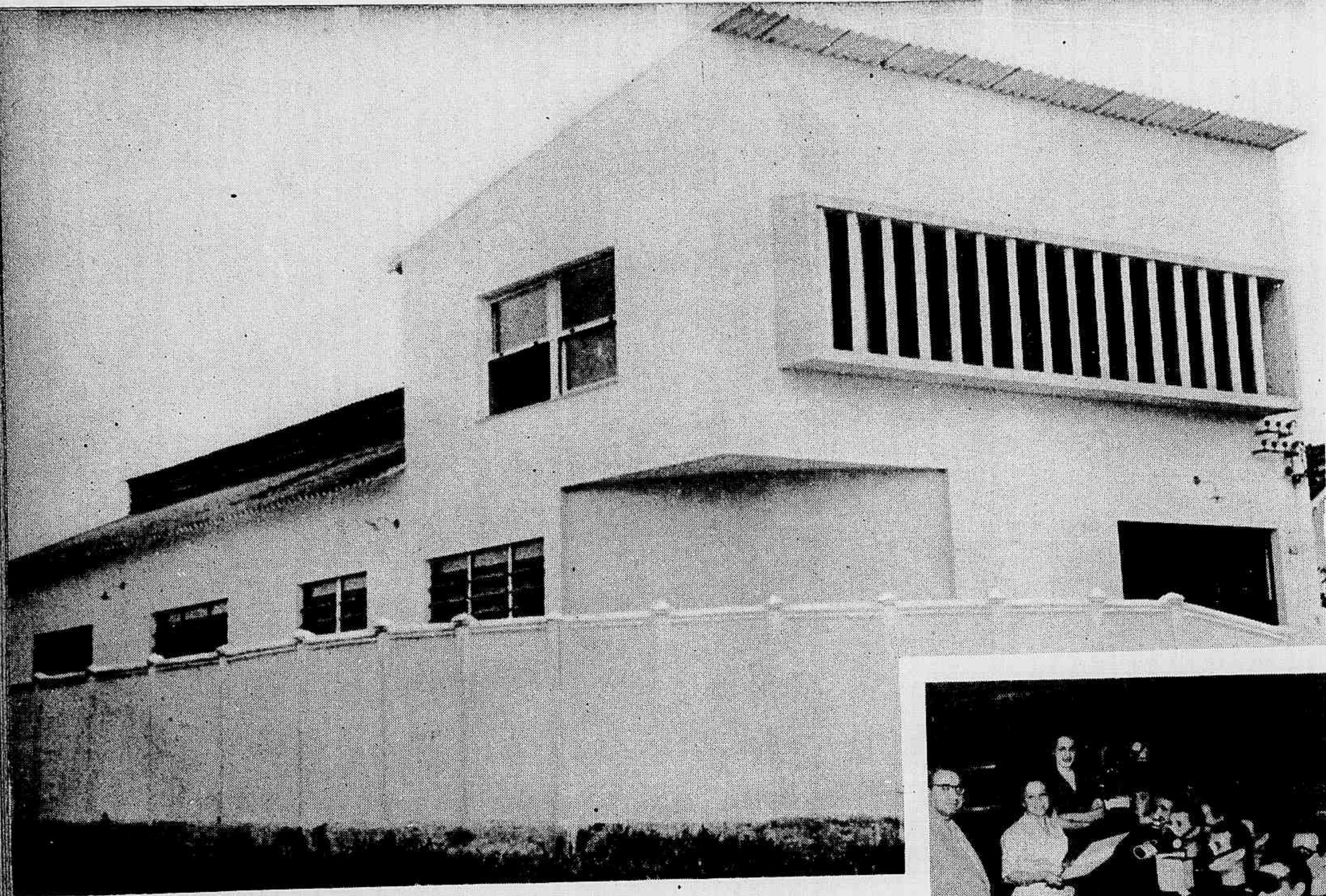
Numerosas pessoas compareceram ao auditório da Associação Brasileira de Imprensa, para assistir à instalação da IX Semana de Prevenção de Acidentes do Trabalho.



as visitas educativas a estabelecimentos industriais, comerciais, e rurais de ensino, instituições e repartições onde se pratica a prevenção de acidentes do trabalho, exposição de cartazes e equipamentos de segurança referentes à prevenção de acidentes e à higiene do trabalho. Também foi levada a efeito a publicação de entrevistas, palestras, reportagens, artigos e conselhos sobre a prevenção de acidentes, doenças profissionais e higiene do trabalho, nos diários, revistas e periódicos desta capital e dos Estados, medida essa que visa a educação das

classes trabalhadoras no sentido da prevenção de acidentes nos diversos estabelecimentos em que empregam suas atividades.

No auditório da Associação Brasileira de Imprensa, foi feita a instalação da Semana de Prevenção de Acidentes do Trabalho pelo sr. Presidente da Federação de Seguradores, dr. Vicente Paulo Galliez, participando da mesa diretora também o exmo. sr. Ministro do Trabalho, senador Parsifal Barroso e Diretor de Divisão de Higiene e Segurança do Trabalho, dr. Evio Santos de Bustamante.



Fachada da fábrica da Importadora Weld Ltda.

IMPORTADORA COMÉRCIO E INDÚSTRIA WELD LTDA.



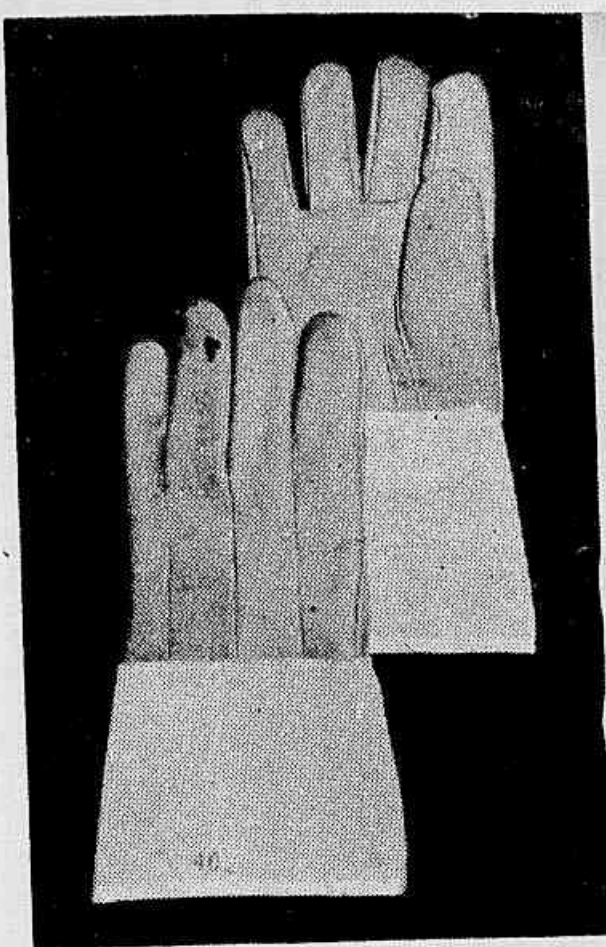
Outro aspecto interior da fábrica Weld Ltda.

Equipamentos de proteção e segurança para a indústria.

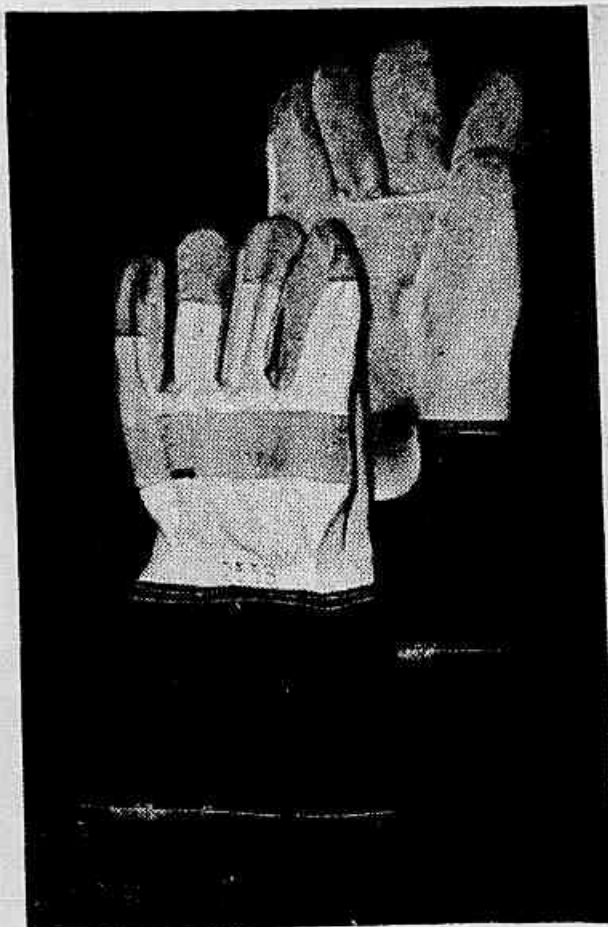
◆ DENTRE AS ENTIDADES privadas que contribuíram com a sua participação para o brilhantismo e o êxito invulgar alcançado pelos organizadores da IX Semana de Prevenção de Acidentes do Trabalho, é de justiça destacar a IMPORTADORA COMÉRCIO E INDÚSTRIA WELD LTDA., com sede à rua Teófilo Otoni, 15 s/903 a 907, nesta capital e Filial à rua dos Protestantes, 49, em São Paulo, indiscutivelmente uma organização que muito tem conseguido fazer em benefício da redução do número de acidentes do trabalho. A INDÚSTRIA WELD tem se dedicado ao aperfeiçoamento cada vez maior dos vários produtos de sua esmerada fabricação e que se destinam à proteção e segurança dos operários que empregam sua atividade em diversas indústrias do país. Nestas páginas estampamos flagrantes da visita feita pelos organizadores da IX Semana de Acidentes do Trabalho, em companhia de autoridades e representantes da imprensa, às dependências de suas fábricas das ruas da Proclamação, 203 e Flávia Farnese, 44, nesta cidade bem como alguns dos muitos e variados produtos fabricados por esta notável e benemérita organização comercial e industrial.



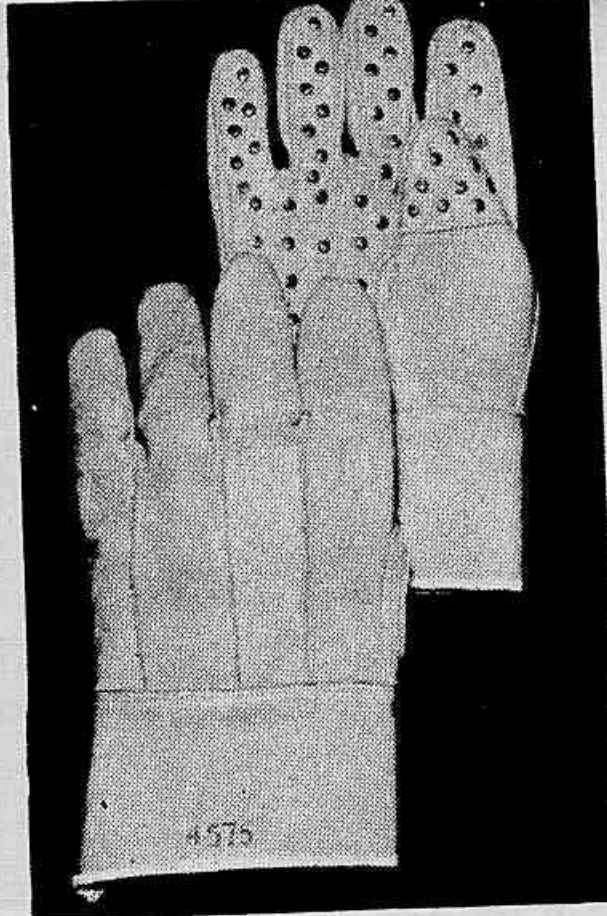
Numerosas pessoas visitam a nòvel indústria.



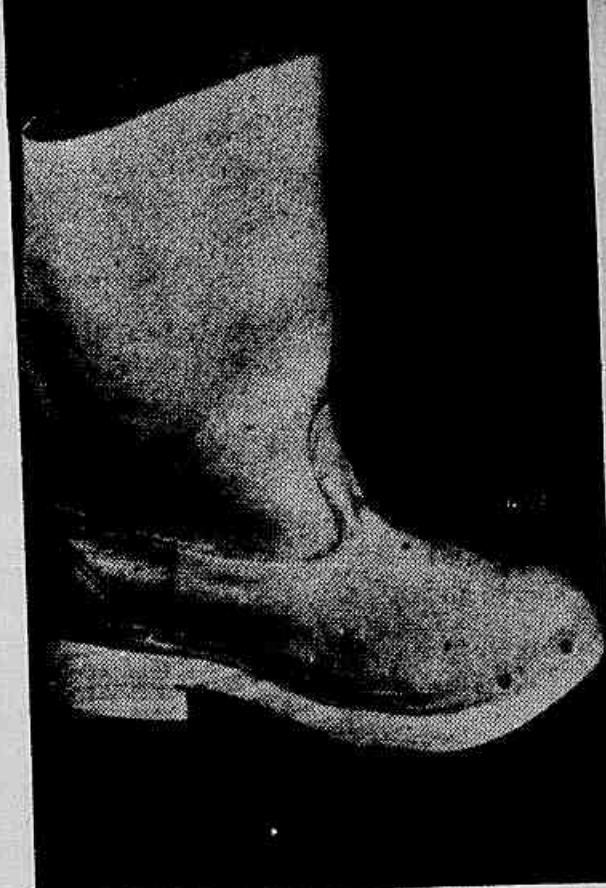
Luva de couro para soldadores.



Luva de couro e lona para serviço de carga e descarga em trapiche, cais do porto, etc.



Luva de couro, especialmente para quem trabalha com arame farpado.

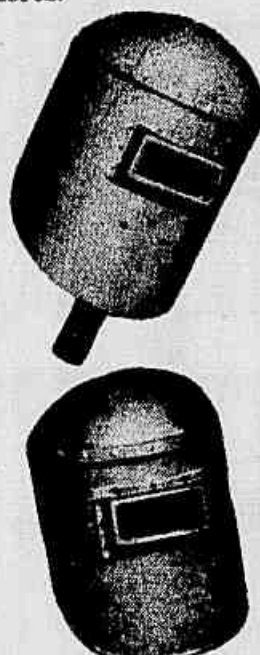


Botina de couro e madeira para proteção dos trabalhadores em chácaras, trapiches, usinas, fundações, etc.



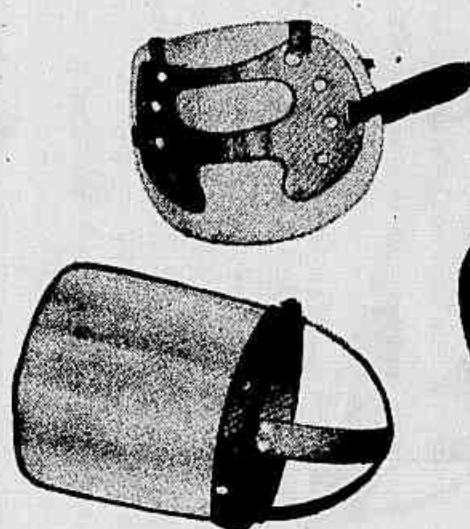
Conjunto de Máscara WELD N° 70 com Óculos WELD N° 31

Escudos de Fibra, WELD, para soldadores.



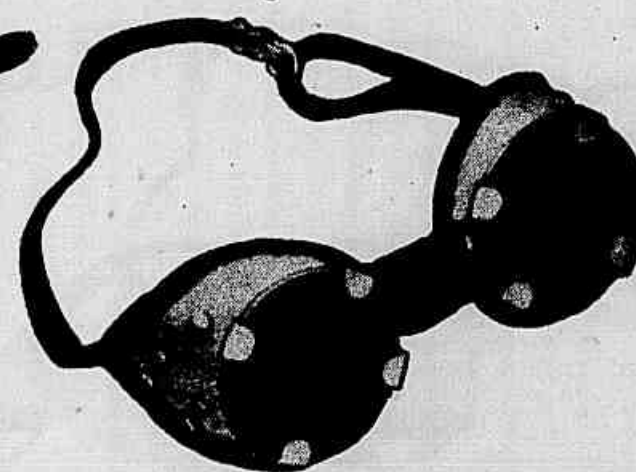
Capacete de Fibra, WELD, para soldadores.

MÁSCARA WELD N° 100
Contra poeira c/1 filtro de algodão.

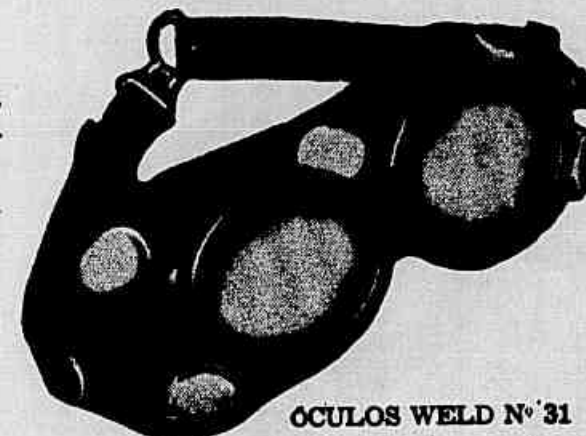


VIZEIRA WELD

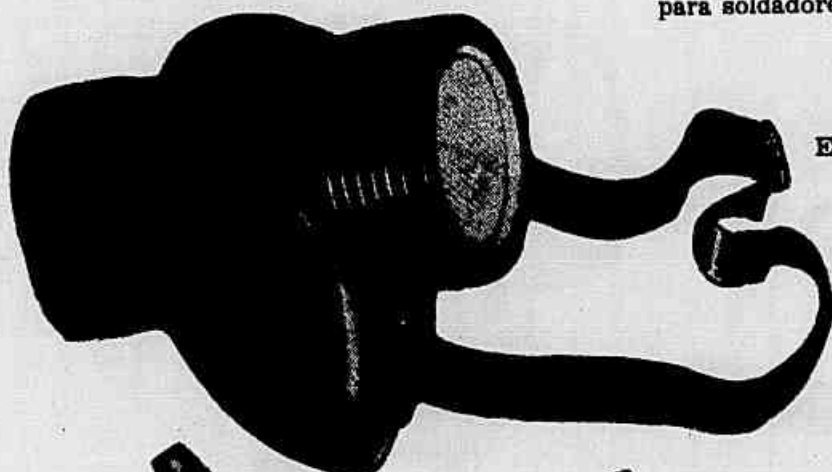
De material plástico branco ou verde, debruada com alumínio. Fixa ou Móvel. De 4" — 6" — 8" — 10" — 12"



ÓCULOS WELD
De alumínio com vidros a escolha.



ÓCULOS WELD N° 31
De borracha com ventilação.



MÁSCARA WELD N° 80 (contra gases)

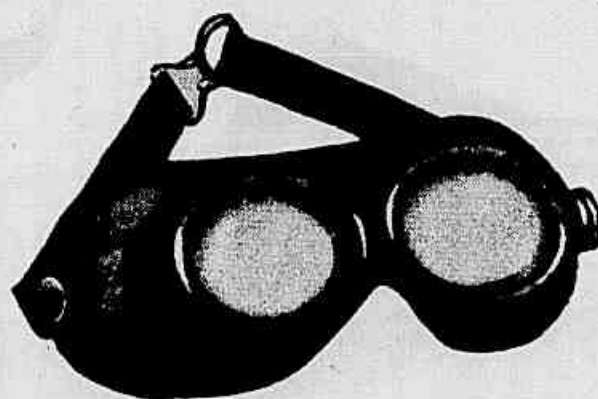
Esta máscara muda de numeração de acôrdo c/o filtro que se vai usar.

MÁSCARA WELD N° 81 Conf. Descrição Junto
MÁSCARA WELD N° 82 Conf. Descrição Junto
MÁSCARA WELD N° 83 Conf. Descrição Junto
MÁSCARA WELD N° 84 Para Amonia



MÁSCARA WELD N° 300

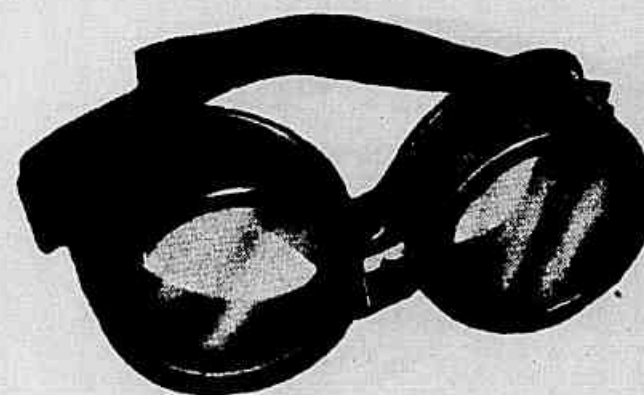
Contra gases de média concentração, com filtro de acôrdo com o gás a proteger.



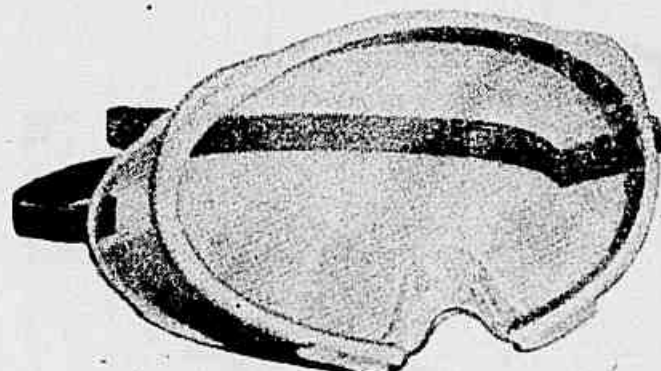
ÓCULOS WELD N° 30
De borracha contra poeira ou gases.

MÁSCARA WELD N° 200

Contra gases em pouca concentração, com filtro de acôrdo com o gás a proteger.



ÓCULOS WELD N° 51
Óculos de baquelite para esmeril ou soldadores.



ÓCULOS WELD N° 60
De plástico com 3 tamanhos de nariz.



MÁSCARA WELD N° 70
Contra poeira com 5 filtros de feltro.

A surpresa da revolução húngara:

SOVIETS CONTRA A RÚSSIA

A VERDADE SOBRE OS CONSELHOS OPERÁRIOS DA HUNGRIA — AS ARMAS DE FOGO E A ARMA DA GREVE — LENINE, HÁ 56 ANOS, REGISTRAVA FATOS IDÊNTICOS

Por HERMANO NOBRE ALVES

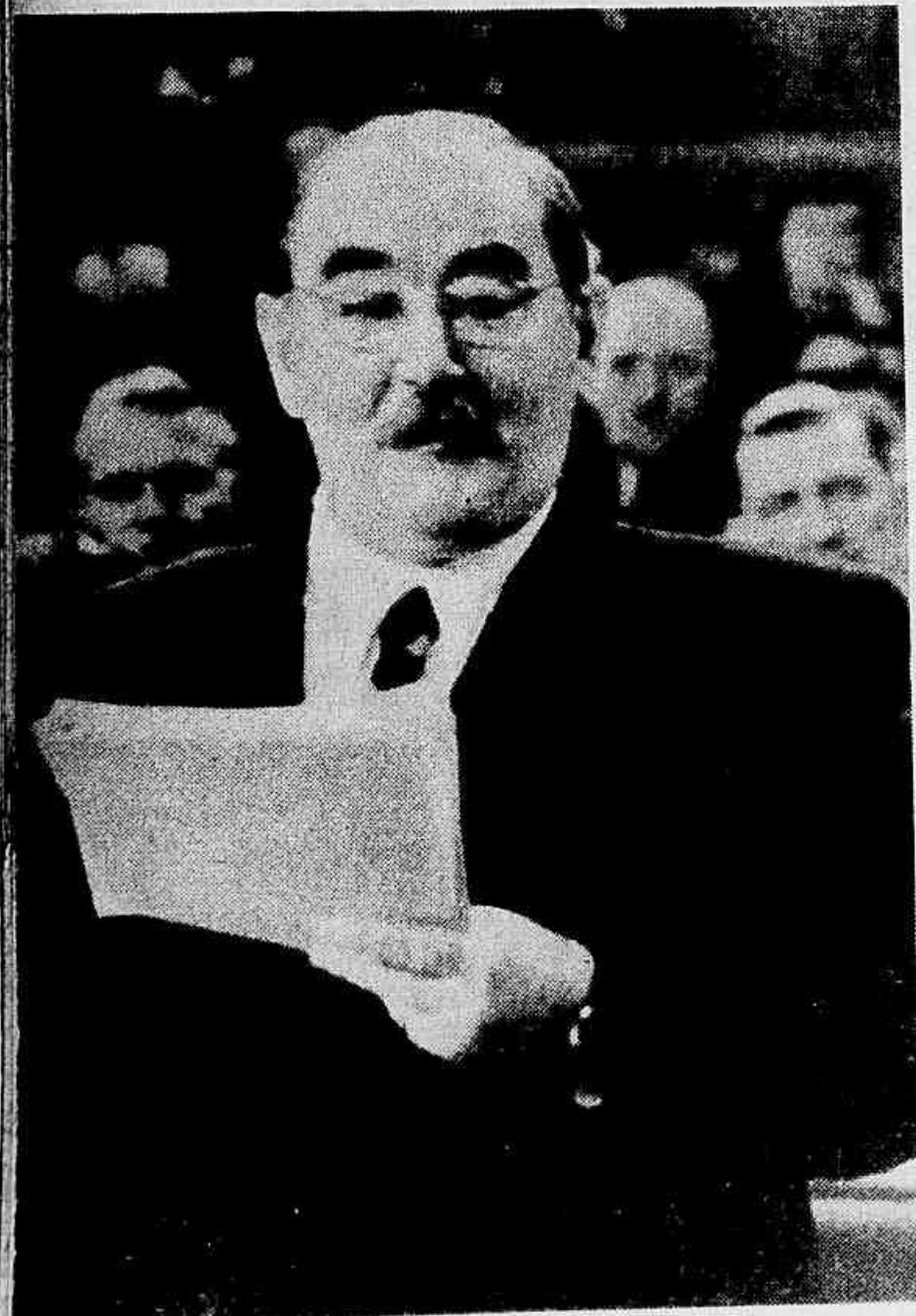
♦ «O governo czarista não mantém apenas o nosso povo na escravidão mas o obriga a suprimir as revoltas de outros povos oprimidos — como se fez em 1849, quando as tropas russas sufocaram a revolução na Hungria».

Estas palavras foram escritas por Lenin, em 1900. Passados 56 anos, elas se aplicam, perfeitamente, à intervenção do governo comunista da Rússia na repressão ao movimento insurreccional da Hungria.

A REDE DE INTERESSES

A propaganda comunista e as manifestações de júbilo de grupos reaccionários impediram que os povos do Ocidente compreendessem o verdadeiro carácter da revolução húngara. Enquanto a «correia de transmissão» stalinista — que não perdeu seus velhos cacoetes — dava, como palavra-de-ordem a afirmação de que o que havia na Hungria era o pronunciamento de «bandos de fascistas armados», o almirante Horthy, antigo aliado de Hitler, hoje residindo no Estoril, em Portugal, se apressava a falar. Todos os reaccionários começaram a reivindicar para si as glórias da revolução húngara. Salazar, em Portugal, promoveu uma manifestação de católicos em Fátima, seguindo o velho hábito de pôr Nossa Senhora a serviço da propaganda totalitária. O «caudillo» Franco, velho fuzilador de oposicionistas, mostrou-se compungido. O mesmo aconteceu com o generalíssimo Rafael

Nagy



Leonidas Trujillo, supremo arrendatário da República Dominicana. No Rio de Janeiro, a «Juventude Águia Branca», integrada por velhos integralistas que obedecem ao sr. Plínio Salgado, apressou-se a pregar cartazes de apoio à revolução húngara. Como sempre, os fascistas confirmaram o que os comunistas diziam.

A rede dos interesses internacionais, que influem na preparação de noticiário pelas agências de informações, também prejudicou a observação clara dos fatos da revolução húngara. A Agência Tass, da Rússia, é o órgão do Estado. O mesmo acontece com a Nova China, de Pequim, e a Tanjug, da Iugoslávia. As duas primeiras transmitiram as versões fornecidas pelo governo russo. A Tanjug, seguindo a linha zigzagante do governo Tito, portou-se com discrição. A Reuter, inglesa, a France Press, francesa, a United Press e a Associated Press, americanas, se não falsificam acontecimentos, muitas vezes os omitem.

AÇÃO ESPONTANEA

Mas a análise do noticiário das agências, a leitura das revistas norte-americanas, dos jornais ingleses e franceses, o estudo das notícias passadas pelos comunistas e dos comunicados do governo títere de Janos Kadar, tudo nos permite observar que a revolução húngara foi um movimento nacional, espontâneo, de carácter democrático, com o predomínio dos grupos de esquerda e apoiada pela classe operária. Para isso contribuíram, também, informações divulgadas, em menor escala mas com muita autoridade, pelos socialistas europeus, especialmente alemães.

A união de comunistas e não-comunistas (católicos, socialistas, liberais) húngaros no movimento que pediu a retirada das tropas russas e a tomada do poder por Imre Nagy, mostra o carácter nacional da revolução. O movimento começou pacificamente, liderado pela juventude universitária (inclusive os comunistas), somente recorrendo à violência quando as tropas russas atiraram sobre os manifestantes. A espontaneidade se demonstra pela maneira porque irrompeu o movimento — que pretendia copiar a condução de Gomulka ao poder pelo povo da Polónia mas acabou em insurreição armada. Tudo é espontâneo, apesar das acusações russas de que foi Allen Dulles, chefe dos serviços secretos norte-americanos que acendeu o estopim, com dois mil agentes treinados. Esses agentes seriam geniais para conseguirem a mobilização de todo o povo e da maioria dos quadros comunistas contra os russos. Por outro lado, os russos não têm autoridade moral para falar de agentes treinados.

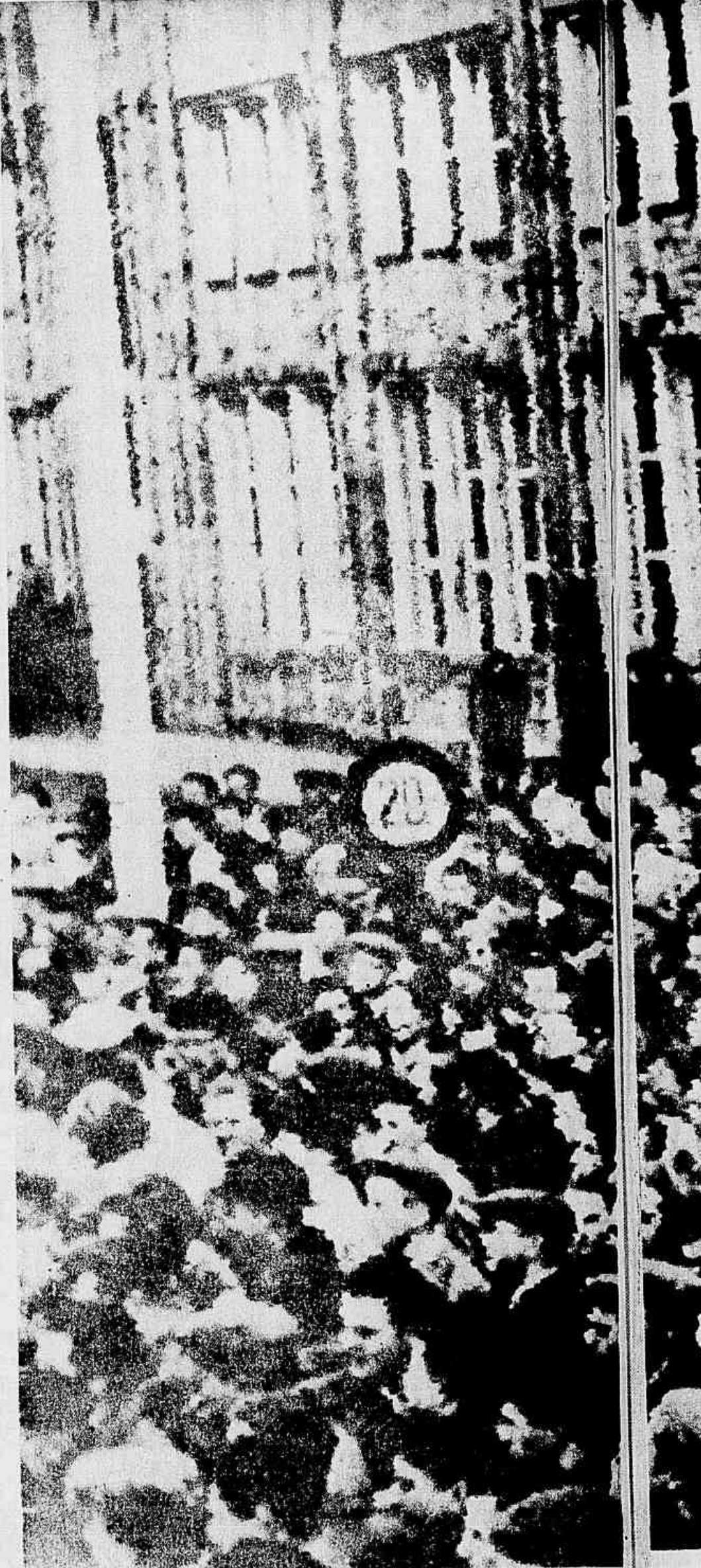
OS SOVIETES CONTRA A RÚSSIA

O carácter democrático do movimento se prova pela plataforma política apresentada e que propunha eleições livres e liberdade de palavra, de reunião, de imprensa e de rádio. O predomínio da esquerda e o apoio da classe operária se demonstra pela organização dos conse-

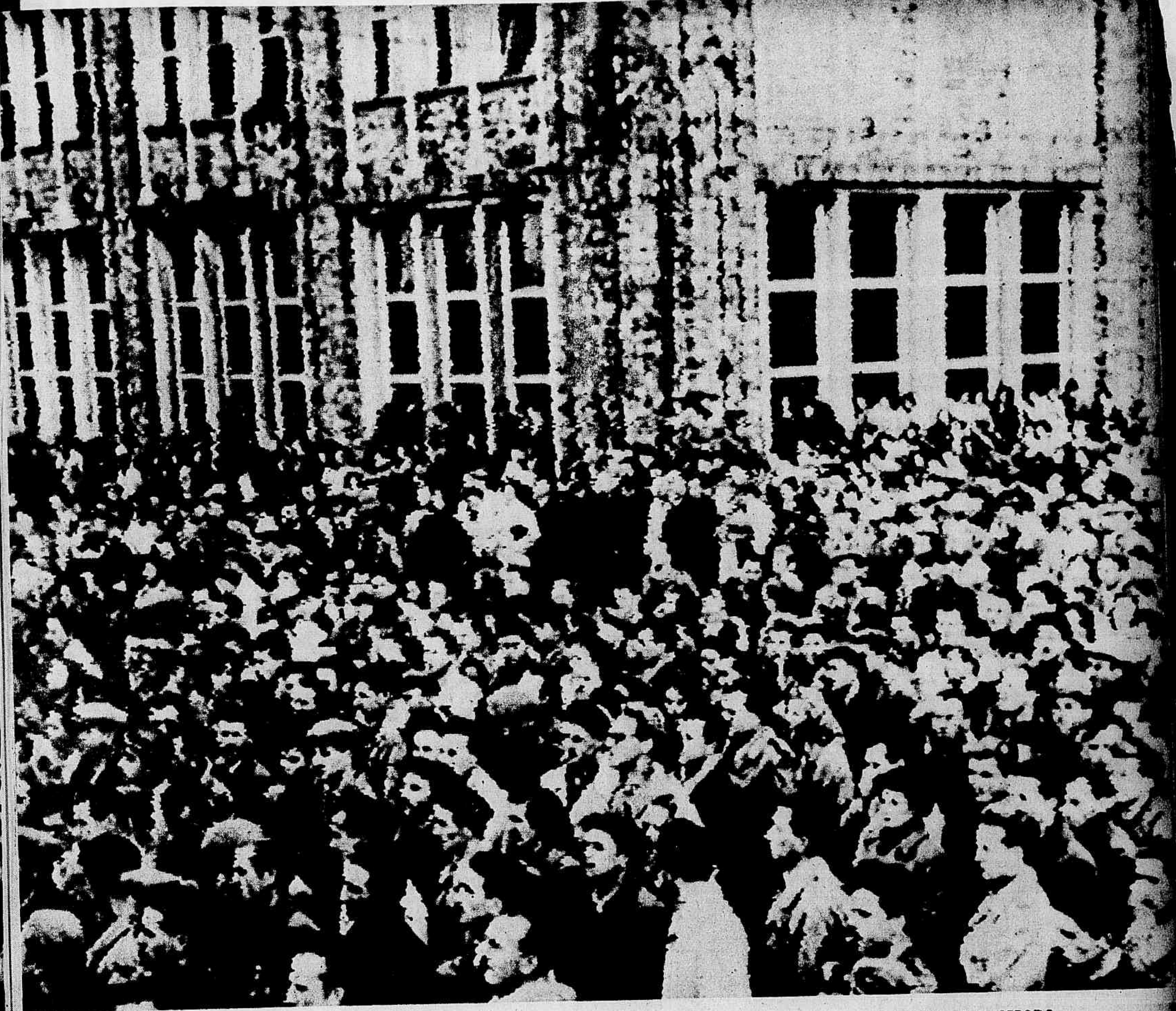
lhos de operários, camponeses e intelectuais. Vale a pena recordar, aqui, que «soviet», em russo, quer dizer conselho. Desde o princípio, os operários, os camponeses e intelectuais pugnam pela ocupação das fábricas (como ocorrera na Polónia, em benefício de Gomulka) e pela formação de conselhos e milícias de trabalhadores armados. O «slogan» dos revolucionários de esquerda da Hungria era igual ao dos bolcheviques, em 1917: — «Todo o poder aos conselhos».

O governo Nagy seria sustentado pela classe operária, armada e vigilante. Houve, porém, a intervenção russa com o peso do exército de Júcov, que esmagou, inicialmente, o exército húngaro. Subiu ao poder o títere Janos Kadar. Desorganizado o exército húngaro — que lutou heróicamente — o peso da repressão russa foi lançado contra as cidades, especialmente Budapeste. E foi nas ruas da capital húngara que se esfumou o mito político de que os tanques são invencíveis pelo povo revoltado. O povo, em peso, descobriu um fato que só é narrado nos manuais militares: a eficiência do tanque, no combate em localidades, é muito pequena. Num cidade, atrás de cada porta, pode estar um homem com uma garrafa de gasolina, esperando o tanque passar.

Esmagada a resistência armada do povo, enquanto mais de 100 mil húngaros, na maioria pequeno-burgueses, cruzavam a fronteira, quem continuou na luta, organizadamente? A classe



ais.
em
os
na-
era
pela
ha-
rios
ool-
con-
sse
a,
de
cito
dar.
itou
foi
Bu-
que
ues.
em
nos
no
Nu-
um
ran-
en-
oria
uem
asse



operária, encabeçada pelos metalúrgicos, pelos mineiros, pelos trabalhadores em transportes. Os demais elementos, dispersos, entregavam-se às atividades de guerrilha e sabotagem, em grupos que incluíam militares, pequenos-burgueses e camponeses. O terreno que escolheram, de preferência, foi a campanha. Nos centros industriais, a classe operária recorreu à greve, sob a chefia dos seus conselhos — dos «soviets» que, por uma ironia da história, os russos, que se dizem soviéticos, tiveram de enfrentar, 39 anos depois da sua revolução.

UM NOVO FENÔMENO

Enquanto em Moscou se celebrava o aniversário da revolução de 1917, as tropas russas dizimavam o povo húngaro, seguindo a orientação traçada, dias antes, em Budapeste, por Mikhail Suslov, empedernido stalinista do Kremlin. E, quem era o orador oficial, em Moscou? O próprio Suslov. O fato, como tantos outros, tem uma significação simbólica. A liquidação da revolta húngara foi feita, sistematicamente, como os burgueses e militaristas franceses sufocaram a Comuna de Paris e como o governo de Lenin, em março de 1921, reprimiu o levante dos marinheiros da base de Kronstadt. Os marinheiros — a fina flor da revolução de 17, se revoltaram, aprovando resoluções em que pediam novas eleições, pelo voto secreto, para o Conselho dos Comissários do Povo, liberdade

de palavra para todos os cidadãos, de reunião para os partidos de esquerda e as organizações operárias e camponesas, e de imprensa para os grupos intelectuais.

A revolta durou 17 dias. Trotsky e Tukhachevsky (mais tarde fuzilado por Stalin) conseguiram sufocá-la. Os líderes foram executados. Milhares de participantes foram enviados para campos de concentração. Lenin — como fazem, hoje, os seus sucessores do Kremlin, com a revolução húngara — classificou esses elementos proletários de inimigos da classe operária e da revolução. Já começara a traição ao espírito revolucionário.

A revolução húngara guarda semelhança com outros movimentos de caráter social como a Comuna de Paris, em 1871, a revolução russa, de 1917, a revolta de Kronstadt, em 1921, e o levante proletário de 15 de junho de 1953, na Alemanha Oriental.

Quem acertou foi Milovan Djilas, no artigo que escreveu para «The New Leader»:

— «As modificações havidas na Polônia foram um triunfo do nacional-comunismo que, numa forma diferente, já fôra obtido na Iugoslávia. A rebelião húngara é algo mais, um novo fenômeno, talvez de significação não menor do que a Revolução Francesa e a Revolução Russa».

Mas, como os tanques russos estavam na fronteira e o artigo continha críticas severas ao próprio regime iugoslavo, o marechal Tito mandou Djilas para a cadeia.

A JUSTIÇA E A ESPADA

Todos esses acontecimentos vieram provar, definitivamente, que o movimento comunista mundial, comandado pelo Partido Comunista da União Soviética, se opõe à revolução e só patrocina levantes armados quando estes beneficiam a política internacional do regime capitalista de Estado da Rússia. A classe operária de Budapeste luta por seus direitos — com armas de fogo ou com a arma da greve — ameaçada de fuzilamento e de confisco de salários, representada pelos seus líderes autênticos, como Sandor Racz e Sandor Bari, pedindo a libertação de Imre Nagy e do general Maleter. Está com os húngaros o verdadeiro espírito revolucionário e, para os mortos de Budapeste se deve cantar, hoje, a marcha fúnebre que John Reed ouviu na Rússia, em 1917:

«Vocês tombaram na luta fatal

Pela liberdade do povo.

Pela honra do povo.

Vocês deram as suas vidas

E tudo que lhes era caro,

Sofreram em prisões medonhas

E foram para o exílio algemados.

Sem uma palavra, vocês carregaram as suas

[cadeias

Porque não podiam ignorar os seus irmãos

[que sofriam.

E porque acreditavam

Que a justiça é mais forte do que a espada».



Produto científico a preço popular.
No varejo Cr\$ 88,00

avaeté

(ava = cabelo — eté = forte)

TRICOSTÊNICO BIOLÓGICO

A progressão da calvície é sustada
com o uso desse maravilhoso
produto.

AVAETÉ extingue a caspa e a coceira
do couro cabeludo; esta, com
uma só aplicação.

Discreta e agradavelmente
perfumado.

A venda em todas as perfumarias e drogarias ou pelo reembolso
postal. Distribuidores: SOC. FARMACÊUTICA QUINTINO PINHEIRO
Rua São Januário, 706 — Fones: 28-1141 e 34-3492 — RIO
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 125,50 — Por Vale Postal Cr\$ 113,00

Gynegon



Instituto Biológico do Rio de Janeiro —
Caixa Postal. 1.202

ÓLEO DE CEDRO

INEGAVELMENTE O MELHOR PARA OS MÓVEIS



RUA MÉXICO, 111 - 21.º - S/2.105

Tel.: 32-9415

O MUNDO DAS IDÉIAS

A VINGANÇA DA HISTÓRIA

— «Também Nero foi um produto da sua época. No entanto, depois que ele morreu, as suas estátuas foram destruídas e o seu nome foi apagado de tudo. A vingança da história é mais terrível do que a vingança do mais poderoso dos secretários gerais. De certo modo, eu acho isto um consolo».

LEON TROTSKY em sua obra «Stalin». Trotsky não conseguiu terminar o livro pois foi assassinado, em seu refúgio, no México, por um agente stalinista. A obra foi publicada, com anotações, por Natália Sedova, a viúva de Trotsky. O secretário geral a que Trotsky se refere, acima, é Stalin, o biografado.

CAPITALISMO DE ESTADO

— «É verdade que o comunismo, como uma religião secular, ainda tem um apelo para as massas pois lhes promete a salvação terrena através de medidas econômicas. Mas o comunismo leninista-stalinista há muito que adquiriu uma feição política que justificou a denominação de «fascismo vermelho» que Ignazio Silone lhe deu. Há anos que eu defendo a tese de que a sua economia pode ser descrita, mais apropriadamente, como capitalismo de Estado e não como socialismo».

NORMAN THOMAS, ex-candidato socialista à Presidência dos Estados Unidos da América do Norte, em artigo publicado em «The New Leader», sob o título: «Revolution or Evolution in the Kremlin».

RACISMO OFICIAL

— «Nós achamos que, em cada setor, o europeu deve manter o direito de chefiar e conservar isto aqui uma terra de gente branca». JOHANNES G. STRIJDOM, primeiro ministro da União Sul-Africana, em discurso.

— «Os negros podem fazer trabalho especializado, desde que sejam treinados para isso. E é por isto que não devemos treiná-los, jamais». BAREND JACOBUS SCHOEMAN, ministro dos Transportes do governo Strijdom, em discurso.

As duas frases mostram qual o pensamento da cúpula política que governa a União Sul-Africana e que planeja colocar em «reservas», os 12 milhões de negros que existem em seu território. Strijdom representa o pensamento de apenas a metade da população branca, de três milhões de habitantes, do seu país. Trata-se da gente «boer» que não pensa de acordo com os habitantes de origem inglesa. O governo nacionalista de Strijdom proíbe que os negros votem, possuam terras ou casas, desempenhem atividades intelectuais ou adquiram instrução superior. O primeiro ministro «boer» que precedeu Strijdom, dr. Daniel Malan, disse, certa vez:

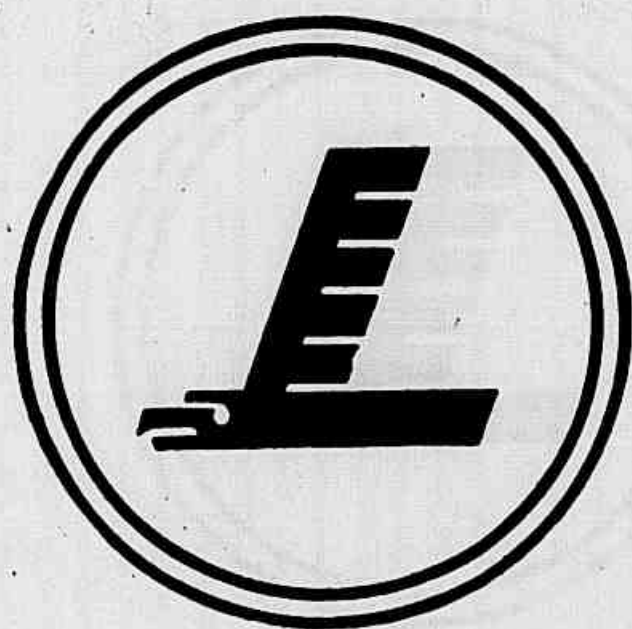
— «O negro não precisa de casa. Ele pode dormir debaixo de uma árvore».

O PROJÉTIL TELEGUIADO E OS CAÇADORES DE CABEÇAS

◆ A revista norte-americana «Newsweek», de 17 de dezembro, fornece um relato curioso sobre o acidente com o projétil teleguiado «Snark» que se desviou da rota, no Mar das Caraíbas, e rumou na direção do Brasil. Diz a revista que o projétil caiu «a três mil milhas de distância, nas selvas do Brasil, espantando talvez alguns caçadores de cabeças, ou mergulhou no oceano».

Ao pé da página publica um mapa (que aqui reproduzimos) com a rota do «Snark» e no qual está assinalada, como sendo a área onde, provavelmente, caiu o projétil, a zona que vai de Belém do Pará a São Luís do Maranhão. As probabilidades de que o projétil tivesse caído em uma cidade são diminutas mas não deviam ser desprezadas pelos aprendizes de feiticeiros da Força Aérea dos Estados Unidos. É verdade que o «Snark» não levava a sua carga atômica, pois se tratava de um aparelho experimental. Mas, se atingisse uma cidade, representaria um perigo para cidadãos indefesos e não iria, apenas, espantar os caçadores de cabeças que «Newsweek» provavelmente inspirada nos srs. Magalhães Barata e Vitorino Freire, assinalou naquela região.





1956

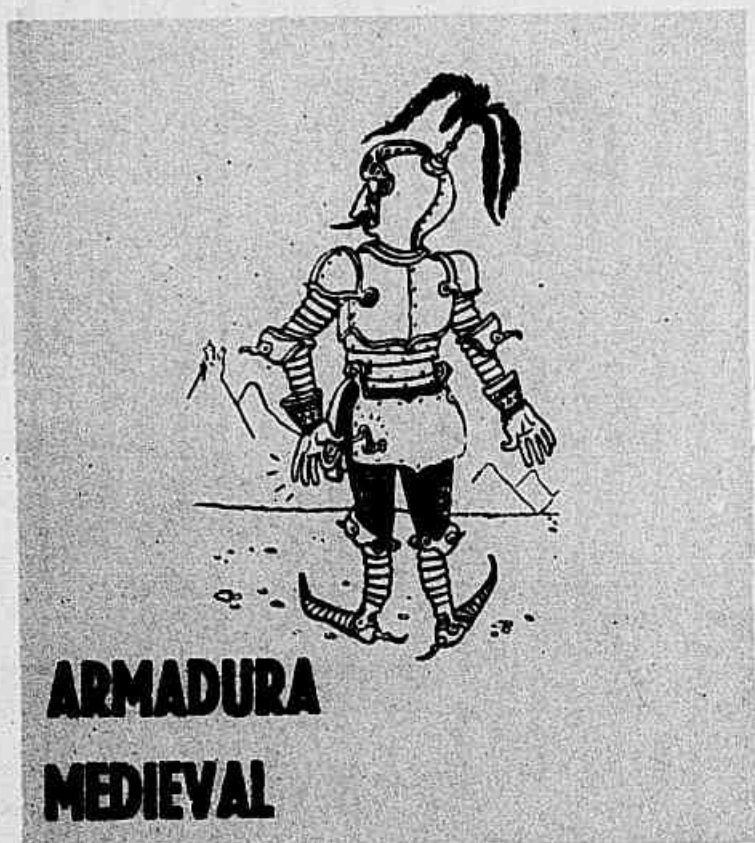
1957

BOAS FESTAS
FELIZ ANO NOVO

NOSSOS CUMPRIMENTOS E AGRADECIMENTOS A TODOS
QUE NOS HONRARAM COM SUA PREFERÊNCIA DURANTE
O ANO QUE ORA FINDA.

Lâide Aéreo

TEMAS CLÁSSICOS DO



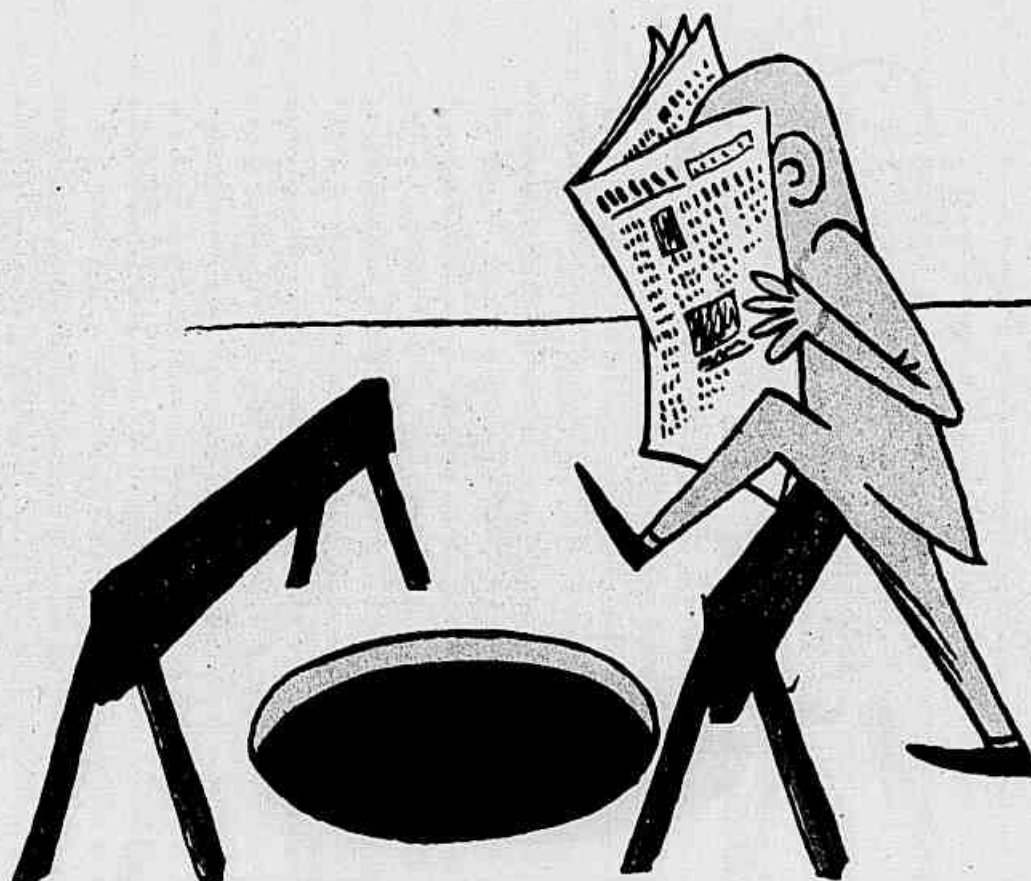
**ARMADURA
MEDIEVAL**

Des. de Wolter — «Lustige Illustriertes» — Alemanha



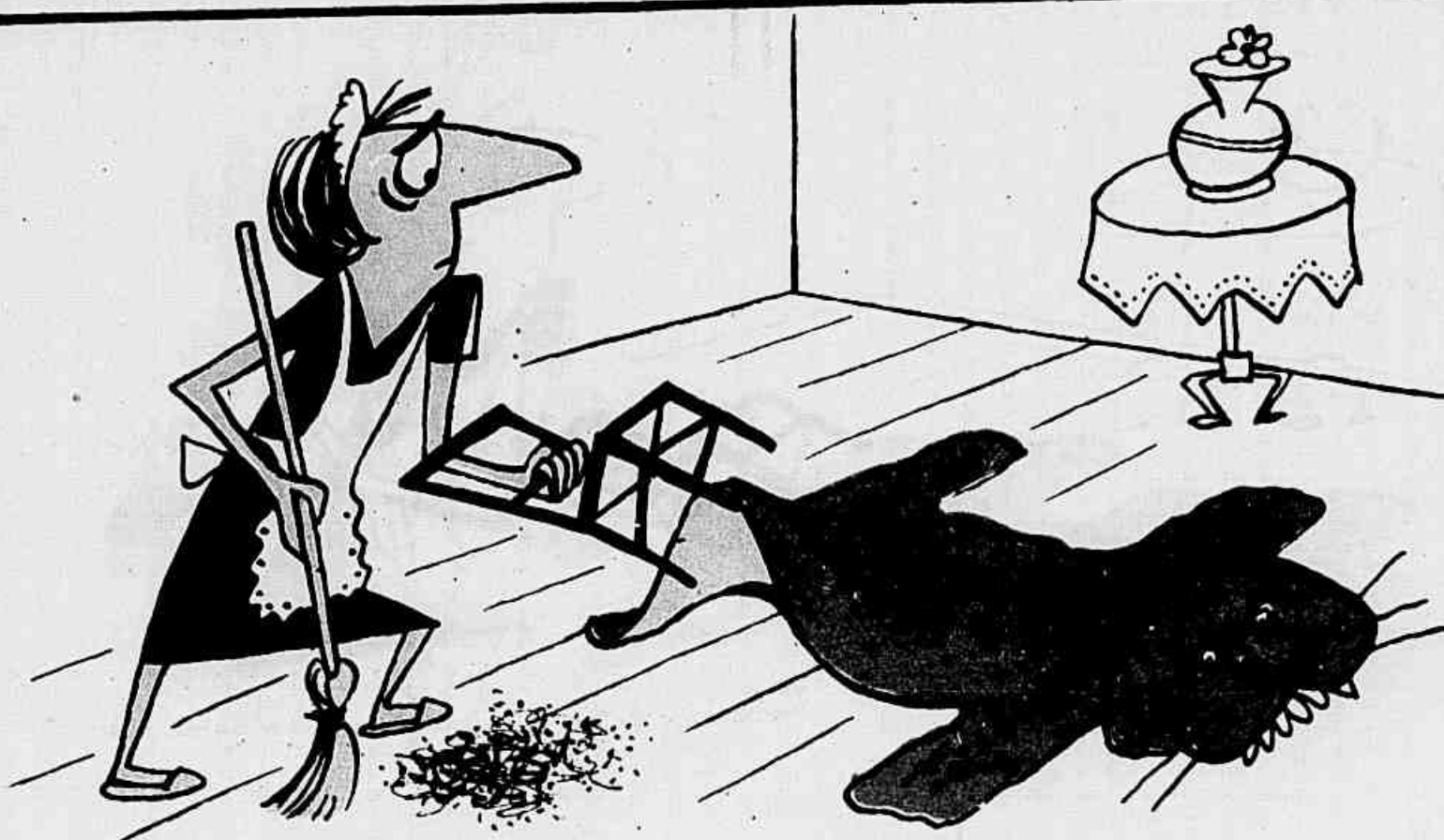
**UM BURACO
NO CAMINHO**

Des. de Cesc — «Le Rire» — França

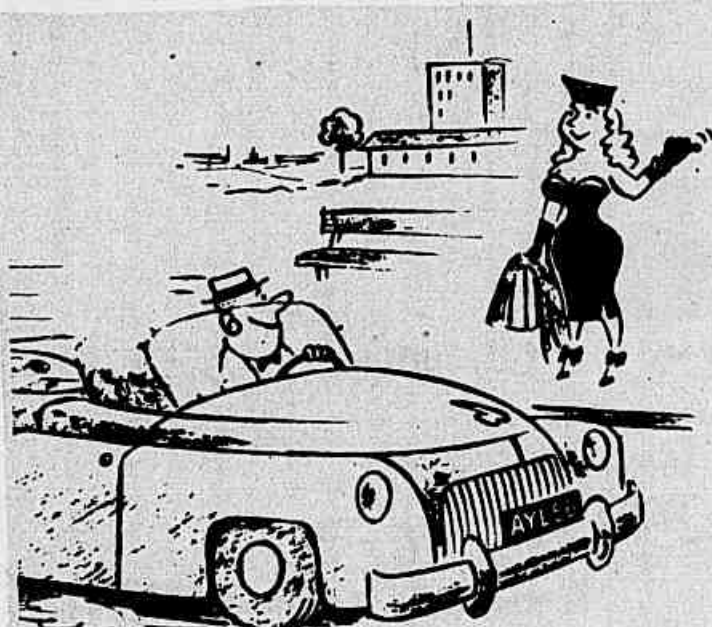


**PÓ DEBAIXO
DE TAPETE**

Des. de Siggs — «Punch» — Ingl.



DESENHO HUMORÍSTICO



AUTO-STOP

Des. de Burda — Lilliput — Ingl.



**SECRETÁRIA
DE COLO**

Des. de Grouille — «Fourire» — França



**CAÇADOR E
EACHORRO**

Des. de J. Bel'air — «Blagues» — França





SUA BELEZA

◆ Para corrigir a **PELE DEMASIADAMENTE OLEOSA**, os **POROS ABERTOS** e os **CRAVOS**, é necessário fazer um tratamento persistente e continuado. Em primeiro lugar, é preciso lembrar que esses defeitos geralmente são provenientes de uma alimentação errada. Procure abolir de sua comida o excesso de temperos, cremes, balas, bombons e doces complicados, álcool e conservas. Cuide de que os intestinos funcionem sempre bem, comendo muitas frutas, legumes, frutas secas, e bebendo um copo d'água pela manhã em jejum e outro à noite ao deitar. Em segundo lugar, faça ginástica, principalmente exercícios respiratórios, ande a pé, pratique algum esporte, que tudo isso faz bem à saúde.

Finalmente, cuide da pele, localmente: limpe-a com um creme ou uma loção, especiais para pele oleosa, use um adstringente, e passe, em seguida, água gelada.

Uma vez por semana, aplique uma máscara de clara de ovo: espalhe no rosto uma clara de ovo e deixe até secar bem. Depois, retire-a com água e limão. Finalmente, aplique uma compressa gelada sobre o rosto. O gelo é um dos melhores remédios para combater o excesso de oleosidade da pele.

◆ Eis uma loção ótima para as **PELES SECAS**: misture, em partes iguais, leite de amêndoas e água de rosas. Passe na pele, pela manhã e à noite.

◆ O **PERFUME** usado em demasia é pouco elegante e, às vezes, até mesmo chocante, tanto numa jovem, como numa senhora. Perfume-se suavemente. Uma fricção com água de Colônia, na sua essência favorita, é o suficiente, além de ser um ótimo estimulante para a pele.

CONVERSA DE MULHER

LIGIA JUNQUEIRA

Partindo do princípio de que "ninguém melhor do que as mulheres sabem como preparar café e chá", um grupo de mulheres da União Sul Africana fundou uma indústria para beneficiamento e distribuição de café e chá, a "First National Tea and Coffee Factories". Até aí, nada demais. Acontece, porém, que só as representantes do sexo frágil podem ser acionistas da organização, sendo que já tem mais de 10.000 acionistas, conseguidas em poucas semanas. As marcas de chá e de café vendidas pela empresa já conquistaram o mercado de toda a União Sul Africana e países vizinhos, e já foi aberta uma filial em Londres. É a primeira vez que mulheres fundam uma organização industrial só de mulheres.

O SABER OLHAR

Saber olhar? Sim, isso mesmo. Há pessoas que consideram a coisa mais natural do mundo "encarar" pessoas desconhecidas. Isso acontece mais com as mulheres do que com os homens, que se mostram mais discretos nesse ponto. A pessoa "encarada", naturalmente, fica pouco à vontade. Firmente, deve-se olhar para os quadros de uma exposição, principalmente quando foi o próprio pintor que nos convidou a vê-la. Seria descortês passar apenas um olhar distraído pelas telas, fazendo ver que não são de nosso agrado.

As vitrinas podem ser olhadas, mas é de mau gosto e pouco elegante parar diante de uma por tempo infinito a suspirar por tudo aquilo que não podemos adquirir.

Não devemos olhar para uma pessoa que, numa situação embaraçosa, procura furtar-se às nossas vistas. Nem para uma pessoa que chora, e quer disfarçar o choro. Esses problemas não são seus, se você sabe o que é ter "tato".

AS MULHERES FRANCESAS E O TRABALHO

As mulheres francesas contribuem de maneira apreciável para o desenvolvimento da economia de seu país. Na França existem 2 milhões e 300 mil indústrias, sendo que 850 mil pertencem a mulheres.

Além disso, um quarto dos funcionários do governo são mulheres, e um terço de toda a população que trabalha é formada de mulheres.

AS MULHERES VÃO MAIS ÀS IGREJAS

Um inquérito recente revelou que, enquanto 57 por cento dos homens frequentam a igreja, 80 por cento das mulheres o fazem, tomando-se em conta homens e mulheres de qualquer religião, e qualquer igreja. As porcentagens maiores de frequência às igrejas foi encontrada entre as donas de casa, os velhos e a população dos campos.

WEEK-END NA COZINHA

Eis um «pastelão» fácil de ser feito, delicioso e de bonito efeito, ótimo para variar o cardápio de todos os dias.

1 — Prepare a massa com 200 gramas de farinha de trigo e a mesma quantidade de manteiga ou margarina. Deixe em descanso.

2 — Limpe com muito cuidado 1 quilo de espinafres, lavando-os em água abundante. Cozinhe-os com apenas a água que ficou aderente às folhas ao serem lavadas. Quando cozidos pique-os bem.

3 — Ponha numa frigideira um pouco de óleo e um pouquinho de alho. Refogar aí os espinafres e deixar que adquiram sabor cozinhando-os a fogo lento por 15 minutos. Provar e se preciso, salgar. (Atenção para não salgar demais, é preferível até mesmo deixá-los sem sal). Tire do fogo e deixe esfriar.

4 — Limpar bem 150 gramas de fígado de galinha, tirando o fel e lavando-o bem. Refogá-lo num pouco de manteiga, até ficar corado. Salgar e cortar em pequenos cubos.

5 — A pasta já deve ter descansado bastante; divida-a em duas partes, sendo que a des-

tinada a forrar a fôrma deve ser 2 vezes maior do que a de cobri-la. Abra a parte da massa maior e cubra com ela o fundo e os lados da fôrma. Espalhe sobre a massa — no fundo da fôrma — um pouco de queijo ralado.

6 — Arrume por cima metade do espinafre, espalhe mais queijo, ponha o fígado de galinha picado numa camada, outra de espinafre, uma terceira de ovos cozidos, cortados em rodela, e mais queijo ralado.

7 — Abra a massa restante, num disco do tamanho da fôrma do pastelão, e cubra, apertando bem as bordas para que ao assar não se abra. Com a massa restante corte tiras, para enfeitar o pastelão.

8 — Bata um ovo ligeiramente e com um pincel pincele todo o pastelão por cima.

9 — Asse em forno quente, cerca de 20 minutos. Sirva quente.

NOTINHAS ÚTEIS

Um creme muito saboroso se obtém batendo fortemente creme de leite com melado grosso. Use-o para acompanhar sorvete, completando a «coupe» com passas sem caroço, nozes moldadas ou amendoim picadinho.

Uma ótima pasta para deixar como novas as suas panelas de alumínio, prepara-se facilmente em casa, misturando fubá grosso com vinagre. Depois, enxágüe-as e ponha para secar.

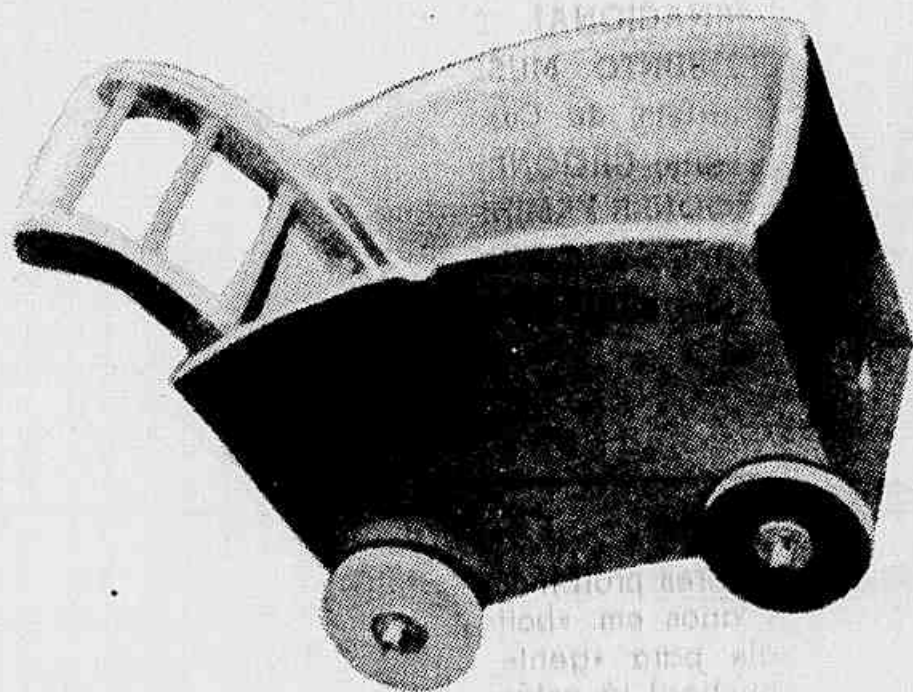
Para não ficar com os dedos encardidos, ao descascar batatas, faça-o numa bacia grande,

com as mãos e as batatas mergulhadas dentro d'água.

Não ponha fora as folhas mais tenras que acompanham o buquê da couve-flor. Cozinhe-as e sirva-as refogadas como qualquer outra verdura. São saborosas e nutritivas. Também são deliciosas para sopas de legumes e caldos verdes.

Se o forno de seu fogão está com mau cheiro, por se ter queimado dentro alguma coisa, espalhe por dentro do mesmo um pouco de sal comum, que o cheiro desaparecerá.

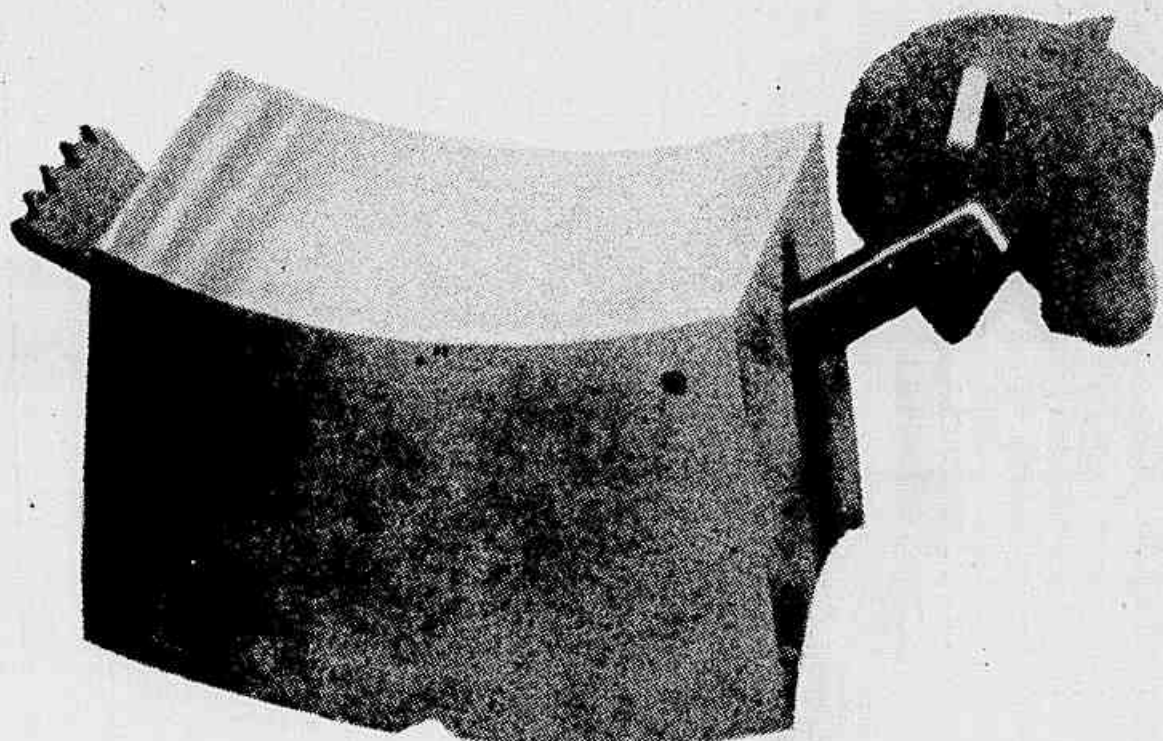
SUGESTÕES PARA O LAR



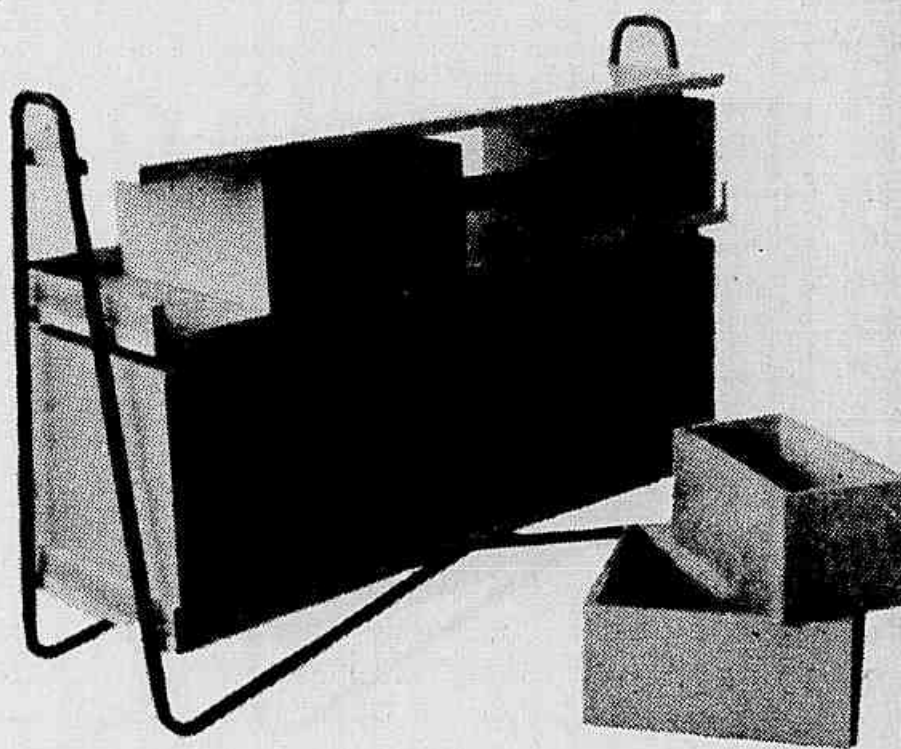
Carrinho e, ao mesmo tempo, depósito de brinquedos.

Aí dentro cabem inúmeras «preciosidades» infantis, que, assim, não precisam ficar espalhadas pelo chão. A própria criança poderá levá-las para onde quiser, bastando empurrar o carrinho.

Banco e cavalinho de brinquedo, onde a criança pode se balançar sem perigo



Eis algumas peças de mobiliário para quarto de criança realmente interessantes. Ao mesmo tempo que têm a sua utilidade prática, servem, também, de brinquedo.



Três prateleiras com uma porção de caixas para as «miudezas infantis».

Mais tarde, sem as caixas, poderá servir de estante para os primeiros livros escolares.

OS MELHORES DA NOITE CARIOCA

♦ Braga Filho, jornalista detentor do segredo de como abiscoltar os prêmios de reportagens da nossa gloriosa Prefeitura, enviou ao Augusto Mister uma lista de vinte perguntas, para que a opinião do escriba de todos vós se fizesse sentir na eleição dos «melhores da noite carioca», no ano que se foi e não deu o «tetrá» ao Flamengo. E foi com satisfação que Mister Eco viu dezenove das suas vinte respostas plenamente vitoriosas, o que não deixa de ser um bom escorço. Assim votou Mister Eco: O MELHOR «SHOW» foi o «Holliday on Ice», de Sonja Henie. Espetáculo deslumbrante, ricamente vestido e jamais visto nestas plagas, em que a titular aparecia tão somente para justificar um passado glorioso. Sonja Henie, aliás, quando estava no melhor da festa e faturava milhões no Maracanãzinho, recebeu telegrama dos Estados Unidos, arremou as malas, foi-se tãda e nem deu «good-bye» para os indígenas. E' que a mirrada Sonja sentia os primeiros bafejos das brisas outonais e dulcidianas e não perdeu tempo: casou-se. Quem venceu o páreo da MELHOR VEDETA foi Neyde Landi contra o voto de Mister Eco em Rose Rondelli, que está com furos acima da vencedora. Grande Otelô, que parece agora ter tomado juízo, foi, inequivocamente, O MELHOR ATOR. O Augusto Mister já havia antecipado o seu voto para A MELHOR «SHOW-GIRL», dando-o a Gina Le Feu, quando escolhida como «a moça da semana» nesta NOITE VADIA. O MELHOR TEXTO DE «SHOW» foi para Francisco Anísio, pelos diálogos de «Rio... de Janeiro a Janeiro», coisa que pouca gente sabe, pois o seu nome, como de praxe em «show» de Carlos Machado, tem sido escondido. A MELHOR MÚSICA DE «SHOW» é a do maestro Antônio Lopes em «Quem comeu foi Pai Adão». Muito bem fica a láurea de MAIOR REVELAÇÃO com as excelentes Irmãs Marinho, vindas da «Brasiliã» para fazerem grande sucesso no Night and Day, no Copacabana Palace, no teatrinho Follies e, agora mesmo, salvando da chifrreira o «show» do tal Nickbrócoli Ball. A sra Gisela Machado garantiu o seu lugar como a responsável pelo MELHOR GUARDA-ROUPA. Em média, todos os «shows» em que figurou o nome da sra. Gisela Machado foram bem vestidos. Uma verdadeira Fada do Bom Gosto. Como MELHOR ATRAÇÃO NACIONAL, o harmonioso conjunto vocal Trio Irakitã, capitaneado pelo moço Edinho, por alcunha o «Sapo Feliz», nas noites do «La Crémallière». Foi Edith Piaf quem sacudiu a modorra do Copacabana Palace como a MELHOR ATRAÇÃO INTERNACIONAL. Feia, minúscula e mal ajambrada, mas dona de uma personalidade artística impressionante, a Piaf, cantora antes de tudo para ser «vista», quando assomava ao palco do Copa e começava a cantar, acontecia um milagre: virava anjo! O MELHOR CONJUNTO MUSICAL foi o de «Carlinhos e seu Trio»; da «boite» Fiesta, mas que, por muito tempo, tocou para os fantasmas do Maxim's, que é um bar bem ruizinho. O MELHOR PIANISTA continua a ser o gordo Elpidio, dividindo as suas atividades entre o Studium e a Fiesta. A MELHOR CROONER foi Mara Abrantes e ainda não apareceu outro para substituir Louis Cole, como o MELHOR CROONER. Com tãdas as cenas de pugilato, com todo desconforto, com os preços excessivamente altos, o Sacha's conseguiu conservar-se como A MELHOR «BOITE», o que, por isso mesmo, ratifica a sua classe. Como MELHOR BAR seja o «Cangaceiro», embora de frequência diminuída após a saída de Mara Abrantes mas conservando sempre a boa diretriz. MELHOR SERVIÇO é o do Copa. MELHOR COZINHA INTERNACIONAL é do «La Crémallière». MELHOR «MAITRE» é o Costa da Fiesta e MELHOR BARTENDER é Aristides do Sacha's. Mister Eco passou de leve nestes quatro últimos propositadamente, citando-lhes apenas os nomes, mas cujas atividades foram realmente dignas de louvor no ano transato — se isso é palavra que se escreva. O assunto, porém, como sabem, é da alçada dos picadinho-relations...



ROSE RONDELLI
Voto vencido de Mr. Eco.

CONSUMAÇÃO MINIMA

Dando início aos trabalhos do ano letivo, Mister Eco faz saber que se encontra à venda um título de sócio-proprietário do Clube de Regatas do Flamengo. O seu portador, desiludido com as coisas do futebol nesta terra de eunápios e amílcares, vai, doravante, dedicar-se às leais disputas zoológicas — jôgo do bicho mesmo — uma

das poucas modalidades desportivas ainda não conspurcadas na brasileira terra.

★
A vedeta Iris Delmar não quer mais nada com o teatro musical. Entregou-se inteiramente às atividades cinematográficas, pois, ruim por ruim, o cinema é mais cômodo e também dá dinheiro.

★
No arrasta-pés do Waldorf-Astória, apareceu um cantor brasileiro, de nome Chuck Chukrute, cantando «Aquarela do Brasil». Este nome não consta dos arquivos de Mister Eco.

★
Sérgio Pôrto e Francisco Anísio recusaram-se a escrever uma revista para o Teatro de Alumínio, da capital paulista. Acharam o elenco muito pífio.

★
Numa casa da agitada rua Rodolfo Dantas (olha a garrafal!), em Copacabana, vai sur-

gir um restaurante internacional. Cozinhas polonesa, russa, italiana e chinesa. Deve ser o restaurante da ONU...

★
Histórico e deseducado, o ator Rui Cavalcanti, de tantos escândalos em Lisboa onde esteve várias vezes às voltas com a polícia por motivos escabrosos, provocou grande barabada nos camarins do Teatro de Alumínio da paulicéia, tendo sido afastado do elenco. Não toma jeito, o moço. Bom ator, quando o estrelismo lhe sobe à cabeça, o «homem» rui...

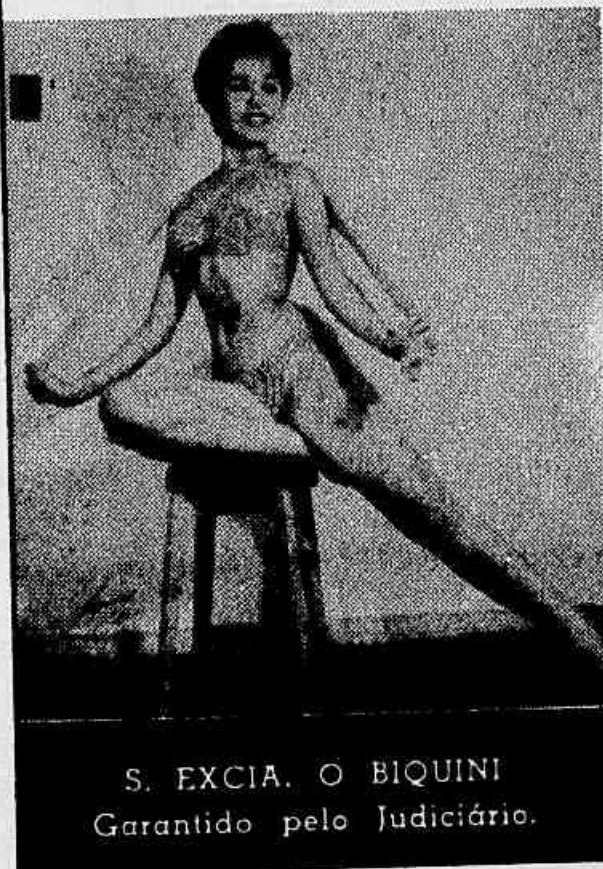
★
Janeiro trará, com grandes festas, a pedra fundamental do novo «Cabeça Chata», à beira da Lagoa Rodrigo de Freitas, precisamente à saída do Corte do Cantagalo.

★
Para São Paulo, seguiram Kalanag, Glória Sem Vós e sua Cia. de Mágicas, de grande sucesso no Teatro João Caetano. Aliás, o número mais espeta-

cular de Kalanag nestas bandas foi aquele da transformação de água potável nas mais diversas bebidas, à vista do espectador. E' verdade que existem outros mágicos por aí transformando mate com creosoto, balmoral, marumbi e outras tranqüibérnias no mais legítimo uísque escocês. As escondidas porém. Sim-sala-bim!



RUI CAVALCANTI
Turbulência na paulicéia.



S. EXCIA. O BIQUINI
Garantido pelo Judiciário.

JUSCELINO-O HOMEM DO ANO

VOTAÇÃO ESMAGADORA E QUE NÃO PRECISA JUSTIFICAÇÃO — A «ÚLTIMA HORA» ELEGEU AS 10 PERSONALIDADES MAIS DESTACADAS DO ANO — O PRIMEIRO FOI JK — OS OUTROS: D. HELDER CÂMARA, ADEMAR FERREIRA DA SILVA, TEIXEIRA LOTT, JOSÉ MARIA ALKMIM, JÂNIO QUADROS, GILBERTO AMADO, SANTA ROSA, NEGRÃO DE LIMA E JOSÉ OLÍMPIO.

♦ Pela segunda vez ouvindo 150 personalidades) a «Última Hora» elegeu o «HOMEM DO ANO». Em 1955 o escolhido foi o gen. Teixeira Lott. Em 1956 o Presidente Juscelino Kubitschek. Escolha justa e merecida, quase não precisaria explicação. Mas assim mesmo alinhemos 10 razões que levaram as personalidades votantes, a sagrar o Presidente Juscelino como o homem do ano.

1º—Afirmção de uma nova política no plano nacional.

2º—Coragem e decisão no comando nos momentos de crise.

3º—Disposição de defender a qualquer preço o princípio da autoridade.

4º—Fidelidade intransigente ao regime democrático.

5º—Capacidade de trabalho e de ação. A maior aliás, até hoje revelada por um Presidente.

6º—Fortalecimento da ação por partidos na vida política nacional, permitindo e ajudando a sua movimentação em defesa dos princípios que adotaram.

7º—Articulação perfeita dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário.

8º—Coragem de enfrentar riscos e tomar medidas impopulares, mas necessárias ao desenvolvimento do país.

9º—Confiança no futuro do Brasil e otimismo ao encarar as condições econômicas do país.

10º—Firmeza ao defender a política do desenvolvimento brasileiro, estimulando o nacionalismo progressivo, e atraindo os capitais estrangeiros que procuram o Brasil para ajudá-lo realmente.

Ao lado do homem do ano, foram eleitos também pela «Última Hora» as personalidades mais destacadas do ano, que também apresentamos em reportagem fotográfica, e legendas explicativas de sua ação no ano de 1956.



Juscelino Kubitschek

150 personalidades e 60 milhões de brasileiros consideraram-no «o homem do ano».

Henrique Teixeira Lott

♦ O general que foi «O homem do ano» em 1955, em 56 continuou como uma das personalidades mais destacadas. Teve um ano agitado, e com altos e baixos. Escolhido ministro da Guerra, empossou-se junto com o Presidente a 31 de janeiro e não parou mais. Mostrou uma evolução surpreendente em relação a si mesmo e à sua carreira militar, apagada e sem grandes lances até 24 de agosto. Neste 56 que se retira, falou em sindicatos, em sedes operárias, deu entrevistas sobre reforma agrária e sobre outros problemas igualmente importantes. Mas teve um fim de ano pouco feliz, e tropeçou na espada de ouro, que alguns aventureiros sub-repticiamente lhe ofertaram. Parece que em 57 sua estrêla vai empalidecer. Pois segundo fontes geralmente bem informadas, não passará da próxima reforma ministerial. Deixará o Ministério da Guerra, e sabemos por experiências anteriores, que fora do Palácio da Guerra poucos generais conseguem manter o prestígio. Mormente, quando, como s. exa., já estão mais para lá do que para cá. Isto é: à beira da compulsória. E em vésperas de trocar a farda pelo pijama listrado. Mas já deu o seu recado histórico.





José Olímpio

◆ É difícil fazer uma legenda para um homem que merece no mínimo um livro, ou uma estátua em cada cidade do Brasil. Pois ninguém fez tanto por este país, pela sua cultura e pelo seu desenvolvimento quanto este paulista calado e seus inúmeros irmãos. Tem 50 anos e no mínimo há 20 é o maior editor do Brasil. 90 por cento dos grandes escritores do Brasil são editados da «casa», como José Olímpio (J.O. para os íntimos) costuma dizer com carinho e orgulho. Ainda não vi ninguém enraivecer com a ternura com que José Olímpio enraivece. Quase chorou no

dia em que o seu falso e enganador «Rubayat», chegou em último, numa prova em que todo o Jôquei Clube esperava que ele fosse primeiro. Nasceu em São Paulo, mas é carioca desde garotinho, tem uma filha (Verinha) que olha para ele com uma devoção que só se vê em quadros bíblicos, e um outro filho que aos 18 anos e sem nunca ter saído do Brasil fala inglês com acento de Oxford e Yale. Veste-se com displicência, vai a boites (de vem em quando), gosta de um pôquer, não fuma, e tem contribuído mais que qualquer outra pessoa para os arquivos de João Condé. Em suma: merecia figurar a vida toda como uma das personalidades do ano: pois é um dos sujeitos de mais sabedoria e de maior equilíbrio que eu já conheci em qualquer tempo. E Deus sabe como eu conheço gente.

◆ 56 foi um bom ano para o embaixador. Escolhido prefeito do Distrito Federal (um dos cargos mais difíceis do Brasil) vem se mantendo impavidamente, sem sofrer o menor desgaste na sua invejável popularidade. Continuou inaugurando praças, jardins e avenidas sem deixar de lado um minuto sequer, o seu impecável gelot. Astro da televisão, campeão de simpatia, vai passando incólume por um cargo que tem destruído muitas reputações. Em 57 suas dificuldades aumentarão. Maiores dores de cabeça neste ano que se aproxima: Metrô, Avenida Radial Oeste, Avenida Perimetral, Cemitério para a Zona Sul, além do crônico e eterno problema da água. Mas este só será resolvido quando o sr. Pereira Braga deixar o cargo, coisa que parece só acontecerá aí pelo ano 2 mil, pois não se sabe que forças misteriosas o seguram.



Negrão de Lima

Enfim, o Distrito está satisfeito e parece que o embaixador (com todos os aborrecimentos) também não está muito descontente com a cidade. Tem freqüentado normalmente o Arpoador, se mantém em dia com todas as necessidades da capital e trabalha intensamente para resolvê-las. O diabo é que lhe entregaram uma cidade com uma arrecadação grande mas com uma despesa (com funcionalismo) ainda maior. E desse duelo (receita x despesa) ninguém consegue sair vencedor. Nem mesmo o embaixador Negrão de Lima com o seu indiscutível «fair-play».



José Maria Alkmim

◆ 56 foi realmente o seu ano. Já ocupou uma dezena de cargos, mas o de ministro da Fazenda foi (não há dúvida) o mais importante de todos. E apesar dos prognósticos contrários, vai se agüentando. Viajou aos E.E.U.U. e Europa, assinou acordos, tentou e conseguiu empréstimos. Espera ser candidato ao governo de Minas na sucessão do sr. Bias Fortes. Mas terá que passar por cima do cadáver dos srs. Paulo Pinheiro Chagas e Tancredo Neves. O que parece tarefa superior às suas forças, sabendo-se que provavelmente deixará o cargo de ministro da Fazenda na próxima reforma ministerial. Voltará então ao Parlamento onde teve um grande ano em 1955. Mas de qualquer maneira, para as suas aspirações políticas o Ministério da Fazenda seria mais interessante. E poderia trazer a vitória.



D. Helder Câmara

◆ Exerceu neste 56 que se despede uma atividade impressionante. Apesar de não concordarmos com o seu plano de recuperação das favelas, reconhecemos que ele foi elaborado com o mais alto espírito humanitário. Mas que não vai funcionar, não vai. D. Helder que nos desculpe a dúvida, que é quase certeza. Fez uma série de palestras interessantes na TV Rio, e esteve sempre à disposição dos necessitados. É um homem de excepcional bondade, vocação autêntica para o sacerdócio que pratica com devoção. Falou-se inclusive que seria candidato a prefeito, mas não acreditamos: afinal os cariocas não merecem tanto. Com ele e com o embaixador Negrão de Lima (que também não será candidato) fora do páreo, a Prefeitura do Distrito vai cair nas mãos dos Mendes e dos Luterós.



Ademar Ferreira da Silva

◆ Foi incluído nesta relação com inteira justiça. Único atleta brasileiro de fama internacional. Ganhou um título olímpico duas vezes seguidas, feito raríssimo no esporte mundial. E se os homens públicos usarem a cabeça e pensarem um pouquinho no futuro de Ademar e de sua família, tentará o tricampeonato olímpico, em 60, na Itália, façanha até hoje jamais conseguida por qualquer atleta. Em 56 apareceu também no teatro, na peça de Vinicius de Moraes, «Orfeu da Conceição». Apesar de mal aproveitado revelou dotes excepcionais para o palco. De uma delegação de mais de 50 pessoas foi o único a marcar pontos em Melbourne. O que não é de admirar, sabendo-se que na delegação iam mais dirigentes do que atletas. É comentarista esportivo (bom), excelente sujeito, sem sombra de máscara, e acha modestamente que pode ganhar novamente na Itália, em 1960. Isso naturalmente se não abandonar antes o esporte. Necessidade, sabeis.



Santa Rosa

◆ Morto, figura na lista das personalidades do ano. E nunca um morto aparece tão bem numa lista de vivos. Foi (no setor artístico) a maior perda de 56. Tanta gente inútil, tanta gente que não faz nada e logo Santa Rosa é que foi morrer. Desapareceu longe de todos, distante dos amigos, numa terra exótica e desconhecida dele e de quase todos os brasileiros: a Índia. Até nisso foi diferente. Bom, camarada, dinâmico, renovador, Santa Rosa não respeitou limites nem especializações. Foi pintor, desenhista, cenógrafo, crítico, e mais uma porção de coisas. Morreu antes de completar 50 anos. Mas trabalhou como se tivesse vivido o dobro. Apesar da fama de boêmio (e Santa o era realmente) foi um infatigável trabalhador. Durante muito tempo quase todos os livros da «Casa» José Olympio traziam capa de Santa Rosa. Sua morte foi sentida de verdade. E isso basta para que choremos eternamente a sua morte. E a sua perda neste ano de 1956.

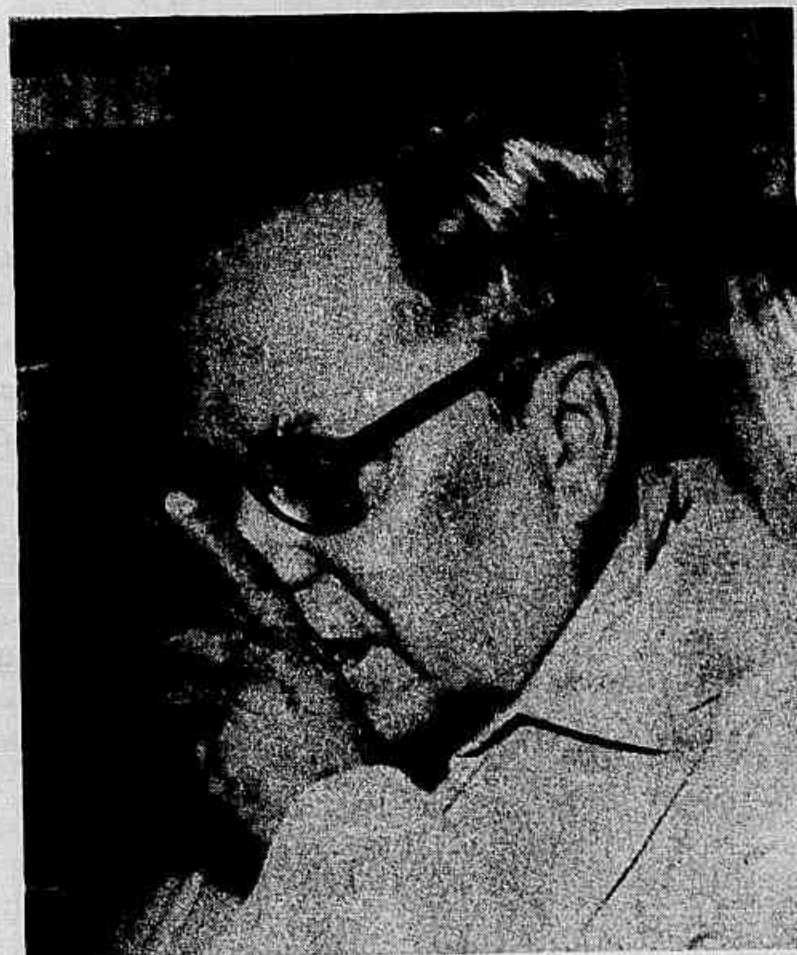


Jânio Quadros

◆ Apesar de ter estado sempre no cartaz, 56 não foi um grande ano para o sr. Jânio Quadros. Começou com algumas atitudes infelizes e terminou com aquela estranha portaria proibindo a entrada de jornalistas no palácio. É um homem perigoso, pois corteja a opinião pública, quase sempre com êxito, além de ser o político brasileiro que melhor explora a de-

magia. Como orador de comício é o mais perfeito do Brasil, mas neste 56 não teve oportunidade de se exibir em nenhum. Em 57 vai jogar a sua grande cartada. Dificilmente deixará de disputar a Presidência da República em 1960. Mas para conquistá-la precisará derrubar antes alguns obstáculos. O primeiro dos quais será a Prefeitura de São Paulo. Se o sr. Ademar de Barros for eleito, os nascentes cabelos brancos do sr. Jânio Quadros crescerão em proporção alarmante. Outra dificuldade: vai passar o governo de S. Paulo em 58 e a eleição para Presidente da República será em 60. O que fará nos 2 anos de intervalo? De qualquer maneira é hoje um dos trunfos da política brasileira. E apesar (ou por causa) de não ter escrúpulos, vai caminhando rapidamente para ocupar o lugar que o sr. Getúlio Vargas deixou. E que está vago até agora. Apesar da carta testamento.

◆ Para um vitorioso, e um dono do mundo, como o mais famoso dos Amados, todos os anos são iguais. E para Gilberto, desde 1920, que os anos que entram e que saem não trazem mais do que vitórias. Vitórias no plano nacional, vitórias literárias, vitórias internacionais, etc. Vem ao Brasil rapidamente, lança um livro, não chega a colher os aplausos, vai embora, volta alguns meses depois com outro livro mais esplêndido do que o primeiro. Namorado da vida, a cada ano que passa fica mais jovem e mais enraivecido com os que se entregam à velhice e seus males. Vai morrer aos 300 anos, sorrindo e com uma flor



Gilberto Amado

entre os dedos. Pois esse é o destino dos favoritos dos deuses. Publicou este ano «Mocidade no Rio e primeira viagem a Europa», que embora pareça impossível, conseguiu ser melhor ainda que o magnífico «Minha infância no Recife». Foi mais uma vez eleito na ONU. Tem a mesma idade que Pedro Calmon. Mas em categoria literária é 2500 anos mais velho.



D. SARA DISTRIBUI FELICIDADE



● Uma legenda sôbre D. Sara poderia conter apenas isso: uma mulher de vontade de ferro e coração de ouro. Quando seu marido foi Governador de Minas, D. Sara era o anjo bom de tôda a cidade. Agora, em um ano apenas de Catete, ela já vai conquistando todo o país. A sra. Sara Kubitschek sucede em bondade, dignidade e amor à coletividade a outra mulher excepcional que passou pelo Catete: D. Darcy Vargas. Em D. Darcy no passado e agora em D. Sara, se cristalizam, se fundem e se consubstanciam tôdas as virtudes da mulher brasileira. E proporcionando um natal feliz a milhares de crianças, D. Sara aumenta e amplia a legenda que trouxe de Minas Gerais. Na foto maior, D. Sara e o Presidente, distribuem brinquedos. Na foto menor, alguns dos pequenos que tiveram um natal feliz por intermédio da primeira dama do país.

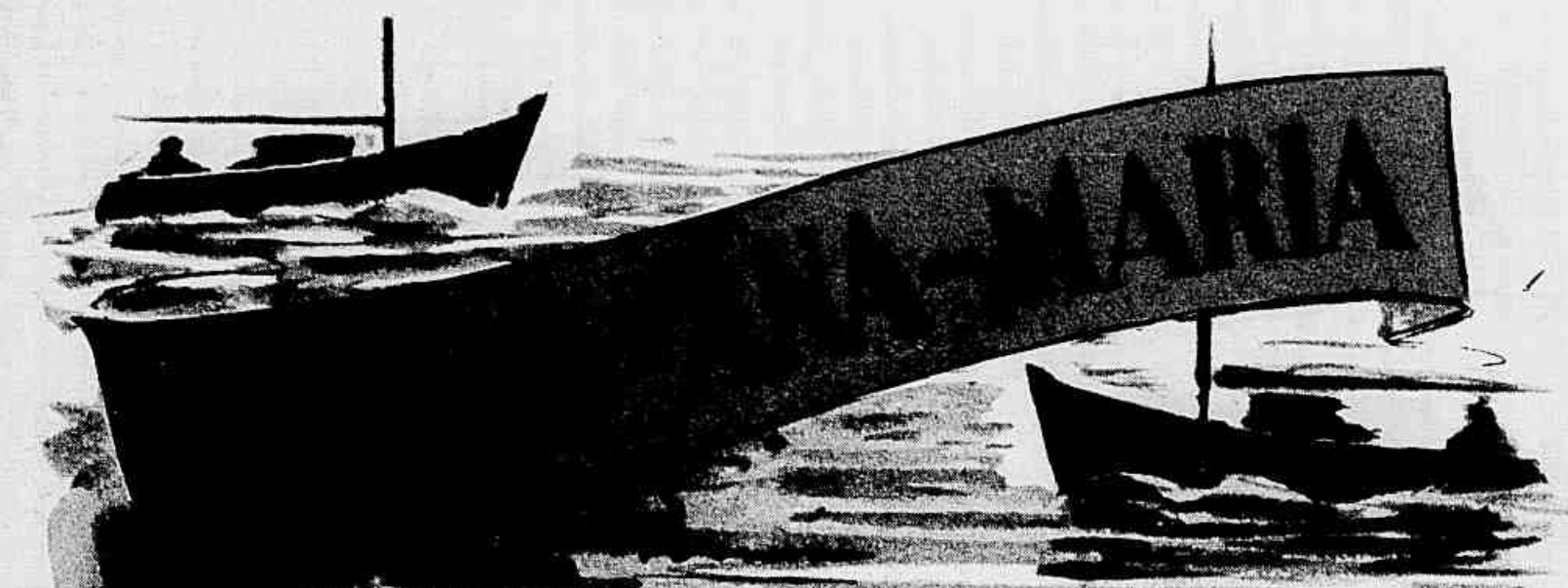
**A FIGURA
EM FOCO**



MARTIN FRANCISCO

Era uma vez o Flamengo,
diz o Vasco, vencedor...
E os louros são do Martin
que o esquadrão preparou.

**MEN
DES**



• Um belíssimo romance ricamente ilustrado, uma história ao mesmo tempo delicada e empolgante. Leia êste romance no ALMANAQUE EU SEI TUDO de 1957 à venda em tôda parte por Cr\$ 50,00. O «ALMANAQUE» é um livro com mais de 300 páginas repleto de assuntos os mais variados. Mas sòmente o romance vale o preço de todo o livro.

Edição da Cia. EDITORA AMERICANA. Rua Visconde de Maranguape, 15 Lapa — Rio de Janeiro.

ALMANAQUE EU SEI TUDO DE 1957

